

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Taluana Laiz Martins Torres

**Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio:
implicações dos sentidos de amor e maternidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Formativos, diferença e valores. Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Salum Moreira.

Presidente Prudente/SP
2007



Dedico este trabalho a todas as jovens que direta ou indiretamente participaram desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A duas pessoas que acredito serem responsáveis diretamente pela execução deste trabalho e que, sem elas, talvez ele não se tornasse realidade: minha tão estimada amiga e brilhante orientadora, Profª Dra. Maria de Fátima Salum Moreira, e Prof. Ms. Gelson Yoshio Guibu.

À primeira, pelas tantas lições, não apenas acadêmicas, mas também de vida, que foram essenciais no meu caminhar, pelo acolhimento, palavras otimistas, pela paciência de me ensinar, de estar sempre aberta para discutir, ouvir e por me mostrar que os sonhos são necessários e possíveis; com certeza, sem sua companhia, esta Dissertação não teria se tornado realidade.

Ao segundo, pelos incentivos, apoio, execução do primeiro projeto de pesquisa que hoje se materializa nesta Dissertação, pelas perguntas sem respostas travadas nos bares de Presidente Prudente, conversas sempre bem humoradas, por sua contribuição psicanalítica que traduzi em minha vida e pelo célebre pensamento, compartilhado com Freud: “A paixão não é uma loucura, mas que parece, parece...”

À Profª. Dra. Renata Maria Coimbra Libório pelas preciosas contribuições e sugestões não apenas no momento do Exame de Qualificação e Banca de defesa, mas durante todo o processo de realização da investigação.

À Profª. Dra. Claudia PereiraVianna pela cuidadosa leitura do projeto de pesquisa, que hoje se materializa nesta dissertação, além da presença na Banca de defesa.

Ofereço este trabalho também à minha família, pois cada um, ao seu modo, mesmo sem saber, se empenhou para me ajudar, nos momentos mais confusos e difíceis da minha vida: à minha mãe, pela sua alegria e ânimo, que contagia a todos os que estão por perto; ao meu pai, que, mesmo distante, sempre se fez muito presente e foi tão importante, na sugestão de caminhos

e alternativas. Agradeço também à minha avó Olívia e à tia Olíria, assim como à minha irmã Tatiana, pelas conversas, momentos de descontração e ajuda nas tarefas da docência; e ao meu irmão Tássio Antônio (adoro esse nome), pelos comentários sempre engraçados, pela sua forma única de ver o mundo, que sempre faz questão de lembrar o legado deixado por nossa família: “A vida é um jogo....portanto, façam suas apostas...”

Ao dedicado Ricardo, que me ensinou a dar realidade aos meus sonhos, pela companhia, amor e conforto, os passeios a cavalo e por me mostrar que precisamos de pouco para ser feliz, porque a vida é simples – nós que a complicamos, sempre. Por toda a ajuda e compreensão, desde as tarefas mais simples às mais árduas. Também agradeço a toda sua família, sempre presente e acolhedora: Dona Fátima, Rose, Lurdes, Jana, Vi, Ju, Fefê, Vivi, Nelson, Rodrigo, Roberto, Sueli, Rangel, André, Arlete...

Às outras duas Fátimas que foram tão importantes em minha vida: minha sogra, pela grande pessoa, acolhedora, sempre preocupada com todos os que têm o prazer de compartilhar a vida ao seu lado, também pelos deliciosos cafezinhos que me despertavam, a cada dura manhã de estudo e trabalho, e pelo exemplo de coragem, dedicação e beleza. À brilhante professora Dra. Fátima Rotta, com quem tive o prazer de trabalhar por algum tempo, durante a Graduação, mas, principalmente, por poder conversar sobre a vida, sobre o mundo e tantas outras coisas que me ensinou.

À galera do “Orgasmo Coletivo”, grupo de teatro musical da Unesp, que compartilhou grande parte das loucuras tão necessárias para nos libertar um pouco do sério mundo acadêmico em que vivíamos, mas que nunca levamos muito a sério: não esquecerei das grandes festas, viagens, conversas, amizades: Carol, Renato, Márcio, Éder, Fábio Júnior, Cogu (Alexandre), Raio (Geison) etc. etc. etc.

Por falar em amizade, não poderia deixar de agradecer a minha grande amiga e companheira Solange, que literalmente “sempre” esteve do meu lado, mesmo que fosse para discordar e me mostrar um caminho diferente, surpreendendo-me com suas reflexões irreverentes, para cada situação da vida. Foi ótimo compartilhar a casa, a Faculdade e o Mestrado com você; com certeza você me mostrou que podemos ver o mundo de outra maneira.

Aos professores doutores Rony Farto Pereira e Maria Otilia Farto Pereira, com quem carrego uma dívida impagável, por todo o trabalho de competente e precisa revisão, realizado em curtíssimo tempo, mesmo em um momento de cuidados com a saúde, meus sinceros agradecimentos.

Também agradeço aos professores da Graduação e Pós-Graduação, especialmente: Divino, Ilíada, Fábio, Arilda, Paulo Raboni, Gelson, Fátima Salum, Alberto, Caetano, Suzana, Renata Libório, Sônia, Fátima Rotta, Cristiano.

Ao pessoal do SIMESPP, representado especialmente nas figuras de Natália e Oséias, que sempre se esforçaram para atender a todos os meus pedidos, mesmo estando sempre muito atarefados. Às funcionárias da biblioteca da UNESP, agradeço pela simpatia e pela ajuda. A todos os funcionários da Faculdade de Ciências e Tecnologia, pessoas com quem tive a oportunidade de conviver diariamente, pelas conversas e ajuda, especialmente: Erynat, Ivonete, Márcia e Washington (Seção de Pós-Graduação), Paula (Graduação), Luciano (Áudiovisual), Ademar (valeu pelos cafés e cigarros) e Dona Maria.

Como não poderia esquecer, às minhas grandes e queridas amigas, hoje tão distantes: Rosane, Rita, Paula e Carol.

Aos meus calorosos e estimados alunos da antiga 4ª B e da atual 4ª A, da Escola Estadual Alberico da Silva César, que vivem me surpreendendo com suas inusitadas perguntas e

sugestões: vocês me ensinam a cada dia o que é ser professora e iluminam diariamente meus caminhos.

Às minhas estimadas colegas e amigas de trabalho, tanto do Projeto Espaço Amigo (Presidente Bernardes), como da Escola Alberico (Santo Anastácio) que, mesmo diante de tantas dificuldades, acreditam na educação pública brasileira e se esforçam para melhorá-la, especialmente à Ednete, exemplo de pessoa companheira e amiga, que sempre me ouviu e me ajudou em tudo de que precisei.

Enfim, agradeço à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, pelo financiamento da pesquisa.

Não digas: "o mundo é belo".
Quando foi que viste o mundo?
Não digas: "o amor é triste".
Que é que tu conheces do amor?

Cecília Meireles

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado se insere na Linha de Pesquisa "Processos Formativos, Diferença e Valores", em uma vertente comprometida com estudos sobre os saberes, práticas e representações que permeiam as relações escolares, considerando-se, de forma particular, os aspectos referentes às questões de gênero, sexualidade, classe, raça e geração. A pesquisa tem como objeto o estudo das trajetórias afetivo-sexuais de seis jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola da periferia urbana de Presidente Prudente/SP, com idade entre 15 e 18 anos. Interessa aos estudos em educação, preocupados com o formação para a vida sexual do(a)s jovens, o reconhecimento de todos os elementos envolvidos com a vivência da sexualidade. Considera-se que, entre estes, existe um aspecto pouco privilegiado nas investigações: aqueles que são referidos aos sentimentos, emoções, desejos e idealizações dos indivíduos. Portanto, objetivou-se tomar o contexto das emoções como elemento central na análise das experiências afetivo-sexuais vividas por essas jovens, o que implicou a interpretação dos significados que cabem aos sentimentos, sonhos e idealizações em torno da maternidade e do amor romântico. Estes foram relacionados com as suas declarações acerca de seus comportamentos, práticas e projetos de vida. A iniciação sexual e afetiva, em suas modalidades do ficar, do namoro, da primeira vez, da gravidez, da vida conjugal e do casamento foram focos especiais de atenção no caminho da pesquisa. Foram utilizados os referenciais teóricos dos estudos sócio-históricos e culturais, para interpretar as múltiplas possibilidades de viver e pensar a experiência amorosa, em um lugar e tempo sócio-históricos determinados. Os procedimentos metodológicos de pesquisa ligam-se às abordagens qualitativas, de cunho etnográfico, sendo os instrumentos básicos para a coleta de dados: questionários, registros das observações diretas em caderno de campo e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados obtidos revelam que a sexualidade juvenil configura-se enquanto um processo de aprendizagem das relações afetivas e relacionais entre parceiros. Nota-se que as práticas, as sensibilidades e os significados concernentes às relações afetivas sofreram muitas mudanças, ao longo do tempo, as quais podem ser percebidas em termos de continuidades/permanências e descontinuidades/rupturas. Nesse contexto, para além das características culturais mais globalizantes, foi observada a presença de múltiplas territorialidades no campo da produção da vida subjetiva e das identidades sociais dessas jovens. As representações que dizem respeito ao relacionamento a dois, pautado no ideal romântico, de casamento e de maternidade são substanciais na forma como elas organizam e conduzem muitas

de suas práticas no campo erótico-afetivo. Por sua vez, o desejo de ter filhos ainda se configura como uma representação extremamente forte e está diretamente relacionado à conquista da felicidade pessoal e conjugal. Desse modo, o ideal de maternidade se traduz em uma forte experiência de gênero, mas também conserva seus recortes próprios em termos de classe e de geração.

Palavras-chave: trajetórias afetivo-sexuais - juventude – maternidade

ABSTRACT

The present Master's Dissertation concerns the Research Line in "Formative Processes: Differences and Values" to a field committed to the knowledge, practice and representations involving school relations which, in a particular way, accounts the concepts concerned to gender, sexuality, class, race and generation issues. The aim of this work is to study the affective-sexual pathways of six High School young students from an urban periphery of Presidente Prudente, SP, with ages between 15 to 18 years. Concerned with the sexual maturation of the young students, the recognizing of all issues connected with the experience of sexuality is of interest within educational studies. Among them, less privileged aspects of the study were considered; the ones related to feelings, emotions, desires and idealization of individuals. Therefore, the context of emotions was regarded as a main element for the affective-sexual experience analysis experienced by these young girls leading to the interpretation of feelings, dreams and idealizations related to motherhood and romantic love issues, further regarded to their statements in behavior, practices and projects of life. The relationship-sexual initiation towards its modalities of personal relationships; making out, dating, first sexual experience, pregnancy, marital life and marriage were specially highlighted in this study. Theoretical references from socio-historical and cultural studies were used to explain the multiple possibilities for the living and thinking concerning sexual experience within a given socio-historical time and place. Methodological procedures of this study are connected to qualitative approaches of ethnographic nature, and questionnaires, records of direct observations in field notebook and semi-structured interviews are regarded as data collection basic tools. Results obtained in the present study show that juvenile sexuality had been reported as a learning process concerning the emotional relationship between partners. It has been observed that the practice, sensitivity and significance related to emotional relationships have experienced changes through time and can be observed in terms of lastingness/maintaining and breaking up/rupture of relationships. Besides the more globalizing cultural features to this issue, multiple territorialities towards the field to yield a subjective life were observed concerning the social identity of said young girls. Portrayals related to couple relationships based upon romantic ideals of marriage and motherhood are fundamental as for their practices on the erotic-emotional field have been established and led. In its turn, the desire to have children is still regarded as an extremely strong portrayal towards the pursuit of the

personal and marital happiness. In this way, the ideal of motherhood reveals a strong gender experience as it still preserves its own features in terms of social class and generation.

Key-words: affective-sexual pathways - youth – motherhood

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por idade, no ano de 2005.

Tabela 2 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por cidade de origem, no ano de 2005.

Tabela 3 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por profissão, no ano de 2005.

Tabela 4 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por estado civil, no ano de 2005.

Tabela 5 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que moram com os pais, no ano de 2005.

Tabela 6 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que possuem filhos, no ano de 2005.

Tabela 7 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por número de pessoas em casa, no ano de 2005.

Tabela 8 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por responsável pela casa, no ano de 2005.

Tabela 9 - Profissões mais citadas das mães das alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

Tabela 10 - Profissões mais citadas dos pais das alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

Tabela 11 - Frequência das emissoras de televisão dos programas preferidos pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

Tabela 12 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que costumam ler, no ano de 2005.

Tabela 13 - Tipos de revistas citados pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

Tabela 14 - Frequência com a qual as alunas do Ensino Médio vão ao cinema, no ano de 2005.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por religião, no ano de 2005.

Figura 2 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por raça/cor, no ano de 2005.

Figura 3 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por renda (em salários mínimos) no ano de 2005.

Figura 4 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que possuem eletro-eletrônicos e automóvel, no ano de 2005.

Figura 5 - Frequência dos tipos de filmes preferidos pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

Figura 6 - Frequência dos estilos de músicas preferidos pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

Figura 7 - Frequência de atividades de lazer das alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
Capítulo I - <i>Juventude, sentimentos e sexualidade: uma abordagem sociocultural</i>	21
1.1 Sexualidade.....	22
1.2 Sentimentos e o Amor Romântico.....	29
1.3 Maternidade e Amor Materno.....	33
Capítulo II – <i>Juventude e gravidez em foco: as jovens e seus contextos de vida</i>	37
2.1 O que é juventude?.....	37
2.2 Gravidez na juventude: um problema social?.....	42
2.3 As jovens em foco: contextos sociais e trajetórias de vida.....	47
2.3.1 O município de Presidente Prudente.....	49
2.3.2 O bairro.....	50
2.3.3 A escola.....	52
2.3.4 Caracterização social das jovens estudantes.....	54
2.3.5 As jovens participantes.....	67
Capítulo III – <i>Trajetórias afetivas: o amor e o desejo</i>	69
3.1 Sobre elas: elas falam, eu falo, nós falamos.....	72
3.2. O amor e seus contratos.....	80
3.3 Do namoro à primeira vez.....	89
3.4 Conversando sobre sexo.....	95
3.5 Sobre o casamento: “Meu marido se quiser pescar, pesque, mas que me leve junto [...]”.....	101
3.6 Gravidez e maternidade.....	113
Considerações finais	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133

BIBLIOGRAFIA143

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B – Questionário

APÊNDICE C – Entrevista

APÊNDICE D – Breve perfil das jovens

A apresentação

Compreender as trajetórias afetivo-sexuais de jovens, a partir de seu contexto sociocultural, das relações interpessoais cotidianas às vivências particulares e mais subjetivas de vida, é a proposta central desta pesquisa de Mestrado. Dessa forma, investigar os sentidos atribuídos ao amor e à gravidez/maternidade, na juventude, constitui-se como um dos caminhos para analisar as implicações de tais elementos, no contexto das práticas e vivências da sexualidade entre jovens mulheres, procedentes de camadas populares, que são ou foram estudantes do Ensino Médio.

A hipótese que fundamentou a idéia inicial da pesquisa foi sendo alterada, durante o seu transcorrer. Inicialmente, o que me preocupava¹ era o fato de considerar um grave problema os índices de gravidez que observava entre garotas que eu identificava como *adolescentes*, ou como muito jovens, para assumir as responsabilidades da maternidade. Entendia que já era muito ampla a divulgação sobre os meios contraceptivos e que, provavelmente, entre os diversos fatores que levavam as jovens a uma gravidez não planejada, havia um fato que pouco era destacado nas investigações até então realizadas. Tratava-se do trabalho de colocar em questão os aspectos afetivos e sentimentais envolvidos tanto com as relações erótico-afetivas como com a vivência da maternidade. A minha primeira hipótese era a de que haveria fortes influências do “ideal de amor romântico” sobre os modos como as jovens se relacionam sexualmente.² Dando seqüência aos estudos bibliográficos, novas questões pertinentes ao campo das sensibilidades foram sendo questionadas, entre as quais a de que estariam ocorrendo novas formas de relacionamento afetivo e sexual, pautadas no descompromisso e na imprevisibilidade, a que o sociólogo Bauman (2004) denomina como “amor líquido”. Questionamos, dessa forma, como esses elementos se conjugam ou se contrapõem ao projeto de vivência das relações afetivo-sexuais das garotas que participam da presente pesquisa. Sobre a gravidez, julgava faltar suficiente destaque em análises que se pautassem pela discussão da própria idéia de como se configuravam, entre as jovens, a idéia de maternidade e o sentimento de “amor materno”. Com o

¹ Ressalto que o texto ora é redigido em primeira pessoa do singular, pois corresponde aos momentos de reflexão pessoal e de pesquisa de campo, ora em primeira pessoa do plural, que equivalem a momentos de reflexão instigados e compartilhados com a professora orientadora da pesquisa.

² Baseada em estudos de Costa (1998), Flandrin (1988), Rougemont (s/d) e Moreira (1999).

desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e por intermédio do encontro com os dados empíricos, portanto, as hipóteses foram sendo revistas, ampliadas e relativizadas, sob determinados termos.

Os resultados obtidos, contudo, não contradizem o pressuposto básico da investigação, quanto à importância em se destacar, na discussão da problemática em questão, o campo das idealizações e sentimentos que incidem e contribuem para a formação da subjetividade das jovens estudadas e para os rumos que tomam suas trajetórias de vida. Entendo que o enfoque proposto permite elucidar, a partir de uma perspectiva diferenciada, a experiência da sexualidade, na contemporaneidade, assim como das suas implicações na vivência do casamento, da gravidez e da maternidade.

Nesse sentido, configura-se como objeto de estudo as experiências vividas por seis jovens, que são ou foram alunas de uma escola pública estadual, situada na periferia urbana de Presidente Prudente, oeste do Estado de São Paulo, com idade entre 15 e 18 anos. Dessas jovens, três garotas já têm filho e outras três não são mães, nem passaram pela experiência da gravidez. A separação das garotas, sob a perspectiva daquelas que vivenciaram a maternidade e as demais que não passaram por tal experiência, permitiu analisar de forma mais acurada o modo como tais práticas amorosas e afetivas, como também da gravidez e maternidade, eram compreendidas e idealizadas pelas jovens, nesse período de suas vidas.

O objetivo central é tomar o contexto das emoções como elemento de problematização das experiências humanas, o que implica considerar os sentimentos e as emoções particulares enquanto elementos capazes de lançar luz sobre os processos históricos e sociais em que se constituem os significados, os comportamentos, o vocabulário e as atitudes de grupos sociais ou indivíduos. Trata-se, portanto, de discutir como os sentimentos se articulam e se manifestam, no plano das idéias e dos comportamentos humanos (ZELDIN, 1991). Tal investigação contribui para os estudos dos problemas envolvidos nos processos sócio-educativos voltados para a orientação e formação das jovens, segundo os compromissos que são capazes de assumir e conforme a sua coerência ou não com os seus projetos de vida futura.

Vale dizer que, quando nos referimos à formação dos jovens, assim como Gomes (2003), estamos nos reportando a um processo de educação mais amplo que não se limita à escolarização, já que esta ocorre em espaços sociais diversificados, tais como o da família, do bairro, do trabalho, da escola, entre outros.

Dessa forma, os trabalhos que pretendem estudar e compreender o universo sociocultural juvenil, para além da instituição escolar³, tornam-se essenciais para a discussão em torno de uma prática educativa, seja escolar, seja não-escolar, considerada relevante e formadora e que “precisa ser estudada nos processos de formação dos professores” (GOMES, 2003).

Muito embora a presente pesquisa tenha se realizado no espaço escolar, ela não se limitou apenas a esse ambiente, tendo em vista que outros espaços e lugares foram destacados, para se analisar os modos de ser, pensar, sentir e agir das participantes do estudo. Além disso, entende-se que o pesquisador que se restringe ao contato com seus sujeitos em espaços isolados, tende a separá-los de seu contexto social, que o pode levar a uma “visão muito restrita do mundo de seus informantes” (FONSECA, 1999).

Para melhor compreender o universo investigado, foram utilizados os referenciais teóricos dos estudos sócio-históricos e culturais. Assim, fazemos uma analogia entre as múltiplas possibilidades de viver e pensar a experiência afetivo-sexual enquanto parte de um lugar e tempo sócio-históricos que, para além de suas características homogeneizadoras, permite observar múltiplas territorialidades, no campo das identidades e subjetividades.

Desse modo, Chartier (1990) enfatiza que a compreensão dos processos de construção das representações sociais deve ser realizada a partir de suas associações com o estudo da diversidade das vivências sociais e culturais mais particulares e cotidianas dos sujeitos: “É no nível da cotidianidade que as práticas e representações são constantemente criadas, recriadas e improvisadas”. Assim, interessa-nos entender como esse jogo de representações e práticas ocorre no campo social e, conseqüentemente, no âmbito individual, pois, mesmo pressupondo a força das idealizações coletivas, também se presume que as representações sociais de cada sujeito ou grupo social devem ser remetidas e analisadas segundo as suas experiências particulares.

Emprega-se uma proposta teórica em que as referências empíricas (fontes) são colocadas em diálogo constante com os estudos sobre a cultura contemporânea e estudos teóricos que abordam o tema dos sentimentos e da sexualidade. Nessa perspectiva, foi muito importante o recurso a um olhar sociológico e, mais do que isso, etnográfico, na busca dos detalhes e

³ Isto é, antes de conhecer e entender o “estudante”, torna-se necessário compreender o “jovem” como ser humano múltiplo e, ao mesmo tempo, singular.

pormenores de cada situação investigada, isto é, buscou-se não apenas o que estava explícito, mas o implícito de cada situação, o não dito.

A pesquisa desenvolveu-se segundo os pressupostos da abordagem qualitativa que, conforme Martins (2004, p.292), enfatiza a análise de “microprocessos”, através de uma investigação acerca das vivências sociais individuais e grupais. Sendo os instrumentos básicos para coleta de dados: questionários, diário de campo para registro das observações diretas e entrevistas semi-estruturadas.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro, de caráter mais teórico, consiste na apresentação e discussão do uso das abordagens socioculturais para analisar os fenômenos envolvidos com as práticas da sexualidade e com as emoções a ela associadas, durante a juventude. Para isso, são abordados tanto os estudos envolvidos com o tema da sexualidade, como outros que discutem a relevância, os propósitos e procedimentos metodológicos necessários ao estudo dos sentimentos; destacam-se, ainda, as discussões acerca do amor romântico e do amor materno.

O segundo capítulo apresenta a discussão referente aos estudos contemporâneos que versam sobre o conceito de juventude, assim como trabalhos que abordam as situações de gravidez, nesse período da vida. Ressaltamos, em seguida, os contextos socioculturais e econômicos observados nos lugares em que se realizou a pesquisa de campo e as trajetórias sociais particulares das jovens participantes da pesquisa. Busca-se avaliar aspectos que permitam uma maior compreensão da inserção social dessas jovens, tanto em função da cidade e do bairro onde moram, como da escola onde estudam.

No terceiro capítulo, distinguimos algumas das particularidades identitárias das jovens participantes, bem como seus traços e características mais pessoais para, em seguida, apresentarmos as categorias temáticas levantadas nas análises empreendidas. Mais especificamente, tais categorias tratam de alguns dos elementos centrais que compõem as trajetórias afetivo-sexuais dessas jovens, como o namorar, o ficar, as primeiras relações sexuais, a influência dos diálogos familiares e entre pares, assim como o casamento, pensados em função de seus ideais amorosos e de maternidade, como também de seus projetos de vida familiares e de trabalho.

Por fim, após as considerações finais, são apresentadas as referências bibliográficas e bibliografia, seguidas dos seguintes apêndices: A) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; B) Questionário; C) Entrevista semi-estruturada; D) Breve perfil das jovens.

CAPÍTULO I

Juventude, sentimentos e sexualidade: uma abordagem sociocultural

[...] os pensamentos, embora possam parecer grandiosos, jamais serão grandes o suficiente para abarcar a generosa prodigalidade da experiência humana, muito menos para explicá-la.
(BAUMAN, 2004)

Neste capítulo, discutiremos, inicialmente, alguns dos caminhos teóricos propostos por determinados pensadores do campo da sexualidade, mais especificamente autores das ciências sociais, já que seus trabalhos permitem uma leitura elucidativa do contexto no qual se insere esta pesquisa. A seguir, são apresentados os estudos realizados em torno da discussão de outra problemática que, nesta pesquisa, foi associada à vivência da sexualidade, qual seja, a questão dos sentimentos, com ênfase no amor romântico e no amor materno.

Em relação ao tema da sexualidade, destacamos, mais especialmente os estudos de sociólogos como Gagnon & Simon (1973), Gagnon (2006), Giddens (1993), Bauman (2004) e Bozon (2004). Por outro lado, a contribuição de estudiosos provenientes de outras áreas do conhecimento, como Foucault (1979; 1988) e Weeks (1999) não devem ser ignoradas e, embora muitas vezes os olhares e lugares teórico-metodológicos apresentem um viés diferente, ainda assim são importantes para entender as principais idéias sobre como a sexualidade vem sendo entendida e analisada.

1.1 Sexualidade

Em *A transformação da intimidade*, o sociólogo Anthony Giddens (1993) trata das mudanças ocorridas na esfera emocional, inscritas no contexto da modernidade ocidental. O autor compreende a sexualidade como uma elaboração social, diretamente relacionada com o poder e qualificada como sendo maleável e reflexiva⁴ :

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós tem ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (GIDDENS, 1993, p.25).

Assim, o caráter reflexivo da sexualidade é designado como “sexualidade plástica”; considerada mais livre, ela se torna uma qualidade dos indivíduos e de seus relacionamentos. Outra característica fundamental dessa plasticidade é a desvinculação entre sexo e reprodução, dado o desenvolvimento de diversos métodos que impedem a gravidez, a partir do século XX. Essa última característica, segundo a análise, tem relação estreita com a prática sexual das mulheres, que passam a participar do jogo sexual tendo em vista uma outra perspectiva, a do prazer.

Nesse contexto, a vivência da sexualidade pelas mulheres teria sofrido profundas mudanças, especialmente quando a relação entre prática sexual, gravidez e parto – e muitas vezes, morte - se rompeu. Esse fato levaria a transformações radicais na intimidade, em grande parte da sociedade ocidental contemporânea, principalmente no que se refere à emancipação do “relacionamento puro”, entendido pelo autor da seguinte forma:

⁴ Reflexiva, porque passa a fazer parte das práticas dos indivíduos e grupos sociais.

Uma situação em que se entra numa relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com a outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Para a maior parte da população sexualmente “normal”, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro. (GIDDENS, 1993, p.69).

Sendo assim, as características desse tipo de relacionamento seriam a igualdade sexual e emocional e, conseqüentemente, as mulheres teriam passado a reivindicar o próprio prazer sexual.

É preciso destacar, porém, que vários outros estudos, especialmente no âmbito das críticas feministas sobre os direitos reprodutivos, têm enfatizado os mecanismos de poder e interdição aos quais são submetidas as mulheres, nessa esfera da vida, que as enreda, e ao seu corpo, nas tramas das relações de gênero (ÁVILA & GOUVEIA, 1996; BARBIERI, 1991; STOLCKE, 1991).

Vale dizer que, quando nos referimos às questões que envolvem “gênero”, estamos nos reportando ao conceito apresentado por Scott (1990, p.14). A autora define *gênero* como “um dos elementos constitutivos de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, assim como ressalta que se trata de uma categoria de análise dos processos da vida social, que implica o modo como a representação do poder se exerce no interior dessas relações. Conforme Scott (1990, p.15), tais concepções não são fixas, muito menos permanentes, já que estão inscritas numa determinada ordem social, intimamente relacionada ao movimento das instituições e práticas políticas, em que são construídas as “identidades de gênero”. Nessa perspectiva, torna-se interessante discutir não apenas como as identidades de gênero e as identidades sexuais estão relacionadas, mas também o seu caráter plástico e maleável. A meu ver, esse caráter é determinado tanto em função dos dispositivos culturais mais amplos como também do modo com que se delineiam as experiências sexuais particulares e cotidianas.

É de grande importância atentar para o que, além de Scott, também destacam autores, como Lauretis (1994, apud LOURO, 1997, p.31, 33), isto é, para o perigo das simplificações contidas em oposições binárias e fixas entre o “masculino” e o “feminino”, de modo que as diferenças são concebidas em função da medida em que o homem é sempre o padrão, a referência de todo o discurso legitimado (LAURETIS, 1986). Tal fato se traduz em um pensamento dicotômico, cuja lógica precisa ser implodida, pois, segundo esta, “usualmente se

concebem homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão”, em que se afirma o homem é sempre o dominante e, a mulher, sempre a dominada (LOURO, p.31, 32). Seguindo as proposições de Jacques Derrida (apud LAURETIS, 1986), a desconstrução dessas dicotomias pode ser feita “problematizando a constituição de cada pólo, demonstrando que, na verdade, cada um supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é único, mas plural, mostrando que cada pólo é, internamente fraturado e dividido” (ibidem).

Assim, segundo Louro (1997), é necessário problematizar não apenas “a oposição rígida dos gêneros”, mas, sobretudo, “a unidade interna de cada um” de modo a observar que “cada um desses pólos é também internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, mas podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras)” (ibidem, p.32).

Porém, é importante destacar que não se deve radicalizar as análises, percebendo tudo de modo fragmentário e dividido e se perdendo de vista os aspectos comuns e partilhados da cultura. Do mesmo modo, é preciso salientar que o gênero e a sexualidade são aspectos da vida humana que, embora associados, não significam a mesma coisa.

Bozon (2004) entende a sexualidade enquanto uma construção social, a qual acarreta a articulação entre atividade mental e corporal, apreendidas por meio da cultura, e que deve ser entendida para além da esfera biológica. O autor enfatiza o elemento cultural enquanto fator determinante para a compreensão das práticas sexuais e de seus significados. A sexualidade se configura, portanto, como um campo do comportamento humano, aprendido através do contexto social e cultural, que abrange atos, relacionamentos, significados e representações.

Nessa abordagem, é igualmente ressaltada a importância dos processos sociais, culturais e históricos na modulação e construção da sexualidade, processos altamente flexíveis e móveis. Por conseguinte, a sexualidade comporta a experiência pessoal, conjugada a um novo modo de viver a intimidade e a afetividade, no contexto contemporâneo.

Em síntese, o autor infere que a “sociologia das representações da sexualidade” é, necessariamente, um campo fecundo de trabalho (BOZON, 2004, p.15), uma vez que essa abordagem explora aspectos referentes aos saberes, conhecimentos e representações a seu

respeito. Tal empreendimento requer a contextualização social e cultural dos fenômenos sexuais, para organizar relações entre tais fenômenos e outros processos sociais mais gerais.

É importante destacar que, embora reconheça e dê ênfase ao fato de que os fenômenos da sexualidade são cultural e socialmente construídos – não são universais, portanto - Bozon (2004, p.153) faz menção à existência de traços comuns em todas as culturas. Desse modo, observam-se algumas críticas que apontam a presença de traços essencialistas em suas idéias⁵.

O autor explica que as principais diferenças em torno das condutas sexuais referem-se “à organização social das idades e do casamento” e ao sistema de relações de gênero. Sublinha ainda que os indícios mais universais estão ligados aos costumes e representações acerca de determinados comportamentos relacionados à sexualidade; um bom exemplo são as acusações direcionadas às mulheres socialmente consideradas “fáceis”, presentes em todas as culturas. Ainda, segundo Bozon (2004), a vivência da sexualidade, no que tange às relações de gênero, é em grande parte marcada por características nacionais, diferindo muitas vezes de um cenário cultural a outro.

Com referência ao termo “cenários culturais”, utilizado por Bozon (2004) para reportar-se a atitudes concernentes à sexualidade, pode-se assinalar que tal denominação diz respeito a uma expressão teórica mais ampla, conhecida como “*scripts* sexuais” ou “roteiros sexuais”, formulada pelos sociólogos americanos John Gagnon e William Simon (1973).

De acordo com Gagnon (2006, p.409), a teoria dos roteiros foi criada no intuito de lançar mão de um “recurso para descrever o modo como as pessoas praticam o sexo socialmente e para demonstrar a importância dos elementos sociais na prática do sexual”. A esse respeito, Bozon (2004) esclarece que

[...] todas as nossas experiências sexuais são construídas como *scripts*, ou seja, foram ao mesmo tempo aprendidas, codificadas e inscritas na consciência, estruturadas e elaboradas como relatos. Elas decorrem de aprendizados sociais, que resultam menos da imposição de regras e interditos do que da impregnação através de múltiplos relatos que implicam uma sucessão de acontecimentos, e de uma interiorização dos modos de funcionamento das instituições. (BOZON, 2004, p. 130).

⁵Afirma Bozon (2004, p.153): “As atitudes em relação à sexualidade e especialmente os cenários culturais na verdade estão inscritos em uma história social longa, que cria um inconsciente social da sexualidade de transformação bastante lenta, apresentando, ao mesmo tempo, características nacionais e traços mais universais”.

Segundo tais teorias, os *scripts* ou *roteiros sexuais* acabam por descrever os cenários de uma sexualidade possível (BOZON, 2004). Na mesma direção de análise, propõe-se distinguir três níveis de roteirização, que permitem analisar como ocorrem as variações de conduta individual dentro de uma mesma situação socialmente estruturada, isto é, como explicar, na prática, condutas e respostas tão variadas advindas de diferentes indivíduos que compartilham de uma vivência social bastante semelhante? Nos termos da presente pesquisa: como compreender e analisar diferentes formas de lidar, sentir ou relatar situações semelhantes quanto aos relacionamentos afetivo-sexuais, à gravidez e à maternidade?

Nesse contexto, Gagnon e Simon (1973; GAGNON, 2006) propuseram articular, na análise, três tipos de roteiros: os intrapsíquicos, os interpessoais e os culturais. O roteiro intrapsíquico tem como campo de ação o “plano subjetivo da vida mental”, de sorte que pode englobar desde narrativas, planos, lembranças, até fragmentos de desejos:

[...] os roteiros intrapsíquicos têm diversas origens. Muitas vezes compõe-se de versões de cenários culturais que foram improvisadas e, em alguns casos, permanentemente revisadas para atender às exigências da interação concreta [...] à medida que nos aproximamos mais da interação, os roteiros intrapsíquicos costumam tornar-se mais ordenados, assemelhando-se mais a projetos ou esquemas, embora os componentes mentais que motivam a interação possam não ter grande destaque. (GAGNON, 2006, p.226).

Já os roteiros interpessoais “marcam a interface entre a vida de interação e a vida mental”, reportam-se às interações sociais e caracterizam-se por atos, rituais que intervêm nos encontros e manutenção dos relacionamentos, se constituem também como “padrões institucionalizados de interação social cotidiana” (GAGNON, 2006, p.21).

Por outro lado, os roteiros culturais são prescrições coletivas, aprendidas culturalmente, porém internalizadas de forma diferente por cada indivíduo, explica Gagnon (2006):

Podemos pensar nos cenários culturais como guias de instrução que existem no plano da vida coletiva [...] Assim, todas as instituições e arranjos institucionalizados podem ser interpretados como sistemas semióticos por meio dos quais são fornecidos os requisitos e práticas de papéis específicos [...] o indivíduo pode ser tratado como um membro mais ou menos ativo da platéia a que se destinam as instruções sociais e, dependendo de algumas variáveis (como idade, classe, etnicidade), pode ser mais ou menos receptivo à tais instruções. (GAGNON, 2006, p.225).

Os cenários culturais, portanto, dão forma aos roteiros interpessoais e intrapsíquicos, “no contexto de símbolos culturais e papéis sociais genéricos” (id, 2006). Enquanto os cenários culturais e roteiros interpessoais abarcam o domínio público, o roteiro intrapsíquico abrange o domínio privado, de maneira que os três roteiros estabelecem entre si uma interação dinâmica, a qual possui dimensões históricas, culturais e individuais (GAGNON, 2006, p.226).

Vale dizer que, em certa parte, a teoria psicanalítica⁶ foi útil para a formulação de Gagnon e Simon sobre a teoria dos “roteiros sexuais”. A própria noção de roteiro intrapsíquico remete ao termo *psique*⁷, diretamente relacionado à vida mental. Assim, os autores se utilizam da análise de Freud no tocante à vida da fantasia e “da faceta intrapsíquica da sexualidade” (p.22).

Michel Foucault, no livro *A história da sexualidade: a vontade de saber*, discorre sobre a questão da sexualidade a partir do vínculo entre sexo-discurso-poder. Assim, ele ressalta que a história da sexualidade deve ser feita sob o foco da história dos discursos, uma vez que “a ‘sexualidade’ é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente” (1988, p.67); tal prática discursiva é denominada pelo autor como *scientia sexualis*⁸. Para desenvolver esse argumento, no início de sua obra, Foucault faz referências ao modo como a prática sexual era tratada no início do século XVII, confiscada para o interior da família conjugal na função da procriação, em detrimento da maior liberação sexual que ocorria anteriormente a esse período. Nesse sentido, houve a necessidade de se desenvolver técnicas de controle, como os discursos públicos e científicos, que visavam a regular o sexo da população.

Foucault, desse modo, organiza a sexualidade a partir da história das instâncias de produção discursiva, de poder e de saber, ressaltando, ainda, que cada área do conhecimento produz seu discurso e sua explicação sobre o fenômeno da sexualidade, que objetiva o controle

⁶ Embora a psicanálise, teoria elaborada por Freud, tenha sofrido severas críticas, ela se constituiu como uma das influências intelectuais mais marcantes nos estudos da sexualidade humana, a partir de 1920. A discussão central do autor tem como base a teoria do aparelho psíquico; a partir dela, Freud elabora suas formulações sobre o desenvolvimento sexual humano, que leva em conta a hipótese da repressão, já que o desenvolvimento da civilização fundamenta-se no recalçamento das pulsões humanas. O autor considera que o comportamento sexual “é moldado pelo desenvolvimento conjunto de fatores biológicos e ambientais”; nesse sentido, os desejos sexuais entram em conflito com a realidade e com as convenções sociais.

⁷ Psique: Mente, espírito, princípio animador (*Dicionário Oxford de Filosofia*).

⁸ A *scientia sexualis* se configura num procedimento, historicamente produzido pela nossa civilização, de produção de verdades do sexo. Tal procedimento se ordena em função de uma forma de poder-saber específica, que é a confissão (FOUCAULT, 1988, p.58).

dos corpos através desse dispositivo construído historicamente (FOUCAULT apud LOURO,1988).

Compartilhando a mesma linha de pensamento do autor, Weeks (1999) explica que o termo “sexualidade” é empregado para se referir a uma “série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou o corpo e seus prazeres” (FOUCAULT, apud WEEKS, 1999, p.43). Os prazeres corporais estão vinculados, portanto, a “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...” (LOURO, 1999, p.11). São vividos e regulados por determinados dispositivos históricos, são inventados socialmente “a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades” (FOUCAULT, apud LOURO, 1999, p.11-12).

O pensamento de Foucault, consideravelmente difundido entre os estudiosos da sexualidade, continua sendo muito debatido. Desse debate surgiram muitas críticas, algumas das quais destacaremos a seguir. Gagnon (2006) questiona o pensamento do autor, a partir da redução da compreensão da sexualidade à influência dos textos e discursos, explicando que seria um erro considerar apenas o âmbito discursivo, pois o que compõe a vida social são as atuações, de forma que os roteiros se aproximam mais da performance do que do discurso.

Porém, Jeffrey Weeks (apud ESCOFFIER, 1998, p.25), na introdução do livro *Uma interpretação do desejo*, de Gagnon, esclarece que, apesar das críticas formuladas, existem pontos comuns entre a teoria de Gagnon & Simon (1973) e a de Foucault (1988), já que todos consideram que “a sexualidade é regulada pelo processo de categorização e pela imposição de uma grade [...] às várias possibilidades do corpo e às várias formas de expressão que o ‘sexo’ pode assumir” (GAGNON, 2006, p.25).

Giddens (1993, p.34) também critica a posição teórica de Foucault, pois entende que este admite como as únicas forças impulsionadoras da sexualidade o poder, o discurso e o corpo:

Foucault colocou demasiada ênfase na sexualidade em detrimento do gênero sexual; silenciou quanto às conexões da sexualidade com o amor romântico, fenômeno intimamente vinculado às mudanças na família; sua discussão da natureza da sexualidade permanece em grande parte no nível do discurso (GIDDENS, 1993, p.34).

Como salienta Giddens (1993), na discussão sobre a sexualidade humana é importante levar em conta o papel dos sentimentos enquanto um dos elementos constitutivos dos

relacionamentos – conseqüentemente, da sexualidade. É assim que o autor enfatiza o prestígio do amor romântico na transformação da intimidade moderna. Por outro lado, não devemos esquecer que Giddens (1993) elabora suas análises tendo como base, de modo geral, o século XX. Desse modo, apesar da pertinência de seus estudos no contexto atual, recorreremos também a outros autores para complementar e, em alguns momentos, para trazer outras discussões que nos ajudem a pensar o lugar dos sentimentos na vida dos jovens contemporâneos.

1.2 Sentimentos e o Amor Romântico

De resto, na palavra sexualidade há muito mais coisas do que aquilo que ela abrange. O problema não reside tanto em saber quem é que se deita com quem, mas principalmente quais são os sentimentos, as emoções que as pessoas experimentam, o que se passa na cabeça das pessoas. (ZELDIN, 1991).

Grande parte dos estudos sobre as implicações dos sentimentos na organização da vida cultural e na construção das práticas sociais tem sido realizada por historiadores, mas não somente, pois também tem havido a participação de sociólogos e psicanalistas. No campo da história, destaca-se Theodor Zeldin (1991), o qual toma o estudo dos sentimentos e das emoções como objeto central de suas discussões historiográficas. O ponto de vista desse autor sobre o modo como tal questão deve ser abordada é extremamente importante para a definição de caminhos investigativos, nesse campo de conhecimento. Afirma Zeldin (1991) que, nos estudos sobre as “emoções”, é preciso distinguir e buscar as relações existentes entre três dimensões: as formas como a literatura aborda e interpreta o tema, os modos como os teóricos consideram e avaliam as emoções/sentimentos e as atitudes e comportamentos dos sujeitos em relação a essas emoções (ZELDIN, 1991).

Para esse autor, a sexualidade deve ser investigada no contexto das emoções e sentimentos:

[...] uma história das emoções abriria a perspectiva de uma clarificação e de uma pesquisa aprofundada acerca do significado, do vocabulário, do comportamento e das atitudes de emoções particulares [...] Uma emoção suscita manifestações físicas e é preciso ter na mesma linha de conta as idéias ou as palavras a que elas são associadas. (ZELDIN, 1991, p.348).

Ainda conforme o historiador, a investigação acerca das representações e relações humanas não deve ser referida apenas à dimensão das relações de poder determinadas pelas lutas sócio-econômicas. Em seus estudos, Zeldin (1991) privilegia igualmente a investigação e a problematização dos valores éticos e morais, sob o enfoque das pesquisas que analisam a produção das emoções, dos sentimentos íntimos e dos desejos que são experimentados no âmbito da vida pessoal e afetiva dos sujeitos.

Por outro lado, a historiadora Sandra Pesavento (2004) alerta para as dificuldades desse empreendimento, já que os historiadores da cultura devem conceber as sensibilidades como parte central dos processos de representação da realidade, que são “formas pelas quais os indivíduos e grupos, através das emoções e sentidos se dão a perceber”. Apesar de indicar para a dificuldade de se quantificar o mundo do sensível, a autora afirma a importância de que ele seja objeto de estudo, ressaltando a sua incidência nas “formas de valorizar, de classificar o mundo, ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais”. Muito embora não possam ser medidas ou quantificadas, as sensibilidades podem ser avaliadas pela sua “capacidade mobilizadora”, demonstrando a sua “presença ou eficácia pela reação que são capazes de provocar”. Ainda que as “representações sensíveis” se refiram a situações mais abstratas e subjetivas, que podem ser da ordem do “real ou não-real, do conhecido ou desconhecido, do pressentido ou do inventado”, o que deve ser colocado sob discussão e análise é a “experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação”.

Um sentimento que merece destaque quando se trata de problematizar os ideais e emoções presentes nos relacionamentos dos jovens, na atualidade, é o amor. Porém, ao nos reportarmos a esse sentimento, a pergunta de Flandrin (1988) vale ser retomada: “Mas será o mesmo o sentimento que se chama ‘amor’ durante esse meio milênio⁹? Os estimulantes e os objetos do amor permanecem os mesmos? E a conduta amorosa?”. Ainda: o amor é um sentimento natural e universal, isto é, comum a todos os seres humanos, de todas as culturas?

Enfim, várias respostas podem ser dadas a essas questões, porém o que parece unanimidade em relação aos autores examinados e que compõem o *corpus* bibliográfico desta pesquisa, é que as práticas, as sensibilidades e os significados concernentes ao amor sofreram muitas mudanças, ao longo do tempo, as quais podem ser percebidas em termos de continuidades/permanências e descontinuidades/rupturas. Também se entende que, como

⁹ O autor se refere aos séculos XVI a XX.

qualquer outro sentimento, o amor é fruto de uma “construção sócio-cultural” ou, dizendo de outra forma, o amor seria uma “invenção”.¹⁰

Dando ênfase a esse modo de pensar, o psicanalista Jurandir Freire Costa (1998) salienta que

[...] o amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina [...]. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser [...] (COSTA, 1998, p.12).

Costa (1998) analisa a construção histórica do amor romântico até a sua apresentação na contemporaneidade sob a forma que ele denomina de “amor-paixão-romântico”. Tal modelização amorosa, segundo pensa, impõe regras para sua realização que ultrapassa os limites do possível, exigindo dos sujeitos: “um desempenho contraditório em muitos aspectos”.

O caráter coercitivo e contraditório desse amor é dado pelo fato de que ele está relacionado a um ideal de auto-perfeição, o qual, por sua vez, está pautado em algumas exigências irrealizáveis, mas necessárias para se alcançar a felicidade. Entre essas exigências, Costa (1998) destaca: a idealização de um sentimento pessoal, pleno, mágico e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência do sujeito; a depreciação moral do exercício puramente físico da sexualidade; a exigência de uma sexualidade livre e, ao mesmo tempo, submissa ao amor; o estabelecimento da sexualidade como pré-requisito da realização do amor sublime e a exigência de que o indivíduo entregue a sua chance de felicidade à própria sorte, porque apenas ela possibilita revelar a imagem do ser amado, que pode também não ser encontrado, uma vez que se corre o risco de confundir-lo com uma miragem.

Mais recentemente, outras interpretações sobre o tema do amor têm sido produzidas, tais como a do sociólogo Zygmunt Bauman (1998), que verifica como as condições de vida do chamado “mundo pós-moderno” incidem sobre a subjetividade. Segundo o autor, no projeto pós-moderno, a nova ordem social é marcada pela irreduzível incerteza sobre o futuro, já que as estruturas sociais se caracterizam pela incerteza, mobilidade e insegurança¹¹. Dessa

¹⁰ Flandrin (1988) destaca as evidentes modificações na “representação do amor, na atitude da sociedade ao seu respeito [...], no papel da escolha do cônjuge”.

¹¹ Sobre o assunto, cf.: BAUMAN, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

maneira, a lógica das relações humanas se revela cada vez mais contingente e acompanha essas novas condições de vida.

A “síndrome consumista” é assinalada por Bauman (2004) como um valor de vida em evidência, na pós-modernidade, que enaltece a transitoriedade dos desejos e das relações humanas:

Os objetos de consumo são considerados para usar uma vez ou pelo menos por curto tempo; seu poder de sedução está em não terem sido experimentados antes, por isso sua atração se desgasta rapidamente [...] isso se aplica cada vez mais aos chamados ‘bens duradouros’ (carros, computadores, telefones celulares, vestidos, móveis, locais de entretenimento, leituras, músicas – ou parceiros sexuais). A juventude é celebrada porque os jovens, por definição, cumprem esse quesito em ambos os papéis: como consumidores e como objetos de consumo! (BAUMAN, 2004).

Não obstante, o autor explica que o modelo de amor “até que a morte nos separe” vem sendo profundamente questionado nessa atual modernidade líquida, haja vista que uma inédita fluidez e fragilidade marcam todos os tipos de vínculos sociais. O compromisso incondicional parece ser substituído por relações descartáveis e vulneráveis, num ambiente instável: “inscrito numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto, para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea” (BAUMAN, 2004).

Os padrões impostos na busca da felicidade através do “amor romântico” foram reduzidos, de sorte que os tipos de experiências afetivas denominadas “amor” multiplicaram-se: “[...] noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’” (idem, 2004). Esse sentimento passa a ser entendido por meio de uma série de eventos intensos e de curta duração, chamada “amor líquido”.

Essa fragilidade dos laços humanos também está na contramão do amor romântico e traduz as contradições vividas no âmbito social e afetivo; assim, até há bem pouco tempo, tinha-se como pressuposto básico de análise da pesquisa a concepção de que o ideal de amor romântico, intimamente relacionado ao ideal de felicidade, seria um elemento fundamental na constituição dos valores e representações que se conjugam às atitudes e projetos de vida das jovens (COSTA, 1998). Porém, na atual “modernidade líquida”, de mudanças rápidas e confusas, emerge uma nova forma de relacionamento, pautado na satisfação imediata dos desejos, na imprevisibilidade e no descompromisso (BAUMAN, 2004). Por conseguinte, os vínculos, nesse tipo de relacionamento afetivo e sexual, se tornam cada vez mais fluidos e frágeis, substituindo, frequentemente, idealizações e compromissos mais sólidos e duradouros.

Giddens (1993), por outro lado, dirige o nosso olhar para outras dimensões e impactos do amor romântico, especialmente sobre a vida das mulheres. Isto porque entende que tal sentimento é precursor do que ele denomina “relacionamento puro”, isto é, uma relação de igualdade sexual e emocional entre os sujeitos. O amor romântico, que “pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro”, afirma o autor, causou maior impacto sobre a situação das mulheres, já que esteve ligado a outros acontecimentos que marcaram a situação feminina na Europa, no final do século XVIII. Entre eles: a “criação” do lar, a transformação do relacionamento entre pais e filhos e a “invenção da maternidade”. Em consequência, o papel do homem na família se enfraqueceu e as atenções se voltaram para a mãe, que agora passa a ter maior responsabilidade no que tange à criação dos filhos. Com a “invenção da maternidade”, a figura da mãe passa a ser idealizada segundo qualidades relacionadas à feminilidade.

O autor ressalta que o amor romântico era essencialmente feminilizado e estava a serviço da subordinação da mulher ao lar; em contrapartida, ele se configurou como “uma expressão de poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação” (idem, 2003). Assim, a idéia do amor romântico uniu o amor “eterno” ao casamento e à maternidade.

1.3 Maternidade e Amor Materno

É a partir desse tipo de associação, articulando a construção da idéia de família nuclear e de maternidade, que a historiadora Elisabeth Badinter (1985) examina o ideal de amor materno segundo o contexto francês dos quatro últimos séculos. Nesse sentido, ela questiona a imagem construída, que persiste até hoje, sobre a “boa mãe”, aquela que ama incondicionalmente seus filhos e se dedica à maternagem.

No estudo do desenvolvimento das atitudes maternas, a autora afirma que, por cerca de dois séculos, o comportamento das mães era muito diferente: alternava-se entre a indiferença e a rejeição dos filhos. Em seus argumentos, Badinter (1985) aponta como marca dessa insensibilidade vários elementos, entre os quais as elevadas taxas de mortalidade infantil da

época, que justificavam, de certa forma, o desinteresse dos pais por um filho que tinha grandes possibilidades de morrer:

Como seria possível interessar-se por um pequeno ser que tinha tantas possibilidades de morrer antes de um ano? A frieza dos pais, e da mãe em particular, serviria inconscientemente de couraça sentimental contra os grandes riscos de ver desaparecer o objeto de sua ternura. Em outras palavras: valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois. Essa atitude teria sido a expressão perfeitamente normal do instinto de vida dos pais. (BADINTER, 1985, p.85).

A desigualdade com respeito ao tratamento entre os filhos, a recusa do aleitamento e a ausência de um sentimento de infância são fatores importantes reveladores das atitudes maternas, por volta do século XVIII. Numa sociedade em que se dava pouco ou nenhum valor social ao papel da criança e da mãe, as mulheres francesas da época tinham como costume enviar seus filhos aos cuidados de uma ama-de-leite, para “praticar a arte de viver sem filhos” (BADINTER, 1985, p.103).

Contudo, com essa entrega dos filhos às amas-de-leite mercenárias, que chegava a durar cerca de quatro anos¹², aumentam ainda mais os índices de mortalidade infantil, dados os precários cuidados que os bebês recebiam de suas amas¹³.

Foi apenas por volta do final do século XVIII que a idéia do amor materno é exaltada, modificando a imagem e o papel da mãe frente a sua responsabilidade sobre o filho; todavia, para que isso se tornasse uma prática efetiva foi necessário culpar e até ameaçar as mulheres.

Por outro lado, Badinter (1985, p.146) ressalta que o conceito referente ao “amor materno” sempre existiu em todos os tempos, em todas as partes, “mas o que é novo, em relação

¹² Após esse período, os filhos de famílias abastadas, muitas vezes, eram confiados a uma governanta, até os sete anos – “se for menino, é entregue a um preceptor”; em seguida, por volta de oito ou dez anos, o menino é enviado a um internato, para aperfeiçoar sua educação, e a menina para o convento, onde ficava à espera do casamento (BADINTER, 1985, p.132-133).

¹³ Badinter (1985, p.125-126) destaca alguns costumes que, muitas vezes, eram fatais aos bebês: má alimentação e práticas um tanto assassinas, como a “utilização de narcóticos para fazer a criança dormir e ficar tranqüila”, a sujeira e falta de condições mínimas de higiene, pois “as amas deixam por vezes transcorrer semanas sem mudar certas roupas da criança”, o uso do enfaixamento, que possuía algumas vantagens: “evitar a luxação da coluna vertebral, fazer subir a gordura para debaixo do queixo, a fim de que o bebê aparentasse estar mais gordo”; além disso, os bebês eram enfaixados “por medo de que sua moleza provocasse algum acidente, e para crescerem retos e bem formados”, ainda que essa prática atrapalhasse os pulmões e conseqüentemente a respiração, causando muitas vezes convulsões nas crianças. Não obstante, as amas penduravam os bebês em pregos durante horas, para evitar que fossem comidos ou feridos pelos animais da fazenda.

aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade”.

Nas sociedades e culturas ocidentais, entre os séculos XIX e XX, passou-se a produzir um novo imaginário social acerca da maternidade e das relações de gênero. Nesse momento, o conhecimento médico-científico tornou-se o principal produtor e articulador das idealizações e concretizações sobre a maternidade e o lugar social das mulheres. A normatização das práticas sociais, baseadas em saberes médicos, filosóficos, econômicos e políticos, assim como através das várias formas de arte e linguagens também diversas, foi realizada através dos preceitos da puericultura, das políticas públicas, da imprensa e da propaganda.

Segundo tais preceitos, para diminuir os índices de mortalidade infantil era preciso convencer as mulheres de sua importante posição social enquanto mães. Assim, surgiram três discursos distintos, veiculados a públicos diversos, mas que possuíam o mesmo objetivo: confiar às mães a responsabilidade de cuidar e educar seus filhos (BADINTER, 1985, p.149).

O **discurso econômico**, voltado aos homens esclarecidos¹⁴, foi influenciado diretamente pela nova ciência da época: a demografia. Dessa forma, ele exalta a importância da população para um país; por isso, o interesse de diminuir a mortalidade infantil, já que, quanto mais pessoas, mais riquezas seriam produzidas, o que significava também maior poderio militar (ibid., 1985).

O **discurso filosófico**, dirigido a ambos os sexos, caracteriza-se pelo apelo ao amor e à felicidade e é embasado na filosofia do iluminismo, cujas expressões mais marcantes foram a liberdade e a igualdade. Nesse contexto, as relações entre pais, mães e filhos começam a se modificar, “no sentido de uma maior homogeneidade”; a condição da esposa-mãe progride consideravelmente, de maneira que ela se aproxima mais do marido, tendo em vista que a valorização do amor abre caminhos para essa nova relação. Outro elemento que permite essa mudança é a valorização do casamento por amor e não mais por intermédio de arranjos familiares e sócio-econômicos: agora, o ponto culminante da união conjugal é a procriação, “que deixa de ser um dever imposto para se converter na atividade mais invejável e mais doce que uma mulher possa esperar” (ibid., 1985).

¹⁴ Pensava-se que estes exerceriam influência sobre suas mulheres; porém, esse discurso não foi suficiente para convencê-las de tamanho empreendimento.

Enfim, o **discurso intermediário**, voltado principalmente para as mulheres, foi reproduzido à exaustão até o século XX. Ele se baseava na importância da amamentação dos filhos e condenava a prática das amas-de-leite. Rousseau, por exemplo, foi um dos colaboradores desse discurso, ao insistir em reafirmar o papel das mulheres na educação dos homens, desde a infância até a idade adulta (BADINTER, 1985, p. 181).

Apesar de todos esses discursos, Badinter (1985, p.200) explica que a reação das mulheres com referência a eles variou bastante; porém, lentamente¹⁵, elas foram se convencendo sobre suas novas obrigações. Essa mudança de comportamentos consistiu principalmente no novo valor atribuído aos filhos, que passaram a receber mais atenção e cuidados. Conseqüentemente, o papel da mãe, na família e na sociedade, passou a ser central: “[...] a maternidade agora torna-se um papel gratificante pois está impregnado de ideal”.

Em conseqüência, ampliaram-se ainda mais as responsabilidades maternas, pois, ao lado da alimentação, acrescentou-se a educação: “a maneira como educam seus filhos depende o destino da família e da sociedade” (BADINTER, 1985, p.256). Para além dessas obrigações, outras funções também passam a ficar a cargo da mulher: o cuidado com a família e a responsabilidade da casa, que permitiram, de modo sutil e suave, o “enclausuramento” da mulher ao interior do lar (ibid, 1985).

Do dever à obrigação foi preciso apenas mais algum tempo. No século XX, o discurso sobre o amor materno adquire um tom diferente: a mulher já não pode evitar o papel de mãe, sob pena de condenação moral. O desprezo em relação às mulheres que não tinham filhos passou a ser comum, assim como a injúria frente àquela que não os queria (ibid., p.238).

Embora os novos papéis de homens e mulheres, configurados a partir das idéias sobre o “amor materno” e também sobre o “amor romântico”, experimentem modificações constantes, ainda hoje muitas de suas características podem ser observadas, em nossa sociedade. Costa (apud TEIXEIRA, 1999) explica que a ordem médica se utilizou igualmente das concepções referentes ao amor, para regular e classificar as condutas afetivo-sexuais; sendo assim, para os médicos, “ser pai e mãe passou a ser a finalidade última do homem e da mulher” (ibidem).

¹⁵Badinter afirma que, no século XIX, ainda não existe um comportamento materno unificado: grandes diferenças marcavam o comportamento das mães segundo sua classe social. Fatores como os recursos econômicos e a ambição das mulheres condicionam seu comportamento materno.

Por outro lado, as feministas de nosso século foram essenciais na contestação desse desejo “natural” de ser mãe, denunciando a “fabulosa pressão social” que impõe às mulheres a maternidade como única fonte de felicidade e realização pessoal. Porém, como Badinter (1985) enfatiza, entre o discurso e a prática há um abismo que precisa ser ultrapassado; por isso, embora as feministas venham denunciando esse estado de coisas, percebemos que muitas das idéias, apresentadas anteriormente, sobre o ideal de maternidade e do amor romântico ainda alimentam as representações e práticas de homens e mulheres.

CAPÍTULO **II**

Juventude e gravidez em foco: as jovens e seus contextos de vida

Neste capítulo, apresentaremos os estudos contemporâneos que versam sobre o conceito de juventude, assim como trabalhos que discutem as situações de gravidez, nesse período da vida. Destacamos, a seguir, os contextos socioculturais e econômicos observados nos lugares em que se realizou a pesquisa de campo e as trajetórias sociais das jovens participantes da investigação. Busca-se avaliar aspectos que permitam uma maior compreensão da inserção social dessas jovens, tanto em função da cidade e do bairro onde moram, como da escola onde estudam.

2.1 – O que é juventude?

Parte dos estudos e pesquisas que se reportam à questão da gravidez entre a população mais jovem (com menos de 20 anos de idade) remete à denominação de “gravidez na adolescência”, comumente utilizada pela OMS (Organização Mundial de Saúde), a qual considera adolescência o período que compreende a faixa etária entre os 10 e 19 anos (ABRAMOVAY et al., 2004).

Porém, uma outra linha de estudos, mais identificada com o viés sociológico, emprega o termo “gravidez juvenil”, pois pretende enfatizar o conceito de “juventude” enquanto um fenômeno social e cultural, que necessita ser amplamente contextualizado (HEILBORN et al., 2006; ABRAMOVAY et al., 2004). Assim, como a categoria “adolescência”, diretamente relacionada com o conceito de puberdade, é mais identificada com os aspectos físicos e biológicos, ligados às transformações do corpo, à personalidade e à identidade individual, ela é mais empregada pelas ciências médicas, a psicologia e a pedagogia, haja vista que esta última sofre forte influência dos estudos da psicologia, na construção de seus saberes. Já o conceito de “juventude” é mais incorporado pelo campo da sociologia, uma vez que ele está mais associado às funções sociais e culturais. Por conseguinte, Sposito (1997) explica que estudos ligados ao campo disciplinar da Psicologia tendem a adotar a categoria “adolescência”, enquanto os relacionados à área da Sociologia dão preferência ao termo “juventude”¹⁶.

É importante destacar também que alguns estudiosos, como Melucci (1997) e Calazans (2002), referem-se ao período da adolescência enquanto uma das fases da juventude; assim, a adolescência se encontra inserida nessa categoria mais ampla, que é a juventude: “A adolescência, na qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta, inaugura a juventude e constitui sua fase inicial” (MELUCCI, 1997, p.8).

Por levar em conta as diferenças que permeiam o debate acima e a própria opção teórico-metodológica adotada no presente estudo, que consiste em investigar aspectos socioculturais e afetivos, a partir do fenômeno da sexualidade, maternidade e gravidez, optamos por utilizar o conceito de “juventude”, uma vez que essa concepção está mais relacionada com os

¹⁶ Ressalto, porém, que muitos estudos da “psicologia social” têm relativizado bastante as distinções feitas, de forma fixa e binária, entre os dois conceitos.

pressupostos teóricos da pesquisa e, por outro lado, significa trabalhar o tema tal como vem sendo tratado pela sociologia, considerando as diferentes formas como a condição juvenil pode ser vivida e pensada, dentro de uma mesma sociedade, em virtude de seus aspectos simbólicos, sociais, históricos e culturais (ABRAMO, 2005).

No entanto, tal opção não nos isenta de apresentar as principais características, bem como as dificuldades de trabalho e análise do tema, já que a própria categoria “juventude”, como nos alerta Dubet (apud SPOSITO, 2005), é ambígua, porque engloba, ao mesmo tempo, um momento do ciclo da vida e a experiência delimitada pela estrutura social.

Sposito (1997) destaca que qualquer produção em torno do tema “juventude” requer a escolha, ainda que provisória, de uma definição do objeto de estudo, no intuito de nortear seus critérios de seleção. Não obstante, as dificuldades desse empreendimento inicial são inúmeras, pois a própria definição da categoria comporta um problema sociológico passível de investigação (PERALVA, 1997).

Levi e Schmitt (1996), da mesma forma, ressaltam as dificuldades para definir o que de fato seja a juventude, advertindo para a impossibilidade de se encontrar uma definição única, válida para todas as classes e épocas, uma vez que a juventude é uma construção social e cultural.

Desse modo, a juventude parece ser profundamente marcada por processos históricos e culturais, de sorte que limites fisiológicos são insuficientes para explicar tais fenômenos; além disso, a questão da idade, embora bastante útil, também pode ser questionada, tendo em vista que ela é uma condição transitória na vida das pessoas, pois “os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam” (LEVI; SCHMITT, 1996). Bourdieu (1983, p.113) igualmente nos lembra que as divisões entre as idades são arbitrárias, motivo pelo qual “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável”. Assim, conceitos como juventude e velhice são construídos socialmente, na luta entre jovens e velhos.

Nessa perspectiva, na sociedade contemporânea, as construções simbólicas também devem ser incluídas em tal processo interpretativo acerca do conceito de juventude: “As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança” (MELUCCI, 1997). Admitir a existência da diversidade de práticas coletivas entre os jovens supõe o entendimento de que não existe apenas uma juventude e sim

“juventudes” marcadas por relações sociais, culturais, simbólicas e históricas, analisadas em contextos sociais específicos.

Todavia, diversos autores salientam que alguns elementos, percepções e atitudes similares, compartilhados por diferentes setores sociais e que contribuem para a consistência do termo “juventude”, surgindo como marcas geracionais, colaboram para esboçar a condição juvenil, no Brasil atual (ABRAMO, 2005).

Sposito (1997; 2000) ressalta ser a condição de “transitoriedade” (da heteronomia infantil para a autonomia adulta) um aspecto comum, presente na grande parte das análises sobre o tema da juventude, embora reconheça que o modo como ocorre essa passagem aconteça de forma diferente, em função da diversidade de contextos em que é feita. Porém, também a própria noção de transitoriedade vem sofrendo diversas críticas, uma das quais pautada na subordinação da juventude – entendida como instável – à vida adulta - considerada “estática”, estável – muito embora o que caracterize, de maneira geral, as condições de vida atual seja justamente a insegurança, a transitoriedade, isto é, a instabilidade não é um fenômeno que identifica exclusivamente a condição juvenil (ibidem).

A noção de condição juvenil, remetida ao período do ciclo de vida entre infância e vida adulta, igualmente se explica pela passagem da total dependência e necessidade de proteção para o exercício do desenvolvimento da produção (sustento próprio), reprodução e participação (social) (ABRAMO, 2005). Ademais, a juventude constitui-se como fase da vida em que se inicia a conquista da autonomia, caracterizada pela busca da construção da identidade pessoal e coletiva (SPOSITO, 2005).

Ainda que tais marcos, referentes à condição juvenil, sejam uma de suas características mais evidentes, há de se destacar as condições sociais e culturais que influenciam nesses processos e que vêm sofrendo modificações, ao longo dos tempos, como é o caso do prolongamento da escolaridade, a qual muitas vezes pode acarretar também o “prolongamento da juventude”, como é apontado por diversos estudiosos da área¹⁷. Essas transformações estão associadas a significativas modificações nas relações pessoais, segundo Heilborn et al. (2006) enfatizam:

Tais transformações, associadas com mudanças nas relações intergeracionais, que garantem maior autonomia aos jovens sem implicar sua

¹⁷ Sobre o assunto, cf. Galland (1996) e Pais (1994).

independência financeira, produz como consequência o retardamento da saída da casa dos pais e o adiamento da vida conjugal e reprodutiva. (p.40).

Nesse caso, os caminhos trilhados para a entrada na vida adulta tornam-se mais complexos e menos lineares, já que ocorrem de forma singular para cada jovem, dependendo de suas condições materiais de existência, bem como de outros elementos diferenciais, como gênero, raça etc. (HEILBORN et al., 2006, p.41).

Contudo, esse modelo de “prolongamento da juventude” e da escolarização não são suficientes para explicar a realidade de muitos segmentos da sociedade brasileira, mais especificamente das classes populares, uma vez que as desigualdades sociais e regionais marcam as trajetórias desses jovens. Embora os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, examinados por Sposito (2005), confirmem um considerável crescimento do acesso dos jovens à escola, a própria autora alerta para o número significativo de jovens que não conseguem completar o ensino fundamental, por conta de fatores relacionados à desigualdade econômica e social, a qual leva muitos jovens a se inserirem no mundo do trabalho mais cedo, em detrimento da escolarização. Desse modo, o que se verifica é que esse modelo de “prolongamento da juventude”, em razão do processo de escolarização, não se aplica à totalidade dos jovens brasileiros, tampouco à sua maioria (HEILBORN et al., 2006).

Com relação ao exercício da sexualidade, Chamboredon (1985, apud Calazans, 2002) destaca que o retardamento da vida conjugal e reprodutiva, ligado ao modelo de “prolongamento da juventude”, se choca com experiências atuais de antecipação das relações sexuais juvenis. Para o autor, não se trata de um simples prolongamento, mas sim de um processo de “reestruturação e recomposição dos atributos sociais da juventude e das formas de inserção na maturidade nas sociedades modernas” (ibidem).

Abramo (2005) considera essa possibilidade de iniciação e desenvolvimento de uma sexualidade ativa pelos jovens enquanto uma mudança histórica de comportamento, a qual, mesmo que seja uma característica mais aceita socialmente, ainda apresenta grandes diferenças, quando se refere às expectativas de comportamento relacionadas ao gênero. Dessa forma, nos dados analisados pela pesquisadora, a porcentagem de moças que se declaram virgens é o dobro, quando comparada à dos garotos.

Para Chamboredon (1985, apud Calazans, 2002), é necessário levar em conta os

discursos adultos que desqualificam os jovens, no intuito de cercear algumas de suas práticas, como a da sexualidade, sob o argumento da “imaturidade juvenil” ou falta de responsabilidade para o exercício pleno de determinados atributos. Nesse caso, a gravidez na juventude pode ser tomada como exemplo: “esse discurso desqualifica a jovem grávida em suas possibilidades de exercício bem-sucedido da gestação e da maternidade” (PAULA, 1999, apud CALAZANS, 2002).

Considerando todas as peculiaridades abordadas pelos estudos apresentados, constatamos ainda que a juventude, para além de ser um momento do ciclo da vida das pessoas, se configura como uma experiência fortemente influenciada pela estrutura social, a qual envolve também as construções simbólicas através das quais os jovens atribuem os significados de suas vidas. Margulis (1996, apud ABRAMO, 2005) explica:

A juventude, como toda categoria socialmente construída, que atende a fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica, mas também tem que ser analisada a partir de outras dimensões: aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais toda produção social se desenvolve. (MARGULIS, 1996 apud ABRAMO, 2005).

A partir da necessidade de delimitação de critérios mais claros voltados para a definição da população investigada, e sem perder de vista certa flexibilidade na sua aplicação, como sugere Sposito (1997), optamos por utilizar o recorte etário, como critério de seleção, embora saibamos que tal procedimento está pautado numa definição provisória. Emprega-se a própria relativização do recorte etário denominado “juventude”, uma vez que as jovens participantes da pesquisa têm entre 15 e 18 anos¹⁸. Todavia, além desse critério inicial, entendemos como essencial abordar as dimensões simbólicas, sociais e materiais que marcam a vida das jovens que fazem parte deste estudo.

Nessa perspectiva, vale dizer igualmente que, das seis jovens participantes da pesquisa, três garotas já têm filho e outras três não são mães, nem passaram pela experiência da gravidez. A escolha dessa população esteve diretamente relacionada com minhas preocupações sobre a problemática pesquisada, já que considerava um grave problema os índices de gravidez observados entre garotas que eu identificava como *adolescentes*, ou como muito jovens, para assumir as responsabilidades da maternidade. Em contrapartida, verificava que já era muito

¹⁸ Nas publicações do Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, considerou-se “juventude” a faixa etária entre 15 e 24 anos. Já a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD) utiliza o recorte entre 20 e 24 anos (PIROTTA, 2002).

ampla a divulgação sobre os meios contraceptivos e que, provavelmente, entre os diversos fatores que levavam as jovens a uma gravidez não planejada, havia um fato pouco destacado nas investigações até então realizadas: os aspectos afetivos e sentimentais envolvidos, tanto com as relações erótico-afetivas, como com a vivência da gravidez e maternidade.

Porém, com intenção de aprofundar as discussões sobre a problemática da pesquisa, foi preciso analisar a literatura que aborda o tema da gravidez entre a população jovem e observar que muitas de minhas concepções e preocupações iniciais estavam pautadas na forma como a “gravidez na adolescência/juventude” foi compreendida e construída historicamente, enquanto um “problema social”. Conhecer essa literatura permitiu atribuir outros significados à questão investigada; significou também ter em vista os componentes socioculturais que envolvem as complexas tramas da sexualidade entre os jovens.

2.2. Gravidez na juventude: um problema social?

Segundo Brandão (2006, p.64), os discursos que envolvem o tema da gravidez entre a população mais jovem tendem a configurá-lo enquanto “problema social”. Nesse sentido, duas vertentes contribuíram para a construção desse discurso: a primeira, derivada das ciências sociais e com marcante influência dos discursos da área da saúde, entendem o evento como um fator de risco para a jovem mãe e para seu filho, enquanto a segunda, proveniente de variadas abordagens teóricas, acrescentam uma multiplicidade de agravantes, as quais vão desde a “perpetuação” da pobreza até a esterilização precoce das jovens mães.

Não obstante, interessa-nos questionar o porquê e a partir de que momento a questão da gravidez na juventude passou a ser tomada um “problema social e de saúde pública”. Para exemplificar essa afirmação, Heilborn et al. (2002, p.17) salientam que esse período da vida foi considerado, durante muito tempo, ideal para as mulheres terem filhos. Moreira (2002, p.113) também destaca a imagem recorrente de avós que se tornaram mães aos 13/14 anos, presente nas histórias contadas através das gerações. Isto é, se pensarmos no contexto em que viviam as mulheres, no Brasil, há uma ou duas gerações anteriores, era absolutamente normal e aceito que elas se casassem cedo e que, conseqüentemente, os filhos também fossem concebidos por volta do período que hoje denominamos “juventude” ou “adolescência”. Contudo, o que antes era

aceito como comum, hoje, com o surgimento de novas perspectivas no que diz respeito à profissionalização e à escolarização entre as mulheres, passa a ser problematizado.

Calazans (2002) observa também o desenvolvimento de um discurso, de caráter biológico, pautado na “ilegitimidade” da gravidez entre adolescentes e jovens, em contraposição à gravidez adulta, interpretada como ocorrente no período da vida ideal para se ter filhos:

Assim é que, se em determinadas épocas históricas, a gravidez na adolescência foi um evento normal e legítimo e, ao longo da experiência deste último século, veio se construindo a noção de ilegitimidade dessa experiência, interpreta-se esse processo em paralelo ao processo de legitimação de outro momento da vida para a efetivação da reprodução biológica: a vida adulta. (CALAZANS, 2002, p.54).

Nota-se que as expressões geralmente relacionadas à gravidez na juventude se referem a *gravidez precoce*, *gravidez não planejada*, *não desejada* etc., de sorte que não é levado em conta que o “não planejamento” e “desejo de não ter filhos” não se configuram como características limitadas à população mais jovem, mas podem ocorrer também com mulheres adultas (ABRAMOVAY et al., 2004).

Brandão (2006, p.62) esclarece que a questão da gravidez juvenil ganha destaque em virtude de algumas transformações ocorridas no contexto social brasileiro. A primeira delas refere-se ao declínio da fecundidade, analisada por Berquó (apud HEILBORN, 2006), para quem dados recentes mostram uma queda em relação à fecundidade das mulheres, em geral; em contrapartida, no período entre 1991 e 2000, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, essa fecundidade aumentou, representando 25% da fecundidade total. Desse modo, a fecundidade da população jovem se realça, já que está na contramão em relação aos demais grupos etários.

Embora as últimas publicações¹⁹ revelem a diminuição do índice de gravidez na juventude, tanto no Brasil – em que houve um declínio de 10,5%, em 2003, segundo os dados do PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – como na cidade de Presidente Prudente/SP – onde a presente pesquisa foi realizada e em que se verificou um declínio de 18%, entre os meses de janeiro a maio do ano de 2005, conforme os números apresentados pela Secretaria Municipal de Saúde do município – esse declínio do número de jovens grávidas em relação aos anos anteriores se mostra aquém dos

¹⁹ Jornal *Folha de S. Paulo* de 19/06/2005, de circulação nacional/estadual e Jornal *Imparcial*, de 28/06/2005, de circulação regional. Cf. referências bibliográficas.

índices considerados ideais pelos órgãos governamentais, já que, comparada aos países mais desenvolvidos, a taxa de gravidez entre a população de 15 e 19 anos, no Brasil, continua alta.

Em contrapartida, Berquó (1999, apud CALAZANS, 2002, p.54) chama a atenção para os discursos que “importam” problemáticas sociais de países estrangeiros, sem traduzi-las para a realidade nacional, desconsiderando, dessa maneira, os contextos específicos sobre os quais esses problemas foram construídos e analisados. Segundo a autora, o discurso sobre a gravidez na juventude, entendida pelos órgãos governamentais como “prioridade nacional”²⁰, e que deve ser combatida ou erradicada²¹, “herdam dos EUA uma falsa problemática para o Brasil, já que [...] o crescimento da fecundidade entre as jovens no Brasil não tem a mesma magnitude observada nos EUA”.

Nesse cenário atual, novas expectativas sociais em relação às práticas e ao lugar social a ser ocupado pelas mulheres emergem, em função de mudanças na dinâmica das relações de gênero. Especialmente em relação às mulheres jovens, são várias as exigências, principalmente no âmbito da escolarização, da profissionalização e da vivência da sexualidade desvinculada da reprodução. Tais expectativas circunscrevem a percepção da idade ideal para se ter filhos e colocam a vivência da maternidade, no período da juventude, como um desperdício das oportunidades oferecidas. Heilborn et al. (2002) criticam tal abordagem, porque essas oportunidades muitas vezes não são oferecidas a todos os jovens de diferentes classes sociais e igualmente se supõe como universal esse “projeto de juventude”.

No estudo da produção acadêmica brasileira sobre a temática da gravidez na adolescência, Calazans (2002; 2006) também destaca o caráter negativo a partir do qual o fenômeno é examinado e compreendido. A autora ressalta que os significados atribuídos à gravidez na adolescência, em sua maioria, entendem a sexualidade dos jovens segundo as qualificações de “desvio” e “anormalidade”. Nesse sentido, os discursos acadêmicos tendem a atribuir legitimidade ao exercício da sexualidade exclusivamente aos adultos, já que os jovens não teriam responsabilidade suficiente para realizá-lo. Segundo a análise, o discurso sobre a “gravidez na adolescência” torna público o caráter “desviante” da sexualidade dos jovens.

²⁰A autora se refere às manifestações do Ministro da Saúde da época, José Serra, que, em seu mandato, atribuiu grande destaque ao “problema” da gravidez entre a população de 10 a 14 anos, especificamente, elaborando propostas que visassem ao “adiamento” da iniciação sexual entre as meninas.

²¹ Brandão (2006, p.62) destaca que esse “discurso de controle” mobilizou diversos atores sociais e “reacendeu a polêmica do controle da natalidade sob a alegação de uma alta fecundidade entre jovens pobres”, porém, especialistas na área da demografia, como Berquó e Cavenaghi (2003 apud CALAZANS, 2002), criticaram os equívocos da análise precipitada sobre os dados referentes à fecundidade, no Brasil.

Brandão (apud HEILBORN et al., 2002) enfatiza as representações contemporâneas sobre gravidez na juventude, condensadas nos discursos das diversas áreas do conhecimento, os quais são veiculados tanto pelos meios de comunicação como pelo senso comum. No âmbito da saúde, verifica-se que o evento é construído enquanto produtor de riscos para a saúde materno-infantil; na Psicologia, alerta-se para os riscos psicossociais, isto é, para a falta de capacidade psíquica das jovens para criar seus filhos; e, no contexto social, realçam-se as conseqüências negativas acerca da perpetuação da pobreza dessa população, abandono da escola e precária inserção no mercado de trabalho. Não obstante, esses discursos geralmente limitam a questão da gravidez ao prisma da idade, esquecendo-se de outros aspectos fundamentais. Desconsideram, dessa forma, que tal experiência precisa ser compreendida também em função de múltiplas combinações identitárias, resultantes do modo como se cruzam e se interpenetram as experiências de classe, etnia, geração, sexualidade, religião, gênero, região geográfica etc.

Portanto, essa noção de “problema” associada à gravidez na juventude vem sendo bastante criticada por diversos estudiosos, de sorte que Abramovay et al. (2004) identificam o surgimento de uma abordagem diferenciada sobre o tema e que diz respeito à relativização do fenômeno, atentando para o cuidado com generalizações reducionistas e destacando, em contrapartida, a importância de se levar em consideração os símbolos e significados da experiência da gravidez e maternidade, na vida dos jovens.

Em conseqüência, o presente trabalho não visa a encontrar resultados que possam ser generalizáveis para todos os indivíduos que atravessam uma determinada faixa etária de suas vidas. Mesmo considerando o impacto dos vários discursos, representações e práticas sociais, que modelam a vida das jovens, em geral, esta pesquisa está ancorada na idéia de diversidade enquanto elemento fundamental na constituição e compreensão da experiência humana. Em conseqüência, as explicações referidas a esse momento determinado e fase da vida são buscadas em função da forma como cada indivíduo pensa e atua, no interior de seu meio social concreto e da cultura mais ampla da qual faz parte. Sob tal perspectiva, a questão da “gravidez na juventude” é abordada em consonância com os significados da sexualidade, gravidez e maternidade para as jovens em foco, tendo-se em vista, também, a especificidade dessas representações, a partir da forma como se entrelaçam com os demais aspectos simbólicos a elas relacionados. Entre tais aspectos, destacamos as idealizações amorosas erótico-afetivas e as

de maternidade e buscamos suas aproximações, mesmo que ainda relativas e parciais, com as idealizações quanto à “felicidade” e quanto aos projetos para a vida presente e futura.

Calazans (2005), por meio da análise dos dados de uma pesquisa nacional, constatou que 10% dos jovens entrevistados referiram ter planejado seus primeiros filhos; assim, a autora ressalta a importância de investigar os significados atribuídos à vivência da gravidez e maternidade, no período da juventude, no sentido de compreender em que medida, e em quais contextos, a maternidade se configura como um projeto de vida legítimo para os jovens.

Os pesquisadores mexicanos Stern e García (1999 apud BRANDÃO, 2006), na investigação do tema, privilegiam o enfoque sócio-construtivista da sexualidade. Nessa perspectiva, eles ressaltam as “dimensões socioculturais da sexualidade adolescente: a subjetividade dos atores sociais, as relações de gênero, as redes sociais etc”. Sendo assim, abordam o evento segundo a ótica dos significados referentes à sexualidade, alegando a importância de uma modificação na forma como os adultos percebem a sexualidade adolescente.

Não se pretende delimitar a questão da gravidez juvenil enquanto problema ou solução, porque o mesmo fenômeno pode comportar esses dois prismas. Considero, então, que as preocupações do âmbito da saúde pública, bem como da área social, são relevantes e merecem a atenção que têm recebido em inúmeras pesquisas.

Porém, também é necessário analisar a gravidez juvenil tendo em vista o modo como os jovens vivem e pensam sua sexualidade. As idealizações a respeito dessas questões são tão relevantes quanto as práticas experimentadas, pois os jovens se apropriam, constroem e re-significam suas identidades e formas de subjetivação conforme vivenciam, no decorrer de suas vidas, as suas diversas práticas e experiências afetivo-sexuais. Investigar as formas de pensar, viver e sentir a experiência da gravidez juvenil significa considerar esses significados e idealizações, na tentativa de elucidar questões que envolvem o tema.

2.3 – As jovens em foco: contextos sociais e trajetórias de vida

Após a apresentação e discussão referente aos estudos contemporâneos que versam sobre o conceito de juventude, assim como trabalhos que abordam as situações de gravidez, nesse período da vida, partirei para a exposição e contextualização do espaço no qual a

investigação foi realizada.

Antes disso, porém, considero importante ressaltar quais foram os pressupostos metodológicos da abordagem qualitativa, segundo os quais a pesquisa se desenvolveu. Segundo Martins (2004, p.292), a pesquisa qualitativa enfatiza a análise de “microprocessos” através de uma investigação acerca das vivências sociais individuais e grupais. Tal abordagem visa a melhor apreensão e compreensão da realidade social, por meio de um denso exame de dados, tanto em extensão quanto em profundidade, sendo que esse mergulho analítico permite ao pesquisador produzir explicações a respeito do problema que motivou a investigação (DUARTE, 2002).

Bogdan e Biklen (1994, p.47) elencam cinco características referentes à investigação qualitativa e que se relacionam, em maior ou menor grau, com a pesquisa desenvolvida. A primeira delas diz respeito à fonte direta de dados, que é o próprio ambiente examinado; nesse caso, o instrumento de coleta de dados é o próprio investigador, que recolhe e complementa as informações, a partir do contato direto com os participantes da pesquisa. Assim, as visitas ao local onde foi realizado o estudo são fundamentais, já que possibilitam ao pesquisador compreender melhor o contexto estudado, numa articulação entre o ato, a palavra e o gesto. Esse contexto é essencial para o entendimento das questões a serem investigadas, uma vez que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo ambiente no qual se insere.

Muito embora a presente pesquisa tenha se realizado no espaço escolar, ela não se limitou a esse ambiente, tendo em vista que outros espaços e lugares foram destacados, no trabalho de campo. Além disso, entende-se que o pesquisador que se restringe ao contato com seus sujeitos, em espaços isolados, tende a separá-los de seu contexto social, o que pode levá-lo a uma “visão muito restrita do mundo de seus informantes” (FONSECA, 1999).

Dessa maneira, no ambiente escolar, pude permanecer por períodos maiores, acompanhando alguns intervalos e horários de entrada dos jovens, nos quais ocorreram conversas informais, contatos e interação com as garotas participantes da pesquisa, momentos ricos que contribuíram para o entendimento das relações entre os próprios jovens. Já as visitas domiciliares²² foram muito significativas, visto que permitiram, inclusive, o contato direto com os familiares que, muitas vezes, resultaram em extensas conversas sobre a vida, características

²² As visitas domiciliares foram realizadas com diversos propósitos: além de conhecer o ambiente natural onde estavam inseridas as jovens, bem como suas relações interpessoais com os familiares, também possibilitou solicitar a permissão dos responsáveis para a participação das garotas menores de 18 anos na pesquisa (leitura, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – Cf. Apêndice A), bem como a realização de algumas entrevistas.

personais e rotina das próprias jovens, além de conhecer as condições de moradia, que permitiu elucidar alguns questionamentos iniciais, principalmente em relação à situação socioeconômica das mesmas.

Além desses espaços, saliento igualmente o local de trabalho e a praça do bairro, que, da mesma forma, se constituíram como lugares onde ocorreram alguns encontros e conversas informais com as jovens.

Outra característica fundamental da investigação qualitativa é seu caráter descritivo, ainda que a pesquisa não deva se limitar à descrição dos dados e fatos. Nesse sentido, os dados recolhidos são examinados de forma minuciosa, para não se perder de vista os detalhes das situações, como também sua problematização, já que a descrição é fundamental enquanto primeira etapa do método de recolhimento de dados.

Com isso, o interesse do estudo se centra mais no processo de pesquisa que no seu produto, dada a valorização de cada atividade, encontro e procedimento, pois esses elementos são fundamentais na “construção do objeto”. Duarte (2002), por sua vez, ressalta a importância de se relatar todo o processo de pesquisa, visto que esse exercício fornece aos interlocutores a possibilidade de refazer os caminhos trilhados pelo pesquisador e avaliar com mais clareza as afirmações feitas. Assim, a análise de dados tende a ser realizada de forma indutiva, que significa o exercício de agrupar e inter-relacionar as informações, para que a investigação vá, aos poucos, ganhando forma e sentido (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Por fim, o *significado* é um elemento fundamental, na investigação qualitativa, pois interessa ao pesquisador o modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, apreendendo as diferentes perspectivas dos participantes e lançando luz sobre as dinâmicas internas das situações (ibid.). Nesta pesquisa, esse é considerado o “ponto-chave” para o entendimento das questões referentes à sexualidade, maternidade e gravidez, no período da

juventude, de sorte que os significados são investigados nas perspectivas mais particulares (micro) dos sujeitos, mas sem perder de vista o contexto geral (macro).

Por conseguinte, buscamos avaliar aspectos que permitam uma maior compreensão da inserção social dessas jovens, tanto em função da cidade e do bairro onde moram, como da escola onde estudam, para, a seguir, distinguir aspectos mais gerais, que correspondem ao perfil das jovens estudantes do ensino médio, da escola na qual se realizou a pesquisa. Enfim, apresentaremos algumas particularidades identitárias, traços e características mais particulares das trajetórias de vida das seis jovens selecionadas para participar da investigação.

Assim, foi muito importante o recurso a um olhar sociológico e, mais do que isso, etnográfico, na busca dos detalhes e pormenores de cada situação investigada. Segundo os pressupostos da antropologia clássica, no processo de seleção dos informantes da investigação, o cenário da pesquisa deve se configurar como uma das primeiras escolhas do investigador, como Fonseca (1999) sublinha:

[...] o pesquisador escolhe primeiro o seu ‘terreno’ e só depois procura entender sua representatividade. Chega no campo com algumas perguntas ou hipóteses, mas é sabido que estas devem ser modificadas ao longo do contato com os sujeitos pesquisados. (FONSECA, 1999).

2.3.1 O município de Presidente Prudente

Assim, o lugar escolhido para a realização da pesquisa foi o município de Presidente Prudente, situado no oeste do Estado de São Paulo. Trata-se de uma cidade de médio porte, que, em 2005, contava com cerca de 204.000 habitantes²³. Sua economia gira em torno de atividades relacionadas ao comércio e a “setores de prestação de serviços como saúde e educação” (FERREIRA, 2005, p.78).

Vale dizer que o desenvolvimento do município esteve ligado historicamente às atividades agropecuárias e que faz parte de uma região distinguida por uma tradição política conservadora, autoritária e com relações identificadas como populistas, as quais “permitiram uma ocupação fundiária do território urbano” (SPÓSITO apud LIBÓRIO, 2003). Essas

²³ Segundo dados do IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 13 jan.2007.

características, aliadas a uma base econômica frágil²⁴ e a uma política social caracterizada pelo assistencialismo e clientelismo, tornam o município de Presidente Prudente palco de grandes desigualdades sociais.

Embora Presidente Prudente seja um centro regional importante, sua ocupação geográfica reflete o processo de distribuição habitacional desorganizado das periferias, locais menos assistidos socialmente, onde há ausência de recursos e infra-estrutura básica, que convivem com espaços que contam com melhor estrutura e assistência social (ibidem).

Além do reconhecimento da dinâmica interna do espaço social e geográfico de Presidente Prudente, o principal problema a ser enfrentado, desde o início do trabalho, foi o da definição e delimitação dos sujeitos que iriam compor o universo de investigação. A princípio, fixamos a população que participaria da pesquisa, utilizando o seguinte critério: garotas que estavam grávidas ou que tivessem passado pela experiência da gravidez, no período da juventude. Mas, desse primeiro passo, surgiram diversas questões de ordem prática: quais garotas? Onde encontrá-las? Como chegar até elas?

Assim, numa conversa com uma professora do programa de Pós-Graduação, tive conhecimento do AAVEAS²⁵ - Ambulatório de Atendimento a Vítimas de Exploração e Abuso Sexual - instituição que oferece atendimento voltado a jovens grávidas, no município de Presidente Prudente/SP. Interessada em conhecer o local e o trabalho desenvolvido pela instituição, ocorreram as minhas primeiras inserções na região em que moravam as jovens e estava a escola em que a pesquisa foi, depois, desenvolvida.

2.3.2 – O bairro

²⁴ Spósito (2002) ressalta que foi quase insignificante a participação do município nas atividades industriais do Estado, já que o setor industrial pouco se desenvolveu na região.

²⁵ Instituição de saúde do município, cuja função é a de atender a jovens que vivem qualquer situação de risco e/ou vulnerabilidade referida a sua vida sexual. Apesar do nome, tal instituição, também conhecida como “Casa do Adolescente”, oferece atendimento não apenas às vítimas de exploração e abuso sexual, mas às jovens de modo geral. O ambulatório, localizado num bairro periférico do município de Presidente Prudente, conta com uma ginecologista, uma obstetra, uma hebiatra, uma psicóloga e uma secretária, além de outros estagiários, e é mantida pela Prefeitura Municipal. Dessa forma, todos os casos de gravidez na juventude, constatados na região, são encaminhados para esse ambulatório, que oferece atendimento diferenciado às garotas grávidas.

O ambulatório e a escola situam-se em bairros próximos e fazem parte da periferia de Presidente Prudente. Trata-se de um lugar populoso e que abriga moradias de vários níveis, desde casas de madeira, mais simples, até habitações mais sofisticadas. Nessa região está uma das vias de acesso à cidade, motivo pelo qual algumas de suas ruas desembocam na rodovia Raposo Tavares.

Durante minhas idas à escola e nas visitas que realizava às jovens, em suas casas ou mesmo no AAVEAS, fazia questão de ir *a pé*, para melhor me situar e dirigir minha atenção para os detalhes do lugar. Com isso, observei uma determinada divisão na organização espacial do bairro: as localidades próximas ao AAVEAS, vizinho de uma UBS - Unidade Básica de Saúde - da região, são nitidamente habitadas por uma população de maior poder aquisitivo. Nesse local, as ruas são silenciosas e desertas, há pouca circulação de carros e pessoas, as casas são maiores, geralmente com portões grandes, algumas possuem cercas elétricas, para evitar roubos. Nos arredores, existem duas escolas: uma de educação infantil e outra de ensino fundamental (séries iniciais). Como descrito, o bairro e suas proximidades contam com uma infra-estrutura capaz de garantir o acesso de seus habitantes a serviços básicos, como saúde e educação²⁶.

Em direção ao “interior” do bairro, o comércio é mais expressivo: mercados, padarias, lojas e bares compõem o cenário, ao lado de casas mais simples e de menor porte. Nesse local, percebi que as ruas eram mais movimentadas, havia uma circulação intensa de pessoas. Em minhas passagens pelo bairro, tive a impressão de que todos se conheciam, pois era normal observar as pessoas se cumprimentando e conversando, nas portas das casas e do comércio; assim, minha presença parecia causar um certo “estranhamento” nos moradores²⁷. Sem exceção, todas as garotas que tentava encontrar moravam ao redor desses locais mais movimentados.

²⁶ Nota-se que é um bairro em desenvolvimento. Ressalto que, na época de minhas visitas, nas proximidades da rodovia Raposo Tavares, as ruas estavam sendo asfaltadas. Percebi também que a ocupação geográfica nesse local se desenvolveu segundo uma lógica: quanto mais distante do pequeno centro comercial, onde estão localizados as escolas, o comércio e postos de saúde, mais precárias são as condições de moradia e infra-estrutura.

²⁷ Foi possível perceber esse estranhamento por conta das atitudes e comportamentos de alguns moradores. Minha presença geralmente era notada: nas vezes em que pedia alguma informação, sobre nomes de ruas, por exemplo, muitos informantes, sutilmente, tentavam identificar o que eu estava fazendo no bairro e de onde eu vinha. As perguntas do tipo “Ah, você não mora aqui?” eram comuns.

Nesse processo, localizei²⁸ treze jovens e, a partir das primeiras aproximações com essas garotas, tive conhecimento de outros casos de gravidez entre estudantes de uma escola de ensino fundamental e médio, localizada nas proximidades do AAVEAS. Conjugadas a essa informação, algumas delas, em conversa informal, declararam estudar na mesma escola.

Decidi, então, selecionar três dessas jovens mães, identificadas no AAVEAS, para participarem da pesquisa e, dando continuidade ao trabalho, me dirigi à escola, no intuito de pedir permissão para lá desenvolver a investigação. Tal decisão ocorreu em decorrência do fato de julgar importante situar tais jovens num grupo maior, que compartilhasse características socioculturais semelhantes. Além disso, a escola seria um local privilegiado para a pesquisa de campo, pois lá poderia conhecer as relações interpessoais entre as próprias jovens, a partir de um contexto mais amplo.

Vale dizer, também que, enquanto pedagoga, eu me questionava sobre a influência da escola em relação ao modo como os jovens pensam e significam a questão da sexualidade e da gravidez. Também tinha indagações sobre qual seria o conhecimento dos atores envolvidos, no trabalho escolar, quanto aos valores, princípios e práticas que o(a)s aluno(a)s experimentam, no âmbito da vida sexual e afetiva. Como isso se refletiria na tomada de posição ou em atitudes educativas, no interior da instituição escolar?

Assim, considerei que desenvolver o trabalho no espaço escolar poderia me aproximar, através de um enfoque diferenciado, do modo como essas questões eram vividas e negociadas, na esfera educativa.

2.3.3 – A escola

A escola estadual de ensino fundamental e médio é, nas palavras da coordenadora pedagógica, uma escola “pequena”, se comparada às outras do município. Localiza-se em um terreno de esquina e, em suas proximidades, existe uma praça pública²⁹, com quadras, bancos de cimento, quiosques e parque infantil, constituído de alguns brinquedos feitos de troncos de árvore. Na continuação da rua onde se localiza a escola, há um imenso terreno, com

²⁸ A localização das garotas foi possível por meio de um levantamento realizado através dos documentos do AAVEAS (fichas médicas), sendo que o segundo encaminhamento foi o contato através de telefone e, em muitos casos, por meio de uma visita domiciliar.

²⁹ A estrutura da praça foi finalizada por volta do final de 2005, período em que eu realizava a pesquisa de campo.

declive acentuado, no qual as crianças do bairro soltavam pipas ou jogavam futebol, no período em que as obras da praça pública ainda não estavam concluídas.

A escola é composta por um prédio superior, que abriga as salas de aula e outro, mais abaixo, no qual se localiza a sala dos professores, sala de vídeo e de informática. No térreo, há um terceiro bloco onde está a secretaria, sala da direção e coordenação, conjugada à biblioteca, que fica ao lado do pequeno pátio, onde também se encontra a cantina. O refeitório, cozinha e quadra estão num terreno ainda mais abaixo, destacado dos outros prédios. É uma escola de pequeno porte e agradável, com poucos funcionários, que se esforçam para dar conta de todo serviço³⁰.

Todavia, minha inserção na escola, para os primeiros contatos, foi custosa e difícil, já que não houve intermediários na relação, que precisou ser negociada e construída aos poucos. Realizei os primeiros contatos pelo telefone e depois pessoalmente, conversei tanto com a coordenadora como com o diretor da escola, que, a princípio, se mostraram bastante retraídos e cautelosos. Porém, insisti em continuar o contato, em diversas visitas à instituição: ora para conversar sobre a pesquisa, ora para entregar documentos exigidos por eles. Numa das visitas, a coordenadora verbalizou sua inquietação a respeito da realização da pesquisa, na instituição, porque se preocupava com a questão da “moralidade” das jovens. Notei que seu incômodo se ligava a uma suposta repercussão negativa, que pudesse ocorrer perante a comunidade, em função dos possíveis resultados do trabalho. Considerei pertinentes as precauções e cuidados da coordenadora com respeito à pesquisa, ainda que já tivesse esclarecido todos os procedimentos da investigação, como também os cuidados tomados no intuito de preservar a integridade e o anonimato das jovens participantes, bem como da instituição escolar³¹.

³⁰Essa informação foi constatada a partir de minha inserção na escola; nos momentos de espera, tinha a oportunidade de conversar com alguns funcionários, que geralmente falavam sobre seus encargos e sobre os modos de funcionamento da escola: horários, rotinas etc.

³¹ Como foi informado à coordenadora, os procedimentos utilizados na pesquisa obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Dessa maneira, para a realização das entrevistas, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) às jovens de 18 anos completos. Tal documento, o qual explicita os procedimentos éticos da pesquisa, foi lido e assinado pelas garotas, participantes do estudo. No caso das menores de 18 anos, foi solicitada também a autorização dos pais ou responsáveis, que deveriam assinar o mesmo documento.

Embora apreensiva com a possibilidade do trabalho, na instituição, ser inviabilizado por conta dessas preocupações, persisti cumprindo todas as exigências solicitadas, mostrando-me cuidadosa com os procedimentos que iria empregar e disponível para esclarecer todas as dúvidas. Por fim, a permissão foi concedida, mediante algumas condições. Uma delas foi a de que eu “oferecesse algo em troca”, tal como um curso com os professores ou mesmo com os alunos; assim, sugeri trabalhar com os professores interessados o tema “projetos de vida e gravidez na juventude”, além de divulgar, posteriormente, os resultados da pesquisa.

Resolvida tal etapa, passei a me ocupar com a construção e aplicação do questionário³², com vistas a reconhecer quais seriam as características socioculturais compartilhadas pelas jovens estudantes do ensino médio da escola. Para isso, tomei como base o “Questionário da Amostra” do Censo Demográfico 2000, do IBGE³³. Embora esse instrumento seja rico, no tocante à coleta de informações sociais e econômicas, em relação aos aspectos culturais ele deixa a desejar. Por esse motivo, elaborei as demais questões, que compõem a segunda parte do instrumento e referem-se aos gostos, hábitos e preferências das jovens.

Os questionários foram aplicados no espaço do refeitório, na própria escola: eram entregues às garotas, em pequenos grupos, para que as mesmas os respondessem. Desse modo, foram respondidos por todas as alunas das turmas do ensino médio, que correspondem a duas classes do primeiro ano, duas do segundo e uma do terceiro, no período matutino, e uma sala do segundo e uma do terceiro ano, no período noturno; no total, foram aplicados 65 questionários.³⁴

2.3.4 – Caracterização social das jovens estudantes

³²Cf. modelo de questionário – Apêndice B.

³³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³⁴ Das seis estudantes selecionadas para a pesquisa, apenas aquela que tinha abandonado os estudos não respondeu ao questionário. Observe-se que esta faz parte das jovens que foram contatadas no AAVEAS.

Os dados obtidos a partir dos 65 questionários aplicados às alunas do ensino médio, da escola estadual na qual se desenvolveu a pesquisa, permitiram traçar melhor o perfil social das jovens estudantes. Os questionários foram aplicados nos meses de agosto e setembro de 2005. Para facilitar a visualização e o tratamento dos dados, foram confeccionadas tabelas e algumas figuras, que serão apresentadas e discutidas a seguir.

A maioria das jovens (80%) possui entre 15 e 16 anos, embora apareçam outras idades; observa-se que garotas com 18 anos ou mais estudam, prioritariamente, no período noturno. Outro elemento constatado é: as garotas que têm 18 ou mais, cinco no total, estão cursando o terceiro ano do ensino médio e, entre elas, quatro afirmam ser mães.

Tabela 1 - Freqüência de alunas do Ensino Médio, por idade, no ano de 2005

Idade	Nº de jovens	(%)
15 anos	32	49,23
16 anos	20	30,77
17 anos	8	12,31
18 anos	3	4,61
19 anos ou mais	2	3,08
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Constata-se que a maioria das garotas nasceu no município de Presidente Prudente/SP (78%) e reside, atualmente, ou no próprio bairro ou em bairros também populares, mais próximos à escola.

Tabela 2 - Freqüência de alunas do Ensino Médio, por cidade de origem, no ano de 2005

Origem	Nº de jovens	(%)
Presidente Prudente	51	78,46
São Paulo	5	7,69

Outros - SP	6	9,23
Outros Estados	3	4,62
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Verificamos que a maioria (63%) não realiza nenhuma atividade profissional, dedicando-se apenas aos estudos. Este item chamou a atenção pelo elevado número de garotas que não responderam à questão, sendo que aquelas que deixaram a resposta em branco, em sua maioria, não indicaram sequer que eram estudantes. Por outro lado, duas declararam ser donas de casa - coincidentemente também são mães – enquanto outras indicaram as profissões de secretária, divulgadora, babá, auxiliar administrativa e telefonista, isto é, profissões que exigem pouca ou nenhuma formação profissional.

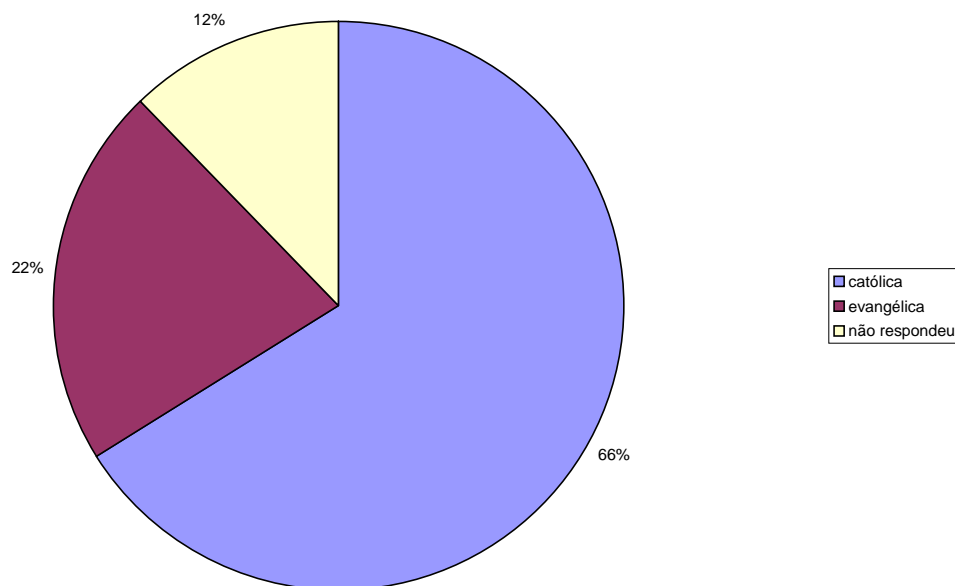
Tabela 3 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por profissão, no ano de 2005

Profissão	Nº de jovens	(%)
Estudante	41	63,08
Dona de casa	2	3,08
Outros	6	9,23
NR	16	24,61
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

A maior parte das alunas é católica (66%), mesmo que o número de garotas evangélicas também seja significativo (21%), como demonstra o gráfico a seguir.

Figura 1. Frequência de alunas do Ensino Médio, por religião, no ano de 2005.



Podemos verificar que as jovens solteiras perfazem o total de 90%; contudo, a informação de que duas são casadas e três responderam “outros”, isto é, “amigadas” ou “amasiadas” (forma como apareceu nos questionários), indica que, apesar de esse número ser pequeno, na escola existem jovens que se encontram em situação de conjugalidade, isto é, participam da trama vivencial e concreta da “vida a dois” (HEILBORN, 2005).

Tabela 4 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por estado civil, no ano de 2005

Estado Civil	Nº de jovens	(%)
solteira	59	90,77
casada	2	3,08
outro	3	4,61
NR	1	1,54
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Esse dado também pode ser relacionado com a moradia: 86% das jovens moram com os pais, as demais (13%) responderam residir com parentes, entre elas quatro (4) moram com marido/namorado e apenas uma garota declarou morar sozinha, apesar de constatarmos que ela vive com o filho pequeno.

Tabela 5 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que moram com os pais, no ano de 2005

Mora com pais	Nº de jovens	(%)
Sim	56	86,15
Não	9	13,85
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Cerca de 90% não possuem filhos, das demais, quatro (10%) são mães e uma está grávida. As idades da gravidez se revelaram diversas: duas engravidaram com 17 anos, uma com 16, uma com 14 e uma não respondeu.

Tabela 6 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que possuem filhos, no ano de 2005

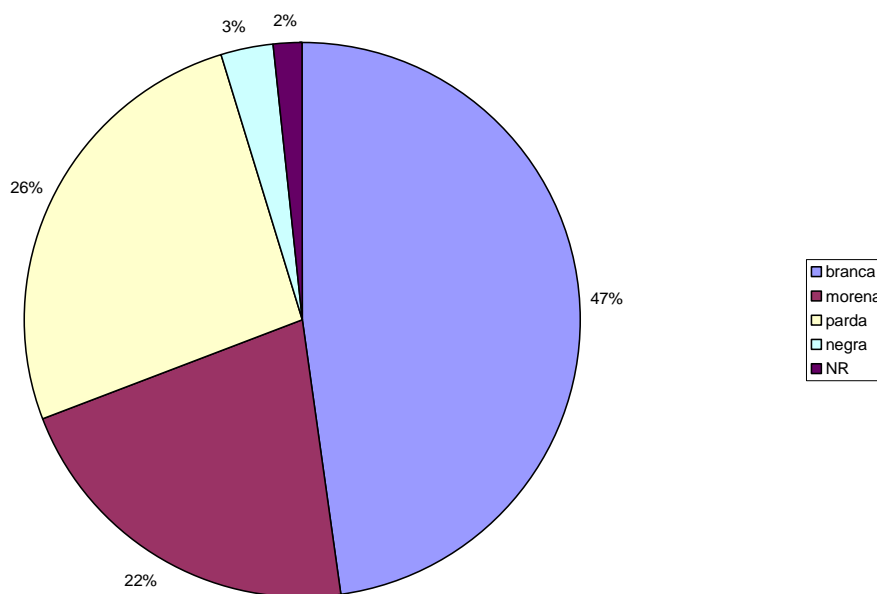
Filhos	Nº de jovens	(%)
sim	5	7,69
não	59	90,77
NR	1	1,54
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Em relação à raça/cor, 48% se consideram brancas, 22% morenas, 26% pardas e apenas 3% se acham negras. Esse dado chamou a atenção, uma vez que o critério de escolha foi o

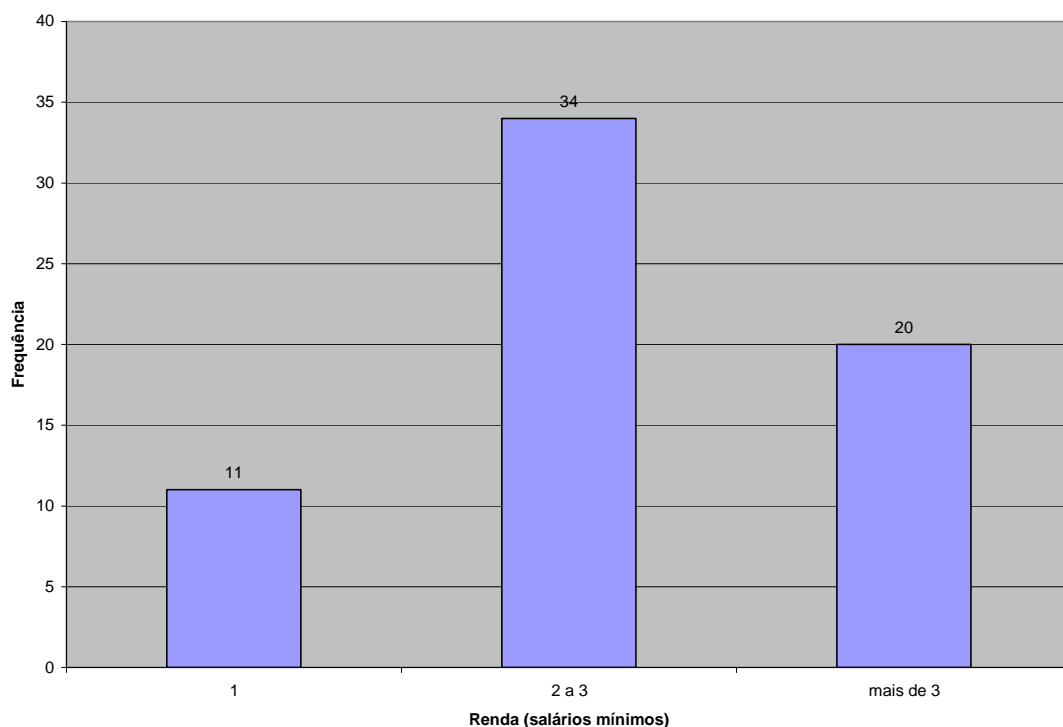
de auto-identificação; nesse caso, muitas se dirigiam a mim e perguntavam: “De que cor você acha que eu sou?” Para não influenciar no resultado das respostas, eu devolvia a pergunta: “Não sei... que cor você acha que é?”. Destaca-se que as categorias “morena”, “parda” e “negra”, somadas, perfazem o total de aproximadamente 50%, porém se sobressai o baixo índice de garotas que se declaram “negras” (3%), num país considerado “negro”, como o Brasil (SANTOS; MAIO, apud MARTINS, 2005).

Figura 2 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por raça/cor, no ano de 2005.



dois a três salários mínimos e 30% acima de três salários, como mostra o gráfico a seguir. Dessa maneira, é difícil inferir sobre a caracterização econômica das garotas tendo como base apenas a renda da família. Embora esses dados tenham sido correlacionados com outros, referentes ao número de membros da família, cor/raça etc., verificou-se que os resultados não foram significativos a ponto de podermos fazer afirmações sobre esse aspecto.

Figura 3 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por renda (em salários mínimos) no ano de 2005.



s
dados
tamb
ém
revel
am
que
as
famíli
as de
que
as
juven

s provêm são constituídas por quatro ou cinco pessoas, significando que não são famílias muito numerosas. Foram feitas as correlações entre número de pessoas na casa e renda, contudo os resultados não foram significativos. Observa-se, porém, que a maioria das famílias com quatro ou cinco integrantes possui renda entre 2 e 3 salários mínimos. O responsável pelo sustento da casa é o pai ou a mãe, sendo que as famílias em que o marido ou esposo é responsável perfazem o total de três.

Tabela 7 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por número de pessoas em casa, no ano de 2005

Nº de pessoas na casa	Nº de jovens	(%)
2	7	10,77
3	9	13,85
4	13	20,00
5	26	40,00

6	5	7,69
7	4	6,15
8	1	1,54
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Tabela 8 - Frequência de alunas do Ensino Médio, por responsável pela casa, no ano de 2005

Responsável	Nº de jovens	(%)
Pai	27	41,54
Mãe	20	30,77
Pais	5	7,69
Marido ou companheiro	3	4,62
Padrinhos e familiares	5	7,69
A própria aluna	1	1,54
NR	4	6,15
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

A profissão das mães e pais se mostrou bastante variada, apesar de denotarem, de modo geral, ser ocupações cuja remuneração é baixa. A maioria das mães (32%) é dona de casa ou empregada doméstica (27%), ao mesmo tempo em que surgiram também profissões como auxiliar de limpeza, secretária, manicure, entre outras.

Tabela 9 - Profissões mais citadas das mães das alunas do Ensino Médio, no ano de 2005

Profissão da Mãe	Nº de jovens	(%)
dona de casa	21	32,31
doméstica	18	27,69

auxiliar de limpeza	3	4,62
vendedora	3	4,62
auxiliar geral	2	3,08
cozinheira	2	3,08
manicure	2	3,08
secretária	2	3,08
costureira	2	3,08

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

As profissões que mais apareceram, no caso dos pais, foram: motorista (9%), pedreiro (7%), caminhoneiro (6%) e vigia (6%), destacando-se que a variedade de profissões dos homens foi maior que a das mulheres.

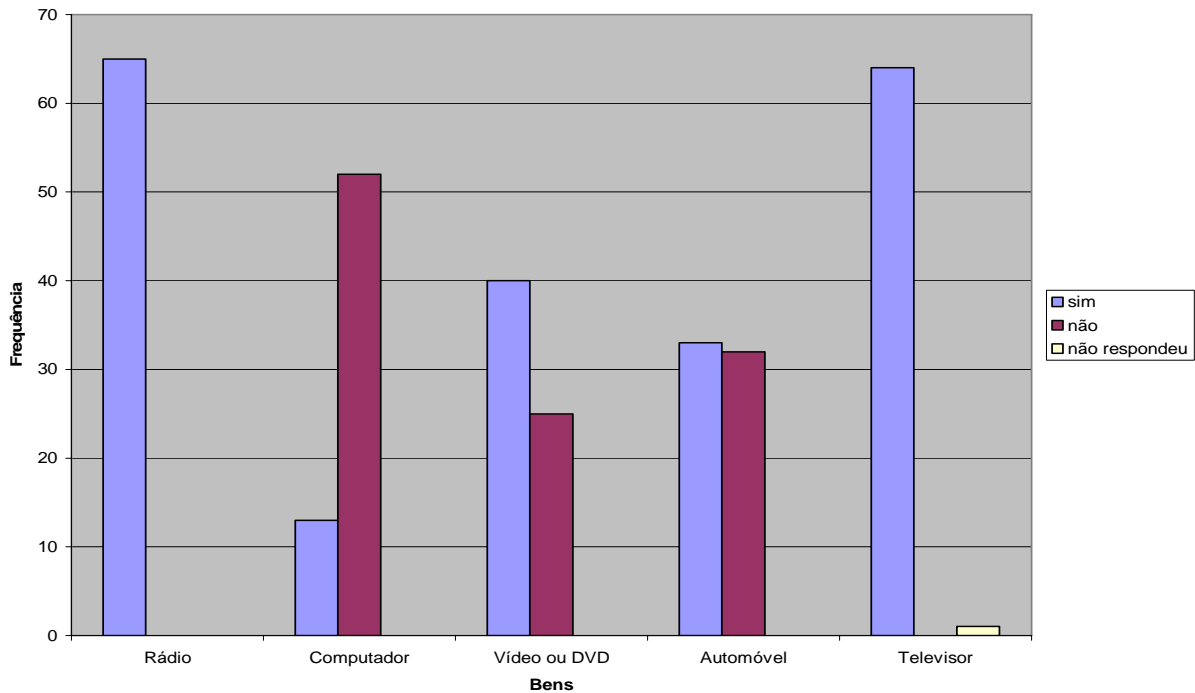
Tabela 10 - Profissões mais citadas dos pais das alunas do Ensino Médio, no ano de 2005

Profissão do Pai	Nº de jovens	(%)
motorista	6	9,23
pedreiro	5	7,69
caminhoneiro	4	6,15
vigia	4	6,15
aposentado	3	4,62
autônomo	3	4,62
mecânico	3	4,62
metalúrgico	2	3,08
servente	2	3,08
soldador	2	3,08

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

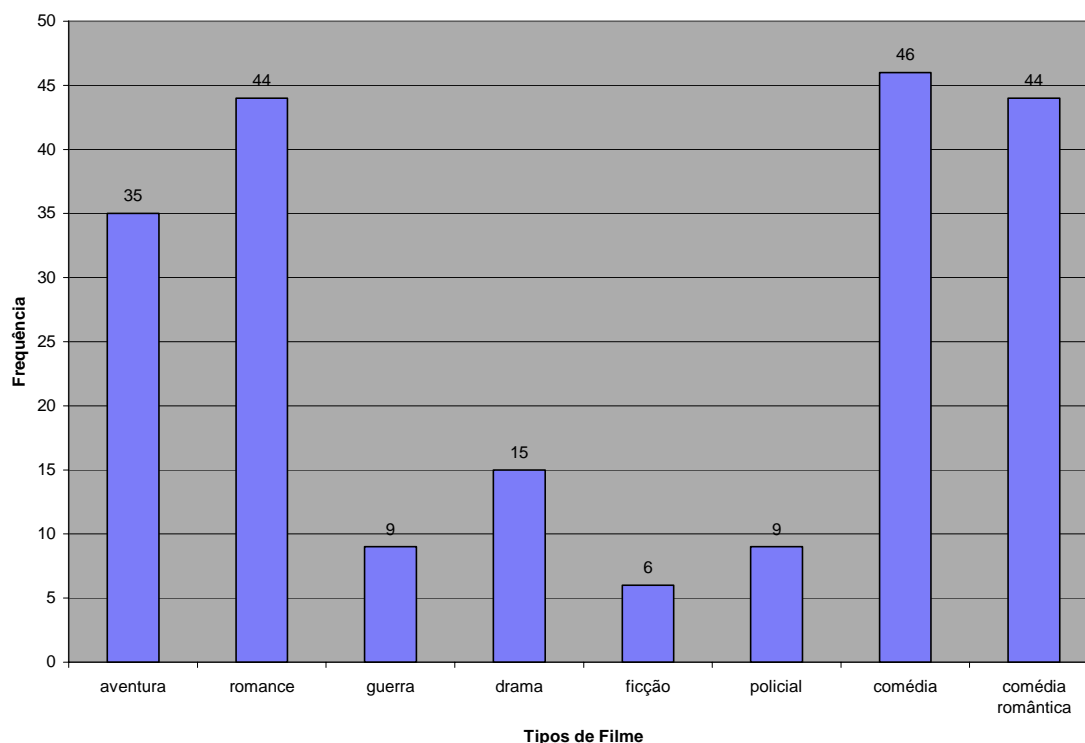
Em relação a eletro-eletrônicos presentes em suas residências, uma grande parte das alunas possui televisor (98%), não possui computador (80%) e possui vídeo-cassete ou DVD (61%). Todas têm rádio em casa e, para metade delas (51%), os pais são proprietários de carro, como demonstra o gráfico a seguir.

Figura 4 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que possuem eletro-eletrônicos e automóvel, no ano de 2005.



Os dados referentes às preferências das garotas revelam que os tipos de filme mais assistidos pelas alunas são comédia (70%), comédia romântica (67%), romance (67%) e aventura (53%). Nesse item, foi possível que as garotas assinalassem mais de uma opção, de sorte que podemos inferir que os filmes de romance e comédia romântica são os preferidos das jovens. Outras modalidades também são assinaladas, como mostra o gráfico abaixo.

Figura 5 - Frequência dos tipos de filmes preferidos pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.



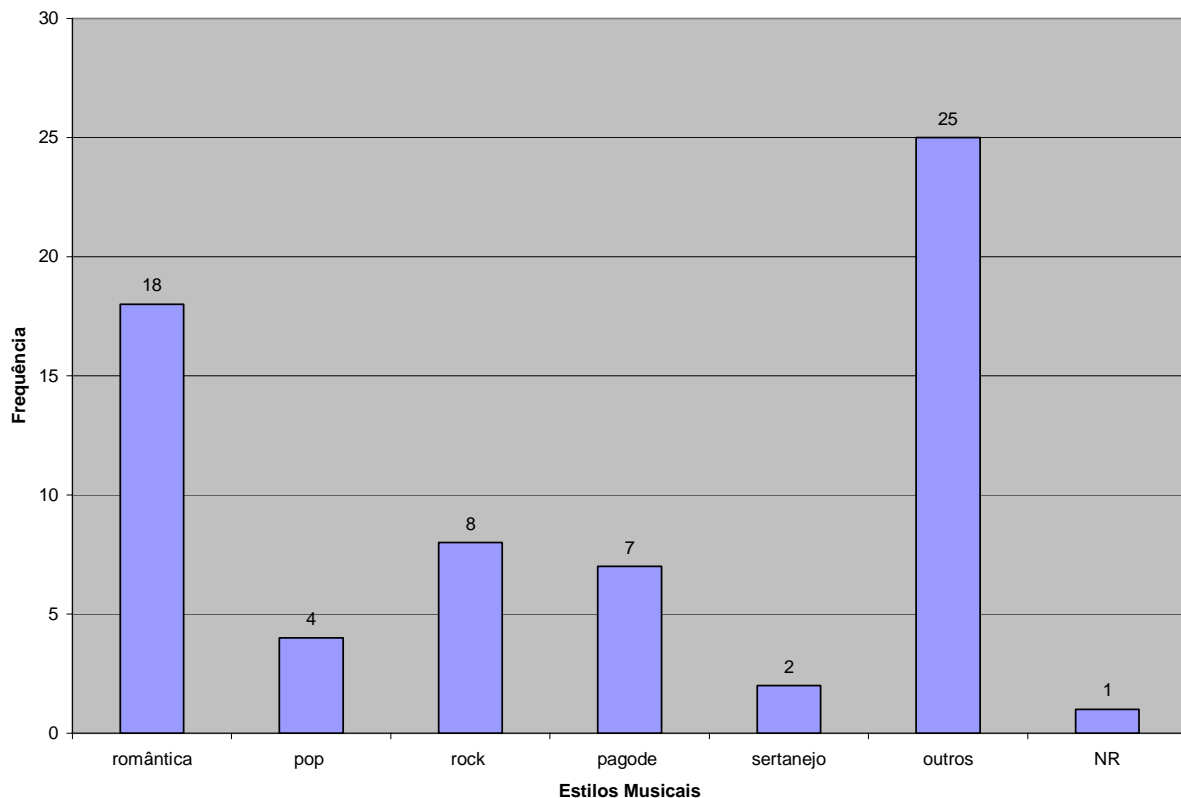
As emissoras de TV mais assistidas foram a Rede Globo (69%), seguida pela MTV (Music Television) (20%). O programa preferido das jovens é “Malhação”, uma pequena novela destinada ao público jovem, sendo escolhida por 37% das alunas; foram indicados outros programas da mesma emissora, como: novelas, “Video Show”, “Tela Quente”, “Globo Repórter”, “Caldeirão do Huck”, filmes e jornal. Da MTV, foram escolhidos: “Disk MTV”, “Top 20”, “Beija Sapo”, “Ponto P” e clipes. Da Rede Bandeirantes, foi citada a novela “Floribella”. Do SBT, “Casos de Família”, filmes e novelas.

Tabela 11 - Frequência das emissoras de televisão dos programas preferidos pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005

Emissora	Nº de jovens	(%)
Globo	45	69,23
SBT	6	9,23
MTV	13	20,00
Bandeirantes	2	3,08
NR	3	4,62

Em relação ao tipo de música, houve um equilíbrio entre as respostas, com destaque para a música romântica (28%) e para o *rock* (8%). Todavia, a categoria “românticas” aglutinou músicas de variados tipos: sertaneja, pagode, gospel etc. Foram agrupados, na categoria “Outros”: gospel, internacional, dance, e as opções daquelas que gostam de todos ou de vários tipos de música.

Figura 6 - Frequência dos estilos de músicas preferidos pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.



Destacamos que as músicas mais recorrentes foram: “Senhorita”, “Choram as Rosas”, “Quer Casar Comigo?”, “Cry”, “Olhos nos Olhos” e “24 Horas de Amor” (3,08% cada). As bandas e cantores mais citados foram: Bruno e Marrone (9,23%); Edson e Hudson e Felipe Dylon (7,69% cada); e Tradição, Britney Spears, Revelação, Mandy Moore, Sorriso Maroto, Sandy e Junior e Exaltasamba (3,08%).

Aproximadamente 74% das garotas têm hábito de ler e 73% afirmaram possuir diários ou agendas. Os dados referentes aos tipos de leitura revelam que, do total, 18% das alunas lêem jornais (“O Imparcial” e “Oeste Notícias”); 69% revistas, entre as quais se destacam aquelas destinadas ao público jovem (21%): “Capricho”, “Todateen” e “Atrevida”; as garotas também elencaram as revistas de “celebridades” e “fofocas” (12%), como “Caras”, “Ti Ti Ti” e “Contigo”; uma das alunas também indicou a revista “Veja”; em relação às revistas de horóscopo foram citadas: “Boa Sorte” e “Horóscopo”. As jovens também costumam ler livros (37%): didáticos, romances, suspense, contos, versos etc.

Tabela 12 - Frequência de alunas do Ensino Médio, que costumam ler, no ano de 2005

leitura	Nº de jovens	(%)
Sim	48	73,85
Não	17	26,15
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Tabela 13 - Tipos de revistas citados pelas alunas do Ensino Médio, no ano de 2005

Tipos de Revistas	Nº de jovens	(%)
Jovem	14	21,54
Celebridades e fofoca	8	12,31
Informação semanal	4	6,15
Horóscopo	3	4,62
Outros	3	4,62

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

As atividades de lazer também se mostraram variadas: ouvir música e passear foram as mais indicadas. Na categoria “outros”, foram citadas as seguintes atividades: cantar, ir à igreja, viajar, estudar, ler, passear no *shopping*, *internet* e nada. Metade das garotas afirma ir raramente ao cinema (52%), enquanto 31% vão com uma frequência maior. Ressaltamos, também, embora em número pequeno, que duas revelaram cuidar do filho nesses momentos.

Figura 7 - Frequência de atividades de lazer das alunas do Ensino Médio, no ano de 2005.

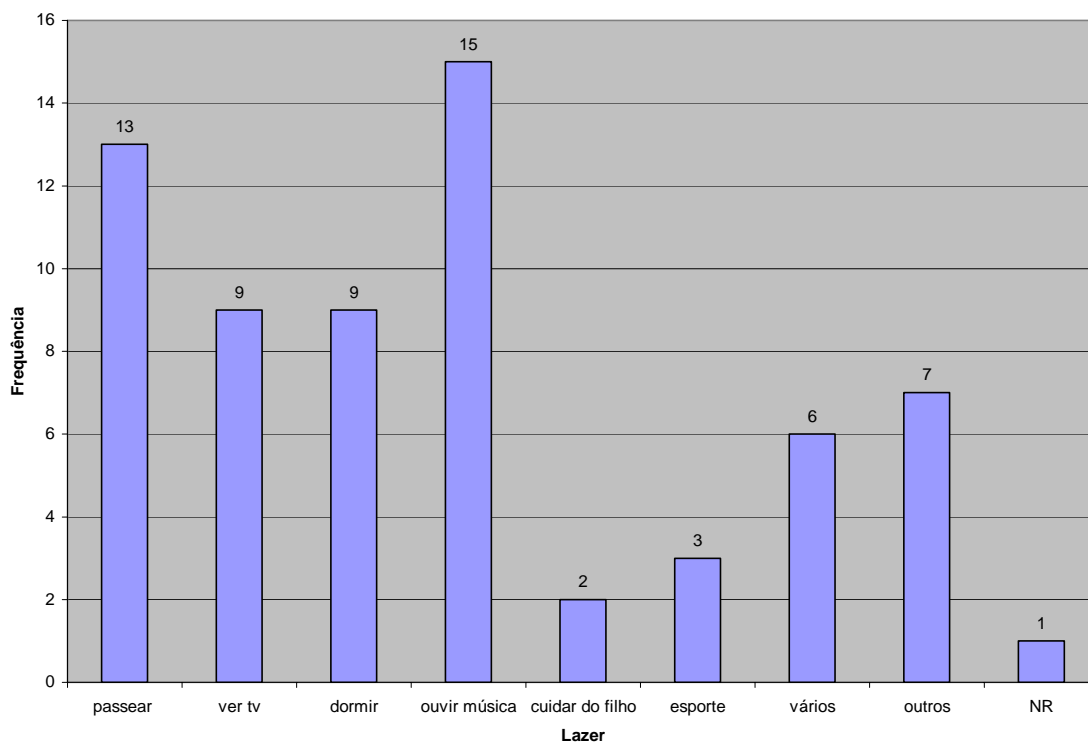


Tabela 14 - Frequência com a qual as alunas do Ensino Médio vão ao cinema, no ano de 2005

cinema	Nº de jovens	(%)
Sim	20	30,77
Não	11	16,92
Raramente	34	52,31
Total	65	100,00

Fonte: pesquisa de campo / Organização: Taluana Laiz Martins Torres

Testaram-se as correlações entre estado civil e religião, raça e renda, número de pessoas na casa e renda, responsável pela família e renda, estado civil e profissão, profissão e renda, raça e religião, e estado civil e moradia (com os pais ou não), por meio do teste estatístico Cochran-Mantel-Haenszel. Verificou-se que as únicas correlações significativas foram entre estado civil e profissão e estado civil e moradia. Portanto, pode-se afirmar apenas que as alunas solteiras moram com os pais e não possuem atividade profissional remunerada.

Assim, os dados apresentados ainda serão correlacionados com outros obtidos a partir das entrevistas e do caderno de campo; todavia, destacamos que eles já nos revelam características importantes no que toca ao perfil das jovens que compõem o universo de investigação da pesquisa.

2.3.5 As jovens participantes

O perfil das garotas que pretendia investigar atendia às seguintes características: que fossem estudantes ou ex-estudantes da referida escola e, das seis jovens que comporiam a população investigada, três deveriam ser mães e outras três não. Considerei que a separação em dois grupos permitiria verificar não apenas como os temas das experiências amorosas e afetivas, mas também da gravidez e maternidade, compareceriam entre as jovens, em geral. A par disso, igualmente permitiria analisar se haveria mudanças nas atitudes e modos de pensar e sentir entre as jovens que já haviam passado pela gravidez e a maternidade.

Vale ressaltar que, das três jovens mães selecionadas através do AAVEAS, duas estudavam na referida escola e uma acabara de abandonar os estudos. Parti então para a busca de mais três garotas que, sendo estudantes da mesma escola, não tivessem passado pela experiência da gravidez.

A construção da população da pesquisa é um elemento fundamental, pois influencia diretamente na qualidade das informações e dados que compõem o universo de análise (DUARTE, 2002). Portanto, concluo com uma síntese dos caminhos, critérios e propósitos

presentes na seleção e definição das entrevistadas.

Se o primeiro momento de escolha das participantes ocorreu por meio do trabalho junto ao AAVEAS, o segundo passo para a seleção aconteceu a partir de minha inserção na escola. O primeiro contato com o(a)s aluno(a)s ocorreu no momento de minha visita a todas as salas de aula do ensino médio e de meu convite solicitando a contribuição das alunas para o desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar, a escolha se pautou nas respostas do questionário: foram selecionadas aquelas que responderam afirmativamente à última questão: Você poderia participar como sujeito da minha pesquisa (entrevistas, relatos)?

Como ainda se chegou a um número muito elevado de garotas que responderam afirmativamente - 47 jovens – foram utilizados outros critérios de seleção referentes aos primeiros contatos realizados, em que se observou o interesse, a interação e a aceitação das participantes, com respeito à pesquisadora³⁵. Isto é, foram selecionadas mais três jovens que tanto mostraram disposição e interesse em participar, como estabeleceram, desde os primeiros contatos, relações de mais confiança e mais facilidade de interação com a pesquisadora.

Outra questão que interveio nessa seleção foi próprio interesse, já declarado, em entrevistar não apenas jovens que já fossem mães, mas também jovens que já tivessem iniciado sua vida erótica e afetiva, embora ainda não houvessem passado pela experiência da gravidez e da maternidade.

Em síntese, a população-alvo da pesquisa é composta de seis jovens, com idades entre 15 e 18 anos. Conforme já foi explicitado, três são mães e foram localizadas, no primeiro momento, através do AAVEAS, sendo que duas ainda estudavam na referida escola e apenas uma havia acabado de abandonar os estudos³⁶; já as outras três jovens, que não passaram pela experiência da gravidez nem da maternidade, foram escolhidas a partir dos critérios explicitados anteriormente. Podemos inferir que todas as garotas que compõem o universo investigado fazem parte de um mesmo grupo, mais amplo, já que a escolha da população-alvo não se restringiu às

³⁵ Menga e André (1986, p.76) advertem que, para a captação de dados autênticos e significativos, na entrevista, alguns requisitos prévios são necessários; assim, o pesquisador deve reconhecer a importância do processo de interação entre entrevistador e entrevistado, pois apenas um clima de aceitação, reciprocidade e de respeito ao universo cultural permite o fluxo natural das informações.

³⁶ Essas duas jovens abandonaram a escola no decorrer da pesquisa e a última, apesar de ter comunicado que abandonara os estudos, na ocasião do primeiro contato, no AAVEAS, voltou a estudar durante o período da pesquisa, abandonando novamente a escola, quando se descobriu grávida de seu segundo filho.

jovens consideradas “tecnicamente” estudantes, no momento em que a pesquisa foi realizada.³⁷ Dessa maneira, mesmo aquelas que antes, ou no decorrer do estudo, abandonaram a escola, fazem parte e sofreram significativas influências desse meio cultural.

Elas serão identificadas, ao longo do estudo, por nomes fictícios³⁸. A seguir, apresentaremos cada uma, destacando suas trajetórias biográficas e características pessoais.

CAPÍTULO III

Trajetórias afetivas: o amor e o desejo

Na busca de uma compreensão mais ampla acerca dos aspectos sentimentais e culturais ligados às trajetórias afetivas das jovens em questão, os dados obtidos por meio dos questionários foram correlacionados à análise das entrevistas realizadas com as jovens estudantes, bem como com as informações registradas no caderno de campo. Convém, portanto, apresentar uma breve discussão dos instrumentos metodológicos utilizados na coleta de dados³⁹, como também dos procedimentos de análise desse material.

As entrevistas⁴⁰ foram efetivadas em locais diversos: nas casas das garotas, na biblioteca da escola, no *shopping* (local de trabalho de uma das jovens) e no AAVEAS, de sorte

³⁷ Empréstimo de Heilborn o uso do termo “tecnicamente”, quando a autora o utiliza para justificar o porquê de trabalhar com a categoria “jovem” e não “adolescente”. Ela afirma: “dessa forma, a população-alvo não se limitou aos ‘indivíduos tecnicamente adolescentes no momento da pesquisa’, pois é possível inquirir retrospectivamente os sujeitos” (HEILBORN et al., 2006, p.44).

³⁸ Os nomes fictícios foram escolhidos pelas próprias jovens, na ocasião da entrevista.

³⁹ Abordaremos, neste capítulo, apenas os procedimentos referentes à entrevista semi-estruturada e ao caderno de campo, uma vez que os pressupostos ligados ao uso do questionário já foram explicitados anteriormente.

⁴⁰ Cf. roteiro das entrevistas – Apêndice C.

que elas eram marcadas nos lugares escolhidos pelas próprias jovens. Para sua realização, foi entregue, previamente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a todas as jovens.

A técnica da entrevista semi-estruturada consiste na aplicação de perguntas abertas, que seguem um esquema preestabelecido, porém sujeito a adaptações, decorrentes do próprio percurso da entrevista (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.34). Para Queiroz (1998, p.20), a entrevista presume uma conversa contínua entre entrevistado e pesquisador e deve ser orientada por este último, conforme seus objetivos, isto é, o interesse do pesquisador deve centrar-se naquilo que se refere ao campo de sua pesquisa.

O uso da entrevista, no estudo dos fenômenos sociais, permite captar dados pessoais e de natureza delicada, propiciando a identificação dos significados que as pessoas dão às suas práticas e que sentimentos experimentam, em função do campo de relações que estabelecem em situações sociais e culturais determinadas. Segundo André e Menga (1986, p.76), “uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”.

Por outro lado, Camargo (1984 apud DUARTE, 2002) entende esse tipo de entrevista para além de uma simples técnica. A entrevista semi-estruturada, por pressupor uma teoria, revela-se mais como uma opção metodológica. Assim, a autora destaca as contribuições da História e da Antropologia, que oferecem um “legado teórico” capaz de servir de referência nesse campo de estudo. Bourdieu (apud THIOLENT, 1982, p.84) também enfatiza que toda técnica de pesquisa se configura numa “teoria em atos”, isto é, “não existe coleta de dados sem pressupostos teóricos”.

Nesse contexto, a entrevista semi-estruturada mostra-se como uma das opções mais adequadas aos objetivos da pesquisa, quais sejam, tomar o contexto das emoções como elemento de problematização das experiências humanas, mais especificamente, pensar o lugar dos sentimentos na vida dos jovens contemporâneos.⁴¹

Pôr em questão a própria obtenção dos dados, por meio das técnicas, requer fazer não apenas a crítica a esses dados, como explica Thiollent (1982, p.23), mas também a crítica aos próprios instrumentos utilizados, reconhecendo e controlando suas limitações. Por esse motivo, o exercício de reflexão acerca do instrumento deve servir para reelaborá-lo, segundo os

⁴¹Michelat (apud THIOLENT, 1982, p.192) salienta a contribuição da entrevista semi-estruturada, quando se trata de lançar luz sobre sistemas de valores, normas e representações próprias de uma determinada cultura.

objetivos da pesquisa, prática constante na presente investigação.

Nesse contexto, toda técnica necessita de cuidados especiais na sua aplicação, a qual precisa de uma discussão a respeito dos elementos que interferem na obtenção de dados significativos. No caso desta pesquisa, observamos que o uso do gravador, no início, causou certo constrangimento às jovens, apesar de ter conversado bastante com as garotas, no intuito de deixá-las menos apreensivas, antes de iniciar as entrevistas.

Além disso, pedi autorização e expliquei o motivo pelo qual gravaria a conversa, já que se tratava de reproduzir, com maior fidelidade, os depoimentos, haja vista que a memória humana é falha e, sem o auxílio do gravador, algumas informações poderiam ser esquecidas. Todas concordaram com a gravação, mas olharam com certa desconfiança para o aparelho.

Como esclarecem Menga e André (1986, p.37), o uso do gravador, para o registro dos dados, tem suas vantagens e desvantagens. As vantagens dizem respeito à maior fidelidade em relação ao depoimento oral colhido, colaborando para que a entrevistadora fique mais à vontade para observar e registrar outros elementos, como as expressões faciais, entonações, gestos etc. da entrevistada.

Em contrapartida, as desvantagens estão ligadas aos constrangimentos que o gravador é capaz de causar, às entrevistadas, bem como às falhas técnicas que podem acontecer, durante a entrevista, acarretando até a perda do material, como ocorreu na coleta de um dos depoimentos. Para descontrair, disse que o gravador não era um instrumento para incriminá-las: pelo contrário, após a transcrição dos depoimentos, elas teriam a liberdade de lê-lo e modificar tudo que julgassem inadequado, de maneira que não precisavam se preocupar. Vale dizer, a esse respeito que, apesar das ressalvas, todas demonstraram certo nervosismo, no início da entrevista, embora não se possa afirmar que tal reação tenha sido causada apenas pela presença do gravador. Por outro lado, tal comportamento desapareceu, no desenrolar da conversa, o que parece não afetar qualitativamente o conteúdo das declarações.

Um elemento que, à primeira vista, pareceu superar esse nervosismo diz respeito às características da população investigada, que demonstrava uma enorme vontade de contar sua história, falar sobre suas vidas, suas dificuldades e conquistas. Assim, todas as entrevistas tiveram mais de uma hora de duração, havendo casos em que as conversas se estenderam por até três

horas⁴².

Também tomei o devido cuidado em me municiar de um caderno de campo, o qual me permitia, durante ou logo após as entrevistas, observar, perceber e anotar o comportamento das entrevistadas: as expressões corporais, de rosto e de olhar, tom de voz, emoções, interrupções, posturas corporais e gestos⁴³. Portanto, tratei de registrar determinados pormenores e contradições que nem sempre estavam satisfatoriamente expressos na simples transcrição das palavras pronunciadas.⁴⁴

O caderno de campo, conforme José Guilherme C. Magnani (1996, p.2), pode ser utilizado como: “depositário de notas, impressões, observações, primeiras teorizações, mapas, esboços, desabafos, entrevistas etc”. No caso dessa pesquisa, sempre o levava a campo para que fizesse anotações de todos os tipos, desde a descrição das visitas realizadas, impressões e reflexões pessoais, informações dadas pelas participantes, até as expressões corporais das jovens, nos momentos de realização das entrevistas, como também fora desse contexto. Para o autor, embora hoje existam diversos recursos tecnológicos que permitam captar e armazenar dados, como o computador, gravador, filmadora etc; o caderno de campo continua sendo um auxiliar imprescindível na pesquisa antropológica, posto que “ele é bom para pensar: permite retomar a especificidade do próprio *métier* do etnógrafo” (ibidem).

Desse modo, os questionários, aliado às observações diretas e as entrevistas foram os principais procedimentos empíricos de investigação. Por outro lado, vale dizer que o processo de articulação e análise dos dados colhidos através desses instrumentos exige um trabalho muito cuidadoso do pesquisador, já que não é uma tarefa simples. Sem dúvida, como salienta Duarte (2002):

É preciso ter olhar e sensibilidade armados pela teoria, operando

⁴²Geralmente, logo após ter desligado o gravador e encerrado a entrevista, as garotas começavam a contar sobre outros aspectos de suas vidas, conversas que muitas vezes acabavam se estendendo mais que o tempo de gravação dos depoimentos. Esses “bate-papos” foram essenciais para que eu compreendesse melhor não apenas os próprios conteúdos da gravação, mas também as trajetórias biográficas das jovens.

⁴³Burke (2000, p. 16) adverte que, ao transformar as entrevistas em instrumentos impressos, a interpretação pode ficar comprometida, haja vista que se perde a possibilidade de observar “as hesitações, as impressões, as mudanças rápidas de tópico e as respostas vacilantes e incompletas”.

⁴⁴Conforme Weil e Tompakow (1991): o corpo fala sem palavras. Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é, antes de tudo, um centro de informações para nós mesmos (WEIL; TOMPAKOW, 1991, p.7).

com conceitos e constructos do referencial teórico como se fosse um fio de Ariadne, que orienta a entrada no labirinto e a saída dele, constituído pelos documentos gerados no trabalho de campo. (DUARTE, 2002).

3.1 – Sobre elas: elas falam, eu falo, nós falamos...

Esta apresentação inicial das jovens tem por objetivo fazer uma identificação breve e preliminar de cada uma, apontando a sua situação familiar e os tipos de vínculos afetivos com que já se comprometeram. Também se pretende fazer notar alguns dados indicativos de suas relações afetivas, sexuais e de conjugalidade,⁴⁵ bem como quais são aquelas que já passaram por situações de gravidez e se tornaram mães.

Veremos, mais adiante, isto é, no decorrer da análise, que tais dados só podem ganhar importância e significado para a compreensão das experiências vividas por estas jovens, quando situados em um conjunto mais amplo e complexo das situações vividas por cada uma. Portanto, as interpretações ganharão novos contornos e maior densidade a partir da apresentação e discussão dos discursos proferidos pelas jovens, na ocasião das entrevistas e pelas observações diretamente feitas, durante o trabalho de campo.

Também esclareço que o campo teórico trilhado nesta pesquisa me coloca na posição de quem ouve as participantes da pesquisa e torna o que é por elas enunciado em textos, que precisam ser problematizados em várias direções: em função de sua natureza, dos modos como foram produzidos e da forma como a pesquisadora procede à sua leitura, apropriação e interpretação. Coloca-se, pois, o debate sobre as inter-relações entre sujeito e texto, entre texto e

⁴⁵Uso a expressão “conjugalidade” para falar das particularidades das situações relacionadas à união entre algumas das jovens da pesquisa e seus pares. Apesar de não constituírem laços de parentesco segundo as regras de matrimônio civil e atos religiosos convencionais, vivenciam um relacionamento sexual e afetivo heterossexual e reafirmam os considerados “laços familiares” com a chegada dos filhos. Segundo Bozon (2003, p.131), “um laço novo se estabeleceu entre sexualidade e vida conjugal nas últimas décadas do século XX. Tradicionalmente o direito à atividade sexual era adquirido com o estatuto de sujeito casado; hoje em dia, o intercâmbio sexual passou a ser o motor interno da conjugalidade”. O conceito de conjugalidade, porém, vem sendo re(construído) especialmente pelo movimento gay e de lésbicas para se referir à condição social da formação de pares homossexuais e que não se encaixam na idéia de casal heterossexual, nem nos aspectos normativos, tradicionalmente vigentes, responsáveis pela idéia de parentesco e família. Consultar, sobre o assunto: Bozon (2004) e Uziel (2004).

linguagem, entre linguagens e representações, entre representações e práticas sociais (MOREIRA, 1999).

Para Larrosa (apud SANTOS, 2006), o texto carrega uma

[...] multiplicidade e pluralidade de suas traduções e de suas encarnações dialógicas [...] o texto nos permite falar e escrever livremente [...] porque o fazemos vir até nós, porque o mesclamos com nossas próprias palavras, porque o encarnamos em nossa própria vida. (LARROSA, 2000, p.124).

A identificação dos produtores dos textos, de seus interlocutores e destinatários, do lugar e do tempo social de onde emergem, assim como os motivos que levaram a suas elaborações, são questões fundamentais ao exercício de interpretação do processo dialógico no qual foram produzidos⁴⁶ Os dados foram organizados e categorizados, portanto, segundo critérios relativamente flexíveis, orientados a partir da sua proposta de análise transversal do conjunto dos enunciados e da atenção para os pontos em que os discursos se cruzam e se interpenetram.⁴⁷ Com isso, quero dizer que, ao falar “sobre elas”, me coloco como parte de uma ação dialógica em que “aquilo que falaram” se cruza com as “minhas falas”. Assim, embora o meu esforço seja sempre o de manter um certo “distanciamento” entre pesquisador e pesquisado, não é possível sair isento de compromisso com essa trama em que são feitas escolhas entre as múltiplas possibilidades de interpretação.

Tais opções não são aleatórias, mas concernem à realidade social dos sujeitos que, mediados pela linguagem, produzem conhecimentos e, ao mesmo tempo, produzem seus modos de ser, pensar e agir. Segundo Maria do Rosário Mortatti Magnani (1997), é a partir da interrogação do conjunto de aspectos que constitui um determinado texto que este deve ser examinado. A esse conjunto ela dá o nome de “configuração textual”, a qual se constitui em função dos seguintes aspectos:

⁴⁶Conforme Bakhtin (1986), a comunicação verbal jamais pode ser entendida e analisada fora de seu contexto concreto de realização, que é parte integrante da interação entre os interlocutores (BAKHTIN, 1986; BARROS, 1997).

⁴⁷Para Bakhtin (1986, p.21), os pontos em que os discursos se cruzam e se interpenetram podem ser entendidos como os centros organizadores dos enunciados, os quais devem ser remetidos ao meio social: “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior, está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Além disso, a busca de compreensão dos textos, tal como é defendida por esse autor, pode ser vista como um ato de renúncia e de modificação dos textos lidos.

[...] as opções temático-conteudísticas (o quê) e as estruturas formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?) que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão.(MAGNANI apud MOREIRA, 1999, p.31).

Com tais considerações, passo a apresentar o primeiro grupo de participantes⁴⁸, que é formado pelas jovens mães: Talita, Nicole e Júlia. As informações sobre as garotas, como suas idades, por exemplo, correspondem ao período da realização da pesquisa de campo, que se desenvolveu entre novembro de 2004 a dezembro de 2005. Em média, ocorreram cerca de quatro a cinco encontros com cada jovem: no primeiro, foi aplicado o questionário; no segundo, no caso das jovens menores de 18 anos, solicitou-se a autorização dos responsáveis para a participação das garotas na pesquisa; o terceiro e quarto resultaram na realização das entrevistas, enquanto o quinto encontro foi necessário apenas em alguns casos, para esclarecer dúvidas a respeito das informações obtidas.

Talita é bastante espontânea e comunicativa.

A jovem de 18 anos, de cabelos compridos, encaracolados, branca e alta, nos primeiros contatos, se colocou à disposição para ajudar na pesquisa, demonstrando bastante interesse em participar. Nessa época, ela morava com os pais, o sobrinho e sua filha, que tinha alguns meses de vida. Ela começou a namorar com 15 anos, teve sua primeira relação sexual com 16 e ficou grávida com 17.

A jovem provém de família de baixa renda: sua mãe trabalha como empregada doméstica e o pai é segurança. Ela gosta de assistir a novelas, ouvir *rap* e sua revista preferida é *Contigo*. Sua vida é marcada pela assunção de responsabilidades e por conflitos, um dos quais foi a separação de seus pais, que a garota relatou com tristeza, dizendo ser um fator que contribuiu para seu envolvimento com drogas. Em sua família, a gravidez no período da juventude ocorreu não apenas com a garota, mas também com sua irmã mais velha, que teve filho com 16 anos, deixando-o aos cuidados dos pais e da própria Talita.

Em sua família, as conversas sobre relações sexuais eram freqüentes e abertas: sua mãe sempre fez questão de falar sobre tudo, não apenas com a jovem, mas

⁴⁸No intuito de sintetizar os dados apresentados a seguir, foi confeccionada uma tabela com breves informações sobre as jovens. Cf. Apêndice D.

também com suas amigas. Essa informação foi confirmada pelo pai, uma vez que, em sua casa, ele e a mulher achavam importante estabelecer um diálogo com as filhas. Talita conta que sempre foi considerada mais “experiente” pelas suas amigas, que costumavam procurá-la para pedir conselhos sobre seus respectivos relacionamentos.

Quando ficou grávida, a jovem namorava há um mês, porém isso não foi um obstáculo para o planejamento da gravidez sem o conhecimento do namorado. Antes desse episódio, ela explica que já tinha ficado grávida, de um outro rapaz, porém sofreu um aborto espontâneo e a gravidez não foi levada a termo. Essa primeira gravidez, segundo a garota, não foi planejada.

No momento da primeira entrevista, Talita declarou namorar o pai de sua filha, mas afirmava, enfaticamente, que não gostava dele, apenas mantinha a relação por medo do namorado e também pela filha, que era muito apegada ao pai. Já na ocasião da segunda entrevista, em que havia transcorrido cerca de um ano, ela estava grávida novamente, morava com outro rapaz, com quem se casou, e mais dois colegas. Ela conta que não planejou morar com o marido nem engravidar novamente; disse que, na ocasião estava morando com sua irmã e o convidou para dormir em sua casa, pois elas tinham medo de ficar sozinhas – até que ele não foi mais embora. Ela se encontrava no quarto mês de gravidez, mesmo período em que afirmou ter iniciado o relacionamento com o marido.

Talita esclareceu que havia deixado sua primeira filha na casa de seus pais, pois não tinha condições de criá-la. Contou também que estava trabalhando numa empresa de telefonia há mais de um ano.

Nos primeiros encontros, a jovem cursava o primeiro ano do ensino médio, no período da noite. Relatou que parara de estudar diversas vezes e que, depois do nascimento da primeira filha, tinha dificuldades de ir para a escola, porque muitas vezes preferia ficar com a criança, ao invés de ir estudar. Na ocasião da segunda entrevista, quando cursava o segundo ano do ensino médio, abandonou a escola novamente, por conta da segunda gravidez. A jovem pretende concluir os estudos, após o nascimento do filho.

Nicole é mais reservada, de poucas palavras.

Surpreendi-me com os resultados da conversa, porque ela se mostrou uma boa informante e, no momento da entrevista, se soltou e falou bastante. A jovem tem 18 anos, é

natural de Presidente Prudente, negra, cabelos castanhos e extremamente vaidosa, teve sua primeira relação sexual aos 13 anos e ficou grávida com 15. Ela não planejou o primeiro filho, por outro lado também não utilizou nenhum método anticoncepcional, já que, conforme justificou, tinha medo de sua mãe descobrir que estava tendo relações sexuais.

Ao visitá-la em sua casa, percebi que vivia com poucos recursos financeiros, pois, durante a gravidez, foi morar com o pai de sua filha, numa edícula, em condições provisórias e precárias. O marido era pedreiro, sendo que, no momento da primeira entrevista, se encontrava desempregado e ela era dona de casa, isto é, não ajudava financeiramente para o sustento da família. Mesmo diante dessas circunstâncias, disse não se arrepender de ter saído de casa. Nicole declarou ser casada, embora sua situação conjugal não estivesse regularizada oficialmente.

Antes da gravidez, a jovem morava com a mãe, que é cabeleireira e o padrasto, funileiro. Ela revela que suas duas irmãs mais velhas também ficaram grávidas, quando eram muito novas: uma com 16 e outra com 15 anos; a mais nova entregou um dos filhos à avó, que cuidava da criança até o momento da entrevista. Nicole conta que não tinha intimidade com sua mãe para falar sobre relações sexuais, sentia medo e vergonha em tratar do assunto. Com suas irmãs, a situação não era diferente, porém explica que, após o nascimento do segundo filho de sua irmã mais velha, elas passaram a conversar mais.

Nesse período, ela também já estava namorando o seu futuro marido e igualmente já contava com as amigas para conversar sobre relacionamentos sexuais, de modo que a opinião e os conselhos das companheiras eram muito importantes e influenciavam diretamente sobre suas decisões, como ela afirma.

Nicole costuma assistir ao programa *Malhação*, declara ler pouco e seu gênero musical preferido é o pagode. No momento da primeira entrevista, não estava freqüentando a escola, que abandonou quando cursava o ensino médio. Ela conta que faltava muito às aulas para namorar escondido e, no final do ano, acabou desistindo dos estudos. Porém, voltou a estudar, assim que sua primeira filha estava um pouco maior, mas logo se descobriu grávida do segundo filho e abandonou novamente a escola.

Após cerca de um ano, na ocasião da segunda entrevista, Nicole morava em outra casa com o marido e os filhos, residência que ficava no mesmo quintal em que também residia a sua irmã mais velha, o que possibilitava a ajuda mútua nos cuidados com as crianças e

com as tarefas de casa. Essa informação pôde ser constatada por intermédio da visita que realizei à nova residência de Nicole, a qual se localizava em um terreno amplo, com o chão de terra e que possuía duas moradias: a da jovem e de sua irmã, uma bem perto da outra. Durante a realização da entrevista, tive oportunidade de conhecer a irmã mais velha da jovem, que participou em alguns momentos da conversa e depois foi até o varal recolher roupas, inclusive as dos filhos de Nicole.

Nesse período, Nicole já tinha seu segundo filho, que estava com quatro meses e, segundo a garota, também não foi planejado, já que engravidou quando estava amamentando. No decorrer da entrevista, quando seu filho começou a chorar, a irmã mais velha de Nicole, que estava acompanhando a conversa, pegou-o no colo levou-o para o quarto, onde o bebê acabou dormindo.

A terceira participante é **Júlia**, 17 anos, natural de Presidente Prudente,

morena clara, de cabelos e olhos castanhos e muito educada; demonstrou, em todos os encontros, ser bastante tímida. Católica, Júlia vive numa família numerosa; sua mãe, muito simpática, nos momentos das visitas, sempre fazia questão de que eu entrasse em sua casa e me oferecia água, refrigerante, almoço etc. Numa das ocasiões, em que foi procurar Júlia e ela não se encontrava, sua mãe, além de conceder todas as informações para localizar a garota, também me convidou para almoçar “qualquer dia desses” em sua residência.

A mãe da jovem é dona de casa e está divorciada de seu pai, que é operador de máquinas e possui uma outra família. Com elas residem, além da filha da jovem, que na época estava com três meses, dois irmãos mais novos e o avô materno, aposentado. No momento da primeira entrevista, Júlia estava solteira, já que havia terminado o relacionamento com o pai de sua filha e cursava o último ano do ensino médio, no período da manhã. Sua mãe cuidava da neta para que ela pudesse ir à escola, pois queria que a filha terminasse os estudos. A jovem conta que costuma ler, mas não especificou claramente o tipo de leitura; gosta de assistir às novelas da Rede Globo e ouvir pagode.

Júlia teve poucos namorados e sua primeira relação sexual foi com o pai de sua filha, sendo que ficou grávida aos 15 anos, com cerca de seis meses de namoro. A gravidez não foi planejada, porém não tomava pílula por medo de sua mãe descobrir; a jovem afirma que o único método anticoncepcional que usava era a camisinha, mas, no dia em que engravidou, o preservativo também não foi utilizado, pois, na hora da relação, o casal não o tinha. Logo que

soube da gravidez, quis fazer um aborto, todavia foi impedida pelo namorado.

Antes da gravidez, não tinha liberdade de conversar com a mãe sobre seus relacionamentos afetivo-sexuais, embora o namoro acontecesse dentro de casa. Contudo, esse diálogo era estabelecido com algumas amigas e também com a mãe de seu namorado, que foi uma das primeiras pessoas a saber que estava grávida. Desse modo, foi a mãe do namorado quem deu a notícia à sua mãe, que ficou muito decepcionada, destacando que tal fato também se deu por não ter sido a primeira a saber.

Após um ano, no momento da segunda entrevista, Júlia havia abandonado a escola, na metade do terceiro ano do ensino médio, para trabalhar em um *shopping* da cidade. Ela continuava separada do pai de sua filha, porém ainda se mantinham vinculados, já que se encontravam freqüentemente e “ficavam”. A jovem contou que tinha esperanças de reatar o relacionamento e morar com o namorado e a filha. Disse também que pretende voltar a estudar, talvez numa escola não-presencial, já que seus horários de trabalho não possibilitam que ela freqüente um curso regular. Ela pretende terminar o ensino médio, dizendo que não quer se acomodar e ficar apenas trabalhando.

O segundo grupo é formado por **Pamela, Letícia e Laura**, jovens que não passaram pela experiência da gravidez, nem da maternidade. Todas, no momento da pesquisa de campo, estavam estudando.

Pamela tem 15 anos, cabelos compridos, avermelhados e olhos castanhos.

Natural de Presidente Prudente, cursa o primeiro ano do ensino médio, no período matutino. A jovem reside com a mãe – que é secretária e responsável pela família –, o padrasto e mais dois irmãos menores. Seu programa favorito é *Ponto P*⁴⁹, da MTV, e seu estilo musical preferido é o pagode.

A mãe, que aparenta ser muito jovem⁵⁰, mantinha uma certa relação de diálogo com a filha, pois a garota conta que, embora tivesse vergonha de falar com ela sobre seus relacionamentos, as duas sempre conversavam e a mãe dizia que, quando ela quisesse perder a virgindade, deveria avisá-la, que ela a levaria ao médico.

⁴⁹Programa voltado ao público jovem que trata sobre temas que envolvem a conduta sexual.

⁵⁰Observação que fiz na ocasião em que realizei uma visita à casa de Pamela com o objetivo de obter a autorização de um responsável para a participação da jovem na pesquisa (obedecendo a um dos princípios éticos da pesquisa). Nesse dia, pude conversar com a mãe e o padrasto da garota, na varanda da casa. A princípio, achei que a mãe de Pamela fosse sua irmã mais velha, dada sua aparência jovem: ela usava um *piercing* no nariz e estava com um bebê nos braços, sua filha mais nova, que tinha apenas alguns meses.

Seu primeiro beijo aconteceu por volta dos 10 anos, com o primeiro namorado, depois ficou com outros garotos. Na ocasião da entrevista, a jovem estava namorando há mais de um ano e declarou que sua primeira relação sexual ocorreu com o atual namorado, depois de seis meses de relacionamento. Os dois se conheceram na escola, já que estudavam na mesma sala.

A jovem sempre estava na companhia de algumas amigas, porém depois que começou a namorar, acabou se distanciando delas; agora, conta mais com o namorado, que se tornou seu melhor amigo, visto que eles conversam bastante.

Pamela pretende terminar os estudos, cursar uma faculdade e conseguir um bom trabalho, para depois se casar com o namorado. Ela tem medo de ficar grávida, pois viu a experiência de uma amiga de 15 anos, que engravidou e foi alvo de comentários na escola; além disso, disse que a garota “estragou a vida” por causa da gravidez: não poderia mais sair, teria que ficar cuidando do filho, além da responsabilidade que deveria assumir.

Letícia tem 18 anos, cabelos claros, bem compridos,

é natural de Presidente Prudente e cursa o terceiro ano do ensino médio, no período noturno. Sua mãe é doméstica e mora com outro homem, já que é divorciada de seu pai, que é pedreiro e alcoólatra. A garota conta que a mãe era muito rígida e não a deixava sair, relatando episódios em que chegou a ficar trancada dentro de casa, junto com seu irmão mais novo.

A jovem gosta de ouvir pagode, tem o costume de ler revistas e seu programa favorito é *Malhação*, da Rede Globo. Ela não trabalha e mora, há cerca de três anos, com o marido, com quem diz ter casado, porém sua situação conjugal não está oficializada.

Letícia saiu de casa para morar com o namorado, na casa da sogra, porque sua mãe descobriu que ela tinha passado uma noite com o rapaz; conjugado a esse fato, na mesma ocasião, também disse que “desconfiava” estar grávida, embora não estivesse. Assim, após apanhar da mãe, foi expulsa de casa, conforme conta: “[...] eu casei foi porque eu perdi minha virgindade, minha família é daquela família antiga, perdeu a virgindade tem que casar”.

Após ficar três meses morando com a sogra, episódio que a garota relata ter sido a pior experiência de sua vida, uma vez que elas brigavam muito, o casal foi morar em uma outra casa, alugada, mas no mesmo bairro.

Com as amigas, atualmente, conversa sobre tudo: meninos, relações sexuais, afetivas etc., mas com a mãe não tinha diálogo nenhum, nem com outros familiares.

Laura é muito comunicativa, natural de Presidente Prudente, tem 16 anos, cabelos e olhos castanhos, e cursa o segundo ano do ensino médio, no turno matutino. Seus pais são separados e a jovem mora com a mãe, que é cozinheira e responsável pela casa; seu pai é caminhoneiro e mora na cidade de São Paulo.

A mãe e a madrinha aconselham bastante a garota, por isso sempre conversam sobre namorados, relacionamentos sexuais etc. A jovem tem abertura e liberdade para perguntar sobre tudo e mesmo para pedir conselhos a elas. Com as amigas não tem muito diálogo, pois, como a própria garota explica, muitas são lésbicas.

Malhação, da Rede Globo e *Casos de Família*, do SBT são seus programas favoritos, enquanto seu estilo musical preferido é o pagode. A jovem gosta muito de ler contos e costuma ir ao cinema.

Laura relacionou-se com poucos garotos e, apesar de gostar de um vizinho, com quem "ficava" apenas em datas comemorativas, como Natal, Páscoa etc., começou a namorar outro rapaz, que era seu professor de karatê.

O namoro, aos 16 anos, só aconteceu com o consentimento da mãe, que impôs alguns limites, como: dia e horário para se encontrarem, respeito, responsabilidade etc. Desse modo, está namorando há seis meses e ainda não teve relações sexuais. Explicou para o namorado que é virgem e que não pretende perder a virgindade cedo, de maneira que ele terá que respeitar sua decisão.

Laura quer terminar seus estudos e cursar uma faculdade, para depois noivar e casar. Disse que não pretende ter filhos logo, só depois de um tempo de casada. Contudo, deixou dúvidas se realmente quer ser mãe, porque ela se mostrou bastante imprecisa. Disse achar inconcebível a idéia de ficar grávida cedo, uma vez que a garota perde a liberdade, a confiança dos pais e passa a ter muita responsabilidade.

3.2 – O amor e seus contratos⁵¹

Nos contratos que tu lavras

⁵¹ Esse título foi retirado de um poema do livro *Corpo*, de Carlos Drummond Andrade. Cf. referências bibliográficas.

não vi, Amor, valimento.

Só palavras e palavras

feitas de sonho e de vento

(COELHO apud ANDRADE, 1987,

p.15)

Apresentaremos as relações afetivas segundo alguns tipos de vínculos estabelecidos entre os jovens, em destaque o ficar e o namorar, que foram tipos de relacionamentos referidos pelas participantes, tanto no início como no decorrer de suas trajetórias afetivo-sexuais. Os “contratos”, isto é, os acordos consolidados entre os parceiros e que transferem, entre ambos, direitos, obrigações e regras de comportamento, também serão focalizados e discutidos a partir de um olhar direcionado, tanto aos cenários culturais, nos quais estão inseridos, como aos roteiros interpessoais e intrapsíquicos, que denotam as particularidades das trajetórias analisadas (GAGNON, 2006).

O que pôde ser observado é que, como de costume, as inspirações poéticas se aproximam fortemente das alegrias e dramas existenciais humanos. Contratos e compromissos amorosos não podem ser definidos ou compreendidos pelas palavras proferidas, pois o campo das emoções e dos sentimentos que as atravessam se caracteriza pela inefabilidade, já que elas “são feitas de sonho e de vento” (COELHO apud ANDRADE, 1987, p.15).

Dentre as garotas entrevistadas, constatou-se que o primeiro namoro ocorreu entre os 10 e os 16 anos de idade, observando-se algumas experiências de namoro mais duradouras, outras menos, e verificando-se, ainda, que o namoro requer o acordo tácito do casal, em torno de alguns princípios que constituem as regras desse relacionamento. Foram mencionados, nos depoimentos: o companheirismo, a fidelidade, a amizade, o diálogo, e, na maioria dos casos, as relações sexuais.

Sendo assim, o namoro, envolvimento bastante recorrente entre os jovens, na atualidade, pode ser identificado, segundo Brandão (2004, p.73), como um relacionamento que requer “algum grau de compromisso entre o casal, que assegura uma certa autoconfiança e confiança na relação com o outro”. Stengel (2003, p.69) salienta que esse tipo de relacionamento sofreu diversas mudanças, ao longo dos tempos, sendo que suas regras e costumes mudaram, mas não deixaram de existir.

O namoro tradicional, segundo a autora, tinha como finalidade o casamento e “a escolha dos cônjuges”, assim, no início, o casal se encontrava no portão da casa da moça para conversar e essa situação durava até o rapaz ter condições financeiras para pedi-la em casamento. O jovem era aceito na casa da garota só depois de assumir um compromisso mais sério; contudo, o controle sobre o casal se tornava mais rigoroso, a fim de preservar a reputação e a honra da mulher, como também sua virgindade (AZEVEDO apud STENGEL, 2003, p.75).

Atualmente, os jovens rompem com algumas dessas regras do namoro tradicional, mas, ao mesmo tempo, convivem com outras práticas que ainda fazem parte dessa espécie de relacionamento. Hoje, observa-se que o namoro não tem como finalidade última o casamento, porém se configura, assim como o ficar, enquanto parte de um processo de aprendizado da sexualidade entre os jovens (HEILBORN et al., 2006). Segundo as participantes da pesquisa, é no contexto do namoro ou do ficar que acontecem os primeiros beijos, carinhos e relações sexuais. Todavia, em alguns casos, o primeiro namoro pode resultar no casamento, mas isso não é uma condição tão rígida como antigamente.

Assim, no período da realização das entrevistas, das seis jovens, apenas duas namoravam, sendo que três estavam casadas e uma tinha sua situação afetiva indefinida: não sabia se continuaria ou não a se relacionar com o pai de sua filha. Das três casadas, duas declararam que o namoro precedeu o casamento e apenas uma contou que, logo após conhecer o rapaz, foram morar juntos para, depois, oficializarem a relação.

Nesse contexto, a própria idéia de namoro sofre variações em relação ao valor atribuído ao relacionamento: na concepção das garotas, existem namoros mais sérios e outros menos. Namoro sério é aquele que tem a permissão dos pais, engendra mais compromisso entre o casal e acontece dentro de casa; já o segundo não é tão sério, pois não há a assunção da relação perante a família, de maneira que o namoro acontece às escondidas. Este último se assemelha mais ao ficar, não tendo os pais conhecimento do relacionamento, e os encontros ocorrem em locais variados, como na rua ou na praça, por exemplo: “no começo a gente [...] namorava escondido, então namorar escondido não é tão sério como namorar em casa, porque tem mais responsabilidades em casa, né?!?” (PAMELA). Por outro lado, nada impede que o namoro escondido, com o passar do tempo, se torne um namoro sério: para isso, basta que o casal assuma a relação diante das suas respectivas famílias e aceite as regras impostas por elas.

Em muitos casos, a família e as mães, em especial, têm papel fundamental no consentimento do namoro e na delimitação de suas regras, como explica Laura, referindo-se à ocasião em que seu namorado foi pedir permissão para o namoro:

Ele pegou e falou pra minha mãe que queria namorar comigo sério [...] aquilo me surpreendeu porque jamais eu pensei que alguém ia chegar e assim, na lata, falar com a minha mãe, minha mãe também se surpreendeu, mas cedeu, né? Minha mãe impôs a ele alguns limites [...]: “Ó, [tem] a questão do horário [...], o dia, pra vocês se ver, mas não todo dia e, tipo assim, o respeito acima de tudo e responsabilidade total e outras coisas assim”, que toda mãe deseja à filha [...] que me faça feliz [...] que saiba me entender [...]

A mãe de Pamela, da mesma forma, exigiu que a filha apresentasse seu namorado, para decidir se iria ou não permitir o relacionamento:

Eu quero conhecer ele, ver do jeito que ele é, ver a cabeça dele [...] depois eu te falo se vou deixar você namorar [...] daí ela conheceu ele, ele conversou com ela e tudo [...] ela falou: “Ah, eu deixo você namorar com ela, mas tem que respeitar, tem que não sei o que lá”, coisa de mãe, né? Aí nós começamos a namorar em casa, aí eu fui lá na casa dele também, conheci o pai dele, a madrasta dele [...]

Nesse aspecto, o “namoro em casa” corrobora a permanência de práticas e valores que se assemelham ao “namoro tradicional”, uma vez que a permissão da família precisa ser dada e as regras, no caso das jovens desta pesquisa, são definidas pelas mães e estão diretamente relacionadas às tentativas de controle do relacionamento. Por outro lado, os jovens reinventam as regras desse tipo de namoro, que não se restringem às conversas e alguns beijos trocados entre o casal, como ocorria antigamente (AZEVEDO apud STENGEL, 2003); hoje, as normas e condutas que dizem respeito ao namoro possibilitam que as carícias mais íntimas e, muitas vezes, as relações sexuais ocorram dentro da casa dos pais dos jovens. Júlia conta que sua primeira relação sexual aconteceu na casa do namorado, enquanto os pais dele haviam saído para passear. Pamela, do mesmo modo, perdeu sua virgindade e mantém relações em sua própria casa, nos períodos em que o casal está sozinho.

Assim, para as jovens, namorar em casa é uma forma de relacionamento mais sério que o ficar. Pamela traduz essa idéia em sua fala sobre a falta de fidelidade que comparece em muitos namoros: “Se quer namorar tem que ser ‘a namorada’, porque senão não namora, fica, que ficar não é muito sério”. Embora a infidelidade esteja na contramão das normas estabelecidas nos relacionamentos denominados “namoro”, os dados revelam que ela se faz presente nas

relações e, segundo Bozon (2004), atualmente ela é menos avaliada como uma falta do que como um comportamento censurável, visto que exerce conseqüência direta sobre o contrato da relação afetiva. Por outro lado, essa norma permite ser debatida e as condições de sua suspensão podem ser justificadas, como Nicole demonstra, no relato do diálogo que estabelece com o namorado, no qual explica por que o traiu:

Eu peguei e falei: “Não, é o seguinte, eu fui bem sincera com você, eu falei pra você, quando eu quiser ficar com outra pessoa eu não vou chegar te trair, mas eu vou chegar em você e vou falar: ó, não dá mais certo”. [O namorado]: “Ah, mas você ficava com ele, agora você tá falando[...]”, [Nicole]: “Ficava, porque eu não sabia se era isso que eu queria, por que você, quantas vezes você já não me traiu? Não adianta falar que não, que eu sei”. [O namorado]: “Ah, mas eu te amo”, [Nicole]: “Ó, não dá certo, porque eu tô gostando dessa pessoa e eu quero ficar com ela”.

Embora a fidelidade seja um requisito considerado essencial pelas jovens da pesquisa, tanto no namoro, como no casamento, outros elementos devem ser considerados, quando se trata do acordo de exclusividade afetiva e sexual entre o casal: o amor ou o “gostar” configuram-se como alguns desses elementos, visto que, sem eles, há poucos motivos para manter-se fiel ao parceiro, como Nicole demonstrou acima. A fala de Letícia retrata uma opinião parecida, destacando o papel dos sentimentos, mas principalmente da qualidade do relacionamento estabelecido entre o casal: “Quando você ama, depende do que você tem com a pessoa sim, aí eu acho que você tem que ser fiel, quando não, aí não precisa”.

Pamela ainda explica que, para que haja um compromisso sério, é preciso ser fiel e suprimir os desejos que podem surgir por outras pessoas: “Você tá namorando ou tá casada, tem que tá com aquela pessoa [...] se você tá com ele e quer ficar com outro, não tem como ter um compromisso sério, um namoro, um casamento ou qualquer coisa desse tipo” .

Apesar dessa declaração, a jovem explica que, no início do relacionamento, a infidelidade pode ser mais comum entre os casais, pois eles ainda não têm certeza do tipo de sentimento e relacionamento estabelecido: “Eu acho assim que a maioria dos casais no começo

[...] trai, no começo, assim[...] eu não sei por que, eu acho que é porque num [...] acha que não vai dar certo no começo, né, mas depois [...]”.

A maioria dos casos relatados em que as garotas ficaram com um parceiro diferente daquele do relacionamento atual ocorreu no contexto do namoro: “Namorava com o Rafael e ficava com outro rapaz também, na minha escola mesmo ou até quando eu saía”. Em contraste a essa situação, as jovens casadas foram mais reticentes, quando o assunto foi “(in)fidelidade”, Letícia dizia que o marido tinha muitos ciúmes e achava que ela o traía, o que causava desentendimentos entre o casal, como conta: “Se eu faço escova no cabelo [ele diz] “Ah, já ta ficando bonita pros outros!”, se eu passo batom: “Ah, vai me trair!”, já tá demais [...] tudo!! Roupa tem que andar que nem mulçumana”.

Desse modo, a desconfiança no que tange à “fidelidade” do parceiro é um dos motivos de conflito do relacionamento. Nicole vive uma situação um pouco diferente de Letícia; em seu depoimento, ela conta que o marido, em algumas ocasiões, sai e só retorna no outro dia, motivo para ficarem dias sem se falar, pois ela desconfia que o rapaz tenha relações com outras mulheres.

Diversas pesquisas, como a Gravada⁵² e a do Ministério da Saúde (apud HEILBORN et al., 2006) indicam que o determinante da infidelidade é o gênero, isto é, há uma certa concordância de que os homens se envolvem em maior número de relações paralelas. Heilborn et al. (2006) revelam que, enquanto 36,6% dos homens confirmam que tiveram relações paralelas, apenas 9,6% das mulheres o fazem. Nesse sentido, os dados da presente pesquisa evocam uma outra questão: até que ponto as jovens declaram praticar algumas condutas socialmente desaprovadas, como a traição, por exemplo⁵³? Num contexto em que a infidelidade parece ser um atributo masculino, justificado através da “vontade sexual incontrolável” dos homens, para as mulheres, essa atitude é vista como censurável, restando apenas a condenação moral do ato (SALEM, 2004, p.30). Assim, apesar de duas jovens declararem abertamente que tiveram relações paralelas, no contexto do namoro, e outras duas deixarem “escapar” algumas

⁵²Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil, coordenada por Maria Luiza Heilborn, cujos resultados foram divulgados através do livro: *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Cf. referências bibliográficas.

⁵³Bozon (2004, p.27) salienta que, na América Latina, o adultério sempre foi visto com “um olhar muito mais severo quando dizia respeito às mulheres”.

atitudes que faziam referência ao assunto, ficam as indagações: será que o gênero permanece o fator determinante da (in) fidelidade? Em que medida podemos afirmar que a infidelidade é um comportamento quase “exclusivo” dos homens?

Até que ponto os ideais da modernidade, como igualdade e liberdade, estão contribuindo para modificar as formas referentes aos privilégios e hierarquias que se estabelecem, nas relações afetivas? Não estamos afirmando que as assimetrias de gênero não existam, ao contrário, elas ainda parecem bastante presentes, mesmo que de maneiras sutis, principalmente quando observamos a dificuldade de algumas garotas verbalizarem sobre o assunto da (in) fidelidade; porém, o fato de não se sentirem à vontade para falar não significa que não tenham passado por tal experiência. Nota-se, portanto, uma visível tendência de maior equidade nas relações e contratos de conjugalidade.

Adiante, destaco outro tipo de relacionamento abordado pelas jovens e que se caracteriza pelo descompromisso e pelo efêmero: o ficar. Esse tipo de relacionamento pode estar ligado ao contexto atual, em que Bauman (2004) se refere a uma “modernidade líquida”, na qual os vínculos humanos se tornam cada vez mais frágeis e, freqüentemente, substituem compromissos duradouros. O ficar, como salientam Heilborn e Bozon (apud Heilborn et. al, 2001, p.22), configura-se numa nova modalidade de relacionamentos entre os jovens brasileiros e contrasta com o namoro e suas regras mais estáveis e previsíveis, haja vista que ele se fundamenta na imprevisibilidade e não requer qualquer compromisso entre os parceiros, de forma que “ele pode resumir-se a um encontro (com ou sem ato sexual) ou desembocar em um namoro”.

Assim, ficar é um acontecimento presente no cotidiano das jovens dessa pesquisa, posto que todas declarassem passar por essa experiência, em algum momento de suas vidas; por outro lado, a freqüência desse tipo de relacionamento é bastante variada: enquanto algumas declaram que ficaram com muitos garotos, outras dizem que quase não ficaram. Essa espécie de experiência ocorreu, na maioria das vezes, em momentos mais informais, como nas festas ou bailes, por exemplo. Todavia, a rua e a escola também são citadas como lugares onde é

possível ficar com os garotos, como afirma Letícia: “Foi com um mocinho da escola [...] ah, eu fiquei com ele (risos) atrás da escola, foi aqui mesmo, aí só dei um beijo e depois fui embora”.

Laura, Pamela e Letícia contam que a iniciação a esse tipo de relacionamento – ficar - coincidiu com o primeiro beijo:

Foi quando eu tava na quinta série, meu primeiro beijo [...], foi quase no segundo dia de aula, eu vi, rolou uma química, eu achei ele bonitinho, falei: “Bom, vou puxar conversa”, como eu não tinha aquela coragem, né, quando eu era garota [...] nunca tinha ficado [...], um amigo meu foi falar com ele, né, e a gente começou a se conhecer, no intervalo, brincando, aí aconteceu, não foi aquele beijo [...] Aí começamos a ficar (LAURA).

Tinha um menino que eu gostava dele e ele gostava de mim e ele queria ficar comigo, mas eu tinha vergonha de falar, né (risos) que eu nunca tinha ficado com ninguém, aí um dia a gente tava brincando de esconde-esconde, aí ele chegou e me beijou, aí depois a gente começou a ficar, ficar, ficar [...] aí depois foi ficando com outros assim, mas poucos, né (PAMELA).

Como se pode observar, é comum que o primeiro beijo ocorra no contexto do ficar, que se configura como “o primeiro elemento de familiarização com a vida amorosa” para muitos jovens (HEILBORN et al., 2006). Vale ressaltar ainda que essa iniciação afetiva é sentida e percebida de forma variada pelas garotas pesquisadas: Letícia, que aos treze anos deu seu primeiro beijo, o achou emocionante, por ser uma experiência diferente: “Eu nunca tinha beijado praticamente, né, aí o primeiro [beijo], deu aquele friozinho na barriga, demais até”, enquanto Laura diz não ter gostado muito da sua primeira experiência, que aconteceu na escola, aos onze anos: “Eu não gostei do meu primeiro beijo, que eu acho que muita gente também não gosta [...], aí aconteceu, gostei mais ou menos assim, sabe?”.

Os sentimentos ligados à experimentação do primeiro beijo são diversos; entretanto, dois elementos merecem destaque, pois são bastante comuns entre as garotas: o primeiro está relacionado à expectativa de se iniciar afetivamente, constatado a partir das falas que enfatizam uma certa vergonha ou receio das jovens por conta de sua falta de experiência, no campo dos relacionamentos, como demonstra Pamela “[...] ele queria ficar comigo, mas eu tinha vergonha de falar, né (risos) que eu nunca tinha ficado com ninguém”. O segundo elemento, diretamente relacionado a essa expectativa, diz respeito à curiosidade em relação às primeiras experiências afetivas, como o primeiro beijo, o primeiro ficar, a primeira relação sexual etc.

A média de idade em que as garotas deram seus primeiros beijos variou entre

dez e quatorze anos, tendo a metade delas afirmado que, depois do acontecimento, passaram a namorar o mesmo garoto. Esses casos que acarretaram em namoro comprovam que a escolha do parceiro não foi aleatória, porém ocorreu porque houve um sentimento que influenciou na tomada de decisão, conforme podemos observar no depoimento de Pamela: “Tinha um menino que eu gostava dele e ele gostava de mim”, ou de Laura: “[...] eu vi, rolou uma química, eu achei ele bonitinho”. Em todos os casos o primeiro beijo foi experimentado com um parceiro conhecido: da escola ou da rua em que moravam.

Apesar do ficar ser um tipo de relacionamento marcado, em geral, por sua curta duração e imprevisibilidade, há a possibilidade de que ele se torne algo mais sério, como um namoro, por exemplo. Isso pode acontecer quando o casal fica constantemente, isto é, os encontros começam a ser mais frequentes e o relacionamento ganha mais intimidade: “Ele pediu pra ficar comigo e a gente ficou, depois foi ficando, foi ficando, depois a gente ficou uns três meses aí ele pediu pra namorar comigo” (PAMELA).

É possível notar também que ficar possibilita o conhecimento entre os parceiros, de maneira que ele, geralmente, se torna um pré-requisito para o namoro, como Laura explica: “Esse ficar é a mesma coisa de se conhecer [...] a gente não namora com uma pessoa do dia pra noite, só de olhar namorou sério, né?”. De modo geral, o primeiro passo para o início de um relacionamento mais sério é ficar, para conhecer melhor a pessoa e, dependendo das condições e sentimentos envolvidos, parte-se para o namoro. Porém, pode acontecer que o espaço de tempo entre ficar e namorar seja relativamente curto, como foi o caso de Júlia: “Eu conheci o pai da neném, nunca tinha visto ele, aí ele foi no baile, a gente se conheceu [...] fiquei com ele na sexta, no domingo a gente começou a namorar”.

Outro acontecimento que é relatado com menor frequência pelas jovens é o ficar só por um dia ou uma noite, havendo casos que se podem resumir a apenas um beijo, sem que haja continuidade no relacionamento, como conta Letícia: “[...] só dei um beijo e depois fui embora”, Pamela igualmente relata: “Um dia eu tava numa festa dançando, o menino chegou e me beijou, daí depois não tinha como né [...] (risos) [Fiquei com ele] só na hora que ele me beijou, mas depois [...] eu não fiquei mais não”.

Na maioria dos casos, as jovens praticam o ficar sem relação sexual: em outras palavras, a princípio ficar não envolve o relacionamento sexual, mas pode passar a incluí-lo, uma vez que a marca essencial desse tipo de relacionamento é a própria imprevisibilidade. Das seis

garotas entrevistadas, apenas Nicole declarou que transou com o parceiro no contexto do ficar; nota-se que, na época, a garota já tinha uma vida sexual ativa e possuía uma certa intimidade com o parceiro, já que ficavam freqüentemente; já as demais fazem referência ao namoro, quando o assunto em pauta é o ato sexual:

Ele gostava de ficar comigo, mas não gostava de mim, sabe, da minha pessoa, ele gostava de ter relação [sexual] comigo, mas [...] não pra falar: “Não, vamos namorar sério, vou assumir você pra todo mundo, pra minha família”. A gente ficava só de final de semana mesmo, ele ia na minha casa, falava lá com a minha mãe [...] a gente saía, ia numa lanchonete, numa pizzaria, conversava, depois a gente ia pra casa dele, né, aí a gente tinha relação [sexual], depois a gente namorava mais um pouquinho, depois ele me trazia embora, aí só na outra semana, no final de semana que eu ia ver ele. (NICOLE)

Nicole conta esse episódio com certo ressentimento em relação ao rapaz e, no decorrer de sua fala, declara que, apesar de não ser apaixonada, gostava muito dele, pois o moço sabia conquistar uma mulher. Entretanto, Nicole notou que ele não pretendia assumir, de fato, o relacionamento, atitude que a magoou muito, pois era contrária às suas expectativas: “Nunca foi aquela coisa, sabe? Chegar e falar assim: ‘É meu namorado e todo mundo vai saber, sabe?’”. Fica subentendido, no caso das mulheres, que a presença de um sentimento, como o “gostar muito”, por exemplo, deve vir acompanhado de um “compromisso” e, quando isso não ocorre, acaba gerando certa angústia. Apesar da frustração da jovem pelo término do relacionamento, que não se tornou um namoro sério, Nicole lançou mão de uma artimanha para esquecer o garoto: assim, logo após o evento, conheceu outro rapaz, com quem começou a ficar, como explica: “Tem aquele ditado: pra você esquecer uma pessoa você tem que conhecer outra, foi o que aconteceu, larguei dele, conheci o André”.

Heilborn et al., (2006, p.166) explicam que o ficar é entendido e vivido de formas diferentes, em cada região do Brasil, de modo que se constata variações significativas, quando se comparam os cenários referentes à cidade de Salvador com Porto Alegre. Nesta última, o primeiro namoro geralmente é precedido pela experiência do ficar que, via de regra, não implica relações sexuais, diferentemente de Salvador, onde o primeiro namoro, casto, precede o

ficar. Os autores verificaram ainda que os jovens de Salvador conhecem “muito menos experiências de ficar”. Com relação à organização dos relacionamentos afetivos, podemos inferir que as jovens pesquisadas se assemelham mais com aquelas de Porto Alegre, uma vez que o primeiro namoro, na maioria dos casos, também é precedido pelo ficar sem relações sexuais.

Em síntese, o ficar, assim como o primeiro beijo, constitui-se como uma “porta de entrada” para o desenvolvimento das relações afetivas e sexuais dos jovens, que é marcada por etapas, isto é, por “marcos socialmente organizados pelos pares” (HEILBORN et al., 2006, p.165). De modo geral, ficar representa uma etapa do relacionamento afetivo, que não envolve relacionamento sexual, sendo que está voltada para o conhecimento do parceiro e, dependendo das circunstâncias, pode acarretar num futuro namoro, principalmente nos casos em que os encontros entre o casal passam a adquirir certa frequência, colaborando para o surgimento de um sentimento mais intenso. Todavia, destacam-se, nos depoimentos, casos em que ele se configura como um evento de curta duração: um dia ou, menos que isso, apenas um beijo; nesses casos, o ficar não denota compromissos futuros. Assim, a idéia de compromisso é perpassada pelos sentimentos que, como se percebe, são constituídos nas práticas e formas de organização social; melhor dizendo, os sentimentos tanto são produto como são produtores de cada realidade sócio-histórica particular.

Ficar, beijar, namorar são marcos de iniciação da vida afetiva das jovens entrevistadas e, quando nos referimos a eles, outro elemento se faz bastante presente, nos depoimentos: as primeiras relações sexuais, já que é uma etapa bastante referida pelas garotas, porque envolve grande expectativa e está cercada de ideais e sonhos.

3.3 – Do namoro à primeira vez...

“O amor não existe, o que existe são provas de amor.”
(Pierre Reverdy)

Os estudos sobre a iniciação sexual das mulheres têm destacado o papel central do vínculo afetivo, para que a primeira experiência sexual aconteça (BRANDÃO, 2004, p.67). Na presente pesquisa, observamos que, entre as jovens, comumente o evento está ligado não apenas ao vínculo ou compromisso com o parceiro, mas também ao sentimento amoroso. Essa também é a conclusão de Heilborn, a qual afirma que, para as mulheres, “é como se o amor validasse o sexo” (HEILBORN, 1999, p.51). Nesse contexto, os homens, amiúde, tentam utilizar tal sentimento como uma forma de barganha para conseguirem o que desejam: o relacionamento sexual, o qual, por vezes, é requerido pelos parceiros sob o pretexto de uma “prova de amor”. Como veremos a seguir, embora esse tipo de conduta, ou “estratégia”, masculina já seja bem conhecida pelas mulheres, ele ainda se faz notar em seus relacionamentos afetivos, especialmente quando nos aproximamos de seus roteiros mais particulares de vida.

Na ocasião das entrevistas, cinco garotas já haviam tido sua primeira relação sexual, enquanto uma ainda não tinha passado pela experiência. As idades desse tipo de iniciação variam entre 13 e 16 anos, ao passo que a única jovem que não se iniciara sexualmente, Laura, estava com 15 anos. Não observamos diferenças, quando comparamos a idade de iniciação sexual entre as jovens que são mães e as demais, pois o evento ocorreu na mesma faixa de idade entre ambos os grupos: enquanto as mães tiveram sua primeira relação sexual aos 13, 15 e 16 anos, as demais jovens a tiveram com 14 e 15 anos – nesse último grupo, excluímos a única jovem que declarou ser virgem. Porém, não é improvável que sua primeira relação sexual venha a ocorrer entre os 15 e 16 anos.

É comum, para as mulheres, que a primeira relação sexual seja acompanhada de um vínculo afetivo, salientando-se a circunstância de que, em todos os casos relatados pelas jovens, tal fato ocorreu no contexto do namoro, informação igualmente constatada por Stengel (2003, p.114), em sua pesquisa com jovens de níveis sócio-econômicos médio-alto e baixo, da cidade de Belo Horizonte: “para as mulheres, a relação sexual é limitada a relacionamentos estáveis e compromissados, como o namoro”.

Quando analisamos os motivos que contribuíram para a perda da virgindade, entre as garotas, é notável o quanto elas se mostram muito preocupadas tanto com os próprios sentimentos como com os afetos do parceiro; para a experiência acontecer, as jovens declaram que precisam ter certeza de que eles “gostam” realmente delas e não querem apenas fazer sexo, de sorte que o namoro se coloca como relacionamento mais adequado para que a primeira relação sexual aconteça, pois, nesse contexto, é possível que haja mais intimidade e cumplicidade entre o casal, conforme demonstram Júlia e Pamela:

Soube [o momento certo] quando tive certeza dos sentimentos dele por mim, por isso me entreguei. (JÚLIA).

Tinha que ser um menino que gostasse de mim de verdade, que não tivesse comigo só pra isso [sexo], igual meu namorado, segurei bastante pra ter certeza que ele gostava de mim. (PAMELA).

Desse modo, o sentimento do parceiro garante mais segurança para as jovens e, assim, ocasiona maior probabilidade de que os rapazes guardem segredo sobre o episódio, resguardando a honra e integridade moral das garotas. Verifica-se a preocupação das jovens com a própria “imagem”, que poderia ser denegrida perante o grupo, caso alguém ficasse sabendo que não eram mais virgens. Percebemos que as questões de gênero perpassam essas preocupações: Bozon (2004, p.28) explica que, nas culturas latinas, ainda é muito forte o controle social com vistas a retardar a entrada das mulheres na sexualidade, uma vez que tal controle intenta preservar a virgindade das moças até o casamento. Vale dizer que, na prática, essa norma obtém pouco sucesso, tendo em vista que os jovens passam a ter sua primeira relação sexual cada vez mais cedo (HEILBORN et al., 2006); contudo, essa normatividade parece contribuir para o desenvolvimento de uma “ética do ideal de conduta feminina”,

considerando que a iniciação da atividade sexual das jovens é vista como uma forma de transgressão a essas normas (BOZON, 2004).

Observamos ainda que esse “ideal de conduta” comparece no imaginário de muitas garotas entrevistadas, de maneiras variadas; em contrapartida, o que é comum na maioria das falas é o fato de a virgindade ser idealizada e exaltada como um bem ou qualidade que se deve preservar, apesar de terem ciência de que, no intercuro da vida afetiva, sentimentos como a paixão ou o amor podem ser decisivos na tomada de decisão sobre a primeira experiência sexual:

[...] eu falei: “Ó, eu sou virgem e é uma coisa que eu coloco em primeiro plano, não tô falando que eu vou perder só no dia do meu casamento, porque eu só tenho quinze anos e eu tenho muita coisa pela frente [...] eu não pretendo perder minha virgindade cedo, que nem eu falei pra ele, enquanto você puder me respeitar, melhor... [mas] e se de repente explode uma paixão desesperada em mim e acontece [a primeira relação]? Aí já não vou garantir mais o meu casamento. (LAURA, grifos meus).

O depoimento de Laura nos leva a questionar Giddens (1993), quando, em suas pesquisas, afirma que “nenhuma garota fala em “se guardar” para o casamento, porém, em vez disso, falam em uma linguagem de romance e compromisso”. Essa fala aponta para o fato de que, no contexto examinado, a virgindade ainda é idealizada e vista como um valor desejável pelas mulheres. Reitera-se a compreensão de que o ideal amoroso e da paixão são sentimentos que permanecem interferindo na decisão das jovens de ter a primeira relação sexual. Pamela explica que sua primeira experiência aconteceu com o namorado, por quem cultivava um sentimento que considera “verdadeiro”:

Do meu namorado eu gosto... Ah, eu acho que eu gosto de verdade [...] [na primeira vez] a gente tava em casa e eu tinha vergonha, né... ele foi conversando comigo, conversando, conversando, aí eu ficava nervosa, [mas] ele fez com bastante cuidado. Gostei, até hoje a gente fica lembrando assim, fica dando risada. (PAMELA).

Embora Laura não tenha experimentado sua primeira relação sexual, seu depoimento confirma as idéias sobre a importância do amor e da cumplicidade, para que haja a “transa”:

[...] eu penso assim: não existe sexo sem amor, pra mim sexo sem amor é você tirar sua necessidade, pra mim tem que ser uma coisa romântica, entendeu? [A primeira relação sexual deve] ter amor, respeito, é assim, se ele gosta de mim e eu gosto dele e a gente vê que a gente se entende [...] (LAURA, grifos meus).

Por outro lado, nos depoimentos relacionados ao assunto, externam-se sentimentos como vergonha, que provavelmente diz respeito à intimidade que o momento demanda entre o casal, como, por exemplo, de ter que se despir na frente do parceiro, e o medo. Certamente, este último está ligado a duas situações distintas: a primeira, à dor que o próprio ato sexual pode proporcionar: “Não sangrou nem nada, ele fez com bastante cuidado. Eu falava que ia doer e ele parava, já (risos)” (PAMELA); “Eu tive medo [mas] como minhas amigas falavam que não doía, aí eu pensei assim: ‘Eu vou’” (NICOLE). A segunda situação concerne ao receio de ficar “falada”, que é uma preocupação expressa pela maioria das jovens, as quais percebem a atitude dos garotos como uma ameaça a sua honra, posto que é comum entre os rapazes contar “vantagens a respeito de suas conquistas amorosas”, com o objetivo de exaltarem a própria masculinidade (SALEM, 2004, p.25). Os sentimentos de medo e vergonha denotam a descrição da sexualidade juvenil segundo um sistema de moralidade tradicional, na qual a prática sexual das mulheres é vista como ilegítima.

Assim, o “ficar falada” vem acompanhado da não efetivação do vínculo entre os parceiros, uma vez que, segundo as entrevistadas, os garotos costumam tomar essa atitude, quando não possuem mais nenhum tipo de compromisso com a jovem que iniciaram sexualmente. Por isso, as garotas relatam sempre estar atentas para perceber se o parceiro não deseja apenas se “aproveitar”, em outras palavras, “fazer sexo” para, depois de consumir o ato sexual, terminar o relacionamento:

[queria que a primeira vez fosse] com uma pessoa que eu gostasse bastante e que gostasse de mim, eu pensava mais que tinha que ser com uma pessoa que gostasse mais de mim, porque tem muito menino aí que fica com a menina pra...pra...fazer sexo, só. (PAMELA).

Quando chega o momento [da primeira relação sexual], você entende a pessoa, você tá convivendo com ela, você vê que ela não quer só aquilo, mas algo mais (LAURA).

Um evento como esse, recorrente no contexto de vida das garotas, foi constatado por mim, em uma das visitas realizadas à escola. A funcionária encarregada da cantina, em meio a conversas informais sobre os jovens, contou-me que um aluno havia terminado o namoro logo após “tirar” a virgindade da menina; disse ainda que ele “espalhou” para toda a escola o episódio. Pamela faz referência a essa mesma história, com temor:

Tem uma amiga minha que tava namorando com um menino fazia uns três meses, aí ela perdeu a virgindade com ele, depois ele ficou enrolando ela, depois de uma semana, um mês assim, já largou dela sem mais nem menos, aí depois ficou falando pros outros meninos lá: “Essa daí eu peguei, essa daí não sei quê”, eu tinha bastante medo disso [...] (PAMELA).

Além de sentimentos como amor, paixão, medo e vergonha, outros elementos também integram o contexto das primeiras relações sexuais, como a vontade de “fazer parte” do grupo de pares e a insistência do parceiro. A orientação da mãe de Talita era que ela não se deixasse influenciar pelos homens, já que muitos deles não queriam nada sério; assim, a jovem deveria se iniciar sexualmente apenas quando estivesse preparada, para “não cair em conversas masculinas do tipo: ‘Me dá uma prova de amor!’”. Enquanto o caso de Talita não passou de um conselho, Nicole, por outro lado, viveu a situação com o namorado, que solicitava provas de seu amor, sendo a maior delas que ela consentisse a realização de sua primeira experiência sexual: “[ele dizia] Se você gosta de mim, prova”.

Entretanto, sua decisão de perder a virgindade foi menos influenciada pelo namorado do que pelas suas amigas: “A minha primeira vez eu me arrependo bastante [...] foi mais por impulso, sabe, por inveja das minhas amigas, ninguém ser mais virgem e eu ser, elas ficavam me zoando”. No julgamento da garota, a opinião das amigas ganha um peso considerável, porque desejava fazer parte do grupo, o que significava compartilhar das mesmas experiências.

A primeira relação sexual de Nicole aconteceu perto da casa do namorado, em situação e local improvisados. Ela conta que eles apenas forraram o chão com um lençol, mas não deixa claro o lugar onde estavam. Nesse caso, o evento não aconteceu segundo suas expectativas, uma vez que não foi com quem ela queria, pois não amava nem era apaixonada pelo rapaz, contudo, como suas amigas aprovavam e incentivavam o relacionamento, ela aderiu aos

conselhos do grupo. Observamos que, quando o evento se dá de forma diferente do que foi idealizado, passa a ser visto com arrependimento e remorso: “[...] não foi como eu queria, o que eu sonhava, toda mulher sonha... sabe, de ficar com o cara que você ama, daquele jeito, no momento especial, gostoso, né, cheio de amor, pra mim não foi nada disso” (NICOLE).

Como podemos constatar, a primeira experiência sexual das garotas é sempre acompanhada de idealizações e fantasias, por mais que, geralmente, no plano do real, esses sonhos não se concretizem. Portanto, nas experiências em que, além do vínculo com o parceiro, o amor estava presente, o acontecimento é percebido de forma positiva – “bom”, “legal”. Em contrapartida, quando não existe amor, o evento se reveste de um caráter negativo, digno de arrependimento, como Nicole aponta: “[...] me arrependi muito... pra mim... eu penso que não era pra ser com ele”.

Nota-se que as jovens compartilham um “ideal da primeira relação” (LE GALL; LE VAN, apud BOZON, 2004), que pressupõe que a experiência sexual se dê com um “grande amor” e contribua para o estabelecimento de um relacionamento duradouro, de maneira que o romantismo e o cuidado também são lembrados, nos depoimentos que se referem a esse momento:

Romântico tem que ser aquela coisa assim, não aquela coisa melosa, com fundo musical, velas, flores pra tudo quanto é lado, não! Mas aquele momento pra vocês dois, sabe? No qual você tá conversando com ele, ele te entende, muitos carinhos, entendeu? E assim vai surgindo aquela coisa que leva uma coisa à outra, um beijo, um abraço, uma palavra amigável, um carinho e aí surge, entendeu, uma coisa romântica. (LAURA).

Dessa forma, podemos inferir que, na maioria dos casos, o amor constitui-se como principal motivador para que as jovens realizem sua primeira experiência sexual, dado que é igualmente confirmado na pesquisa Gravad (Heilborn et al., 2006), na qual 52% das mulheres fazem alusão a esse tipo de sentimento como principal causa para deixarem de ser virgens.

E, quando pensamos nas referências às “provas de amor”, fica evidente o quanto o seu sentido ainda é diferentemente apropriado por homens e mulheres. Assim, não fica sem razão o poeta, pois, para além das palavras de amor e daquelas que buscam explicar e teorizar sobre as “idéias” e “ideais” de amor, estão as condutas humanas traduzindo aquilo que realmente se faz em nome do amor. Enquanto, para os homens, a “prova de amor” é o consentimento das mulheres em experimentar, com eles, o desejo e o prazer sexual, a lógica para elas caminha em

direção oposta, pois, para muitas mulheres, certamente são as demonstrações de que são alvo de sentimentos de afeto, carinho e desejo, aliadas à confiança, que conferem sentido à “prova” de que podem vivenciar o sexo com seus parceiros. E tal sentimento é muito mais forte, no momento em que imaginam a sua “primeira vez”. O que não significa que, em fases posteriores da vida, novas experiências não venham compor os sentidos e as orientações de suas práticas afetivas e sexuais. Tudo isso não implica esquecer os inúmeros contextos em que se usa a palavra “amor”, nas relações erótico-afetivas, que tanto tem servido de referência ao ato sexual – “fazer amor” – como aos sentimentos envolvidos com a idéia de paixão, enamoramento, afinidades eletivas, atração sexual e outros tantos significados.

3.4 – Conversando sobre sexo

Ao longo dos relatos sobre as trajetórias afetivas, podemos notar a forte influência exercida pelo grupo de pares e, em alguns casos, pela família, no que concerne às conversas e conselhos sobre os relacionamentos afetivo-sexuais das garotas participantes do estudo. Entretanto, observa-se que o tom adquirido em cada situação, isto é, o diálogo entre mães e filhas *versus* as conversas entre amigas, é distinto e revela diferenças geracionais que permeiam tal comunicação. A esse respeito, Heilborn et al.(2002, p.23) afirmam que dois grupos são fundamentais, na vida dos jovens, quando se trata da transmissão de valores, representações e comportamentos, no tocante ao gênero: são eles a família e o grupo de pares.

Dessa forma, apesar de a noção de condição juvenil ser caracterizada pela busca da autonomia em relação aos pais, além da construção da identidade pessoal e coletiva (SPOSITO, 2005), o que pode gerar certo distanciamento entre mães e filhas, a opinião da família de origem não é ignorada, ao contrário, é extremamente valorizada por algumas jovens.

Um bom exemplo, como já explicitamos, é a importância do consentimento da mãe em relação ao namoro em casa, caso que revela o valor dado às regras e opinião das mães de algumas jovens, em especial de Talita, Pamela e Laura. Contudo, cada família tem uma forma de abordar o tema dos relacionamentos afetivo-sexuais junto às garotas: as mães de Talita e Laura

são mais incisivas e diretas, enquanto a mãe de Pamela encontra maiores obstáculos nas conversas com a filha, já que a última afirma ter “vergonha” em conversar sobre o assunto:

Eu tinha vergonha, ela [mãe] falava assim: “Quando você quiser perder sua virgindade, você fala pra mãe que a mãe vai te explicar certinho e tal...” eu já tinha perdido, mas tinha vergonha de falar com ela, aí eu peguei e falei pra ela: “Ah, mãe, eu não sou mais virgem!” aí ela começou a perguntar como que foi, não sei o quê... agora ela fica falando: “Tem que usar camisinha, tem que não sei o quê, tem que se cuidar”... ela conversa comigo, assim, mas eu tenho vergonha de conversar com ela, mas ela conversa comigo. (PAMELA).

O depoimento acima revela a distância entre mãe e filha: embora a primeira se esforce em estabelecer o diálogo com a jovem sobre a condução de sua vida sexual, esta não se sente à vontade e não leva a conversa adiante, alegando como principal motivo a vergonha de falar sobre tais assuntos.

Segundo La Taille (1996), os sentimentos estão integrados aos juízos e condutas morais dos seres humanos. No caso do sentimento de vergonha, que é inerente ao ser humano, trata-se de pensar sobre a auto-imagem, o julgamento que cada pessoa faz de si mesma e sobre o fato de que “o olhar alheio tem grande responsabilidade nesse processo” (id, p.17). A experiência da vergonha pode ser vista sob vários pontos de vista, entre os quais se destacam o sentimento de humilhação/orgulho e desonra/honra, que os indivíduos sentem perante os outros. Tal sentimento é produto e produtor dos valores morais que organizam as relações sociais, em cada cultura e sociedade particular. De acordo com o autor, a vergonha pode ser tomada, em seus aspectos positivos, como condição necessária ao agir moral, pois possibilita a imposição de limites em função das noções de certo e errado, justo ou injusto, permitido ou não permitido, nas relações estabelecidas com as outras pessoas. Porém, muitas vezes, a vergonha também pode ser vivida em função de experiências de humilhação e desonra, devido às suas associações com sentimentos de culpa e pecado, os quais não são necessariamente implicados com os valores éticos da não violência e da justiça, mas, sim, com a transgressão de normas sociais de controle e disciplinarização das condutas humanas.

No caso de Pamela, a vergonha parece consistir no medo “de decair perante os olhos da pessoa respeitada” – a mãe. Mas, por que isso? Por que ela “decairia” moralmente, no julgamento da mãe? Em que contexto isso acontece? A mãe não estaria falando tão naturalmente

sobre sexo, ou melhor dizendo, sobre “perda da virgindade” e em “explicar tudo direitinho”? Ao que tudo indica, diante do conjunto de depoimentos, o que costuma permear essas preliminares de diálogo são, em primeiro lugar, as prescrições para que a jovem cuide de sua integridade moral, uma vez que, explícita ou implicitamente, tais conversas reforçarão o caráter “mal visto” da sexualidade, especialmente quando se trata da sexualidade das mulheres. Nesse momento, as mães costumam direcionar o conteúdo das conversas para os alertas quanto ao juízo moral acerca da conduta sexual das filhas e reafirmarão a permanência de um forte julgamento dos próprios namorados a respeito da honra/desonra das moças. E as jovens já esperam por isso, de sorte que o diálogo sobre sua possível prática sexual já se inicia revestido de vergonha e/ou é acompanhado de risinhos, disfarces e desvios no olhar. No decorrer da conversa, as mães tentarão controlar e impor limites quanto aos tempos e lugares permitidos para os encontros e, por fim, enfatizarão os perigos da gravidez. Sobre a prevenção da gravidez, porém, em nenhum momento as mães das jovens participantes da pesquisa as ajudaram na definição e escolha mais segura de um método contraceptivo. Todavia, algo de fundamental importância a ser destacado é o fato de que não existem conversas sobre quais seriam as curiosidades, sentimentos, desejos, expectativas envolvidos com as experiências sexuais dessas garotas. Quando isso aparece, não ocorre um diálogo mais aprofundado sobre os significados do que foi mencionado, como veremos adiante.

E o que ocorre com as jovens que sequer conseguem conversar com suas mães e familiares sobre seus relacionamentos afetivos, como são os casos de Nicole, Júlia e Letícia? O motivo apontado para essa falta de conversa é, principalmente, o temor. No caso das jovens mães – Nicole e Júlia – ao sentimento de vergonha é associado o de medo, especialmente quando o assunto é a contracepção. As garotas têm dificuldade de utilizar métodos contraceptivos, como a pílula, por exemplo, porque o seu uso pressupõe a assunção de uma sexualidade ativa, por parte das jovens, perante sua família, como Nicole explica:

Eu tinha muito medo de chegar nela e falar assim: “Ah, mãe eu quero tomar um anticoncepcional”, eu tinha quinze anos, entendeu? Como antigamente eu era solteira, eu era de menor, tinha muito medo da minha mãe, nossa, eu... sabe, fazia de tudo pra ela não descobrir o que aconteceu [relações sexuais], ainda mais quando eu tava grávida. (NICOLE).

Verifica-se que, implicitamente, Nicole se refere à atividade sexual como algo transgressor, declarando que o fato de ser solteira e menor de idade, na época, não lhe garantia o direito de usar métodos anticoncepcionais, numa demonstração do sentimento de culpa por ter uma vida sexual ativa. Vale dizer igualmente que nem mesmo a circunstância de a jovem ter duas irmãs que passaram pela experiência da gravidez, quando eram muito jovens, possibilitou o diálogo com sua mãe.

Em contrapartida, as regras de comportamento ligadas ao namoro, amizades etc., que não envolvem diretamente o relacionamento sexual, têm maior “abertura” para o diálogo frente às famílias das jovens; nesses casos, os conselhos de suas respectivas mães são valorizados e seguidos, como conta Pamela: “A minha mãe fala que se [a gente] se ver todo o dia, de manhã e a noite enjoa, eu acho que é verdade, ah! Todo dia enjoa [...]”.

No âmbito familiar, a mãe é apontada como figura central para tal conversa, de modo que duas hipóteses são levantadas, para explicar a importância da mãe/mulher, no estabelecimento desse diálogo: a primeira é a constatação de que todas as garotas vivenciaram a separação dos pais e, na época, passaram a morar apenas com a mãe, o que acarretou o distanciamento da figura paterna. Outra é a de que as mulheres, mais que os homens, costumeiramente, falam mais sobre as histórias de seus relacionamentos amorosos e sexuais, conforme outros estudos já indicaram (BOZON, 2004), o que explicaria a maior disponibilidade das mães em assumir a responsabilidade pela orientação das filhas.

Tal como foi possível perceber, nesta investigação, a pesquisa Gravid (HEILBORN et al., 2006, p.158) aponta, igualmente, o papel da mãe no estabelecimento de diálogo tanto com as filhas como com os filhos, ao passo que o pai é inexistente, no que concerne às conversas com as meninas, embora tenha uma participação mais significativa, quando se trata dos meninos.

Nos casos de Talita e Laura, as mães se esforçam para “romper” com as hierarquias geracionais estabelecidas, já que os diálogos ocorreriam de forma mais direta. Mesmo Talita revelando que sua mãe sempre conversava sobre sexo com ela e também com suas amigas, observamos que o conteúdo dos diálogos giravam em torno de “informações” sobre sexo, as quais tinham caráter mais prescritivo – a importância e forma de utilização do preservativo, por exemplo – do que dialógico, no sentido de “ouvir” a opinião, dúvidas e questões das jovens. Por outro lado, Laura conta que, além da figura materna, a madrinha também era fonte de

informações e conversas. Nesse sentido, percebemos um outro tipo de sintonia, a marcar as relações familiares, que tendem a uma maior igualização entre gerações. Embora muitas diferenciações ainda permaneçam, a relação estabelecida denota uma tentativa de atenção aos sentimentos da jovem:

Ela [mãe] me aconselha, ela: “Olha, tudo tem o seu tempo, o que tiver que acontecer, vai ser, a melhor coisa que você faz é segurar [a virgindade], não tô falando pra você fazer porque eu tô mandando, né, então você faz o melhor pra você, se você acha que tá na hora, se você tem cabeça suficiente, é ele o homem da sua [vida]... porque vai ter aquela coisa, pode fazer [sexo]... pode ser até casada, você vai lembrar, meu primeiro homem foi “ele”, ou pode ter sido outro, mas ... daquele momento você vai ter consciência depois...” (LAURA).

Apesar de a mãe de Talita afirmar acreditar que se deve valorizar os sentimentos, nas práticas da sexualidade, referindo-se aos ideais de que esta venha a ser vivida com “o meu primeiro homem”, “o homem da sua vida”, a menção às idealizações afetivas acabam, literalmente, em reticências. Ademais, outras pessoas compõem o campo dos relacionamentos cotidianos e interpessoais das jovens. Laura relata os conselhos da tia que, geralmente, são bem humorados e carregados de ensinamentos da sabedoria popular, conquanto também reticentes e pontuais, sem maior aprofundamento:

Minha tia [...] ela dá aqueles conselhos que é pra dar risada: “Pinto é que nem cobra, levantou pra dar o bote, corre!”, sabe, mas não é... quando você tá conversando, ao mesmo tempo você tá aprendendo, aquela brincadeira, aquele conselho você tá aprendendo, duas pessoas que eu adoro falar sobre isso, entendeu? (PAMELA)

Como podemos observar, metade das garotas estabelece algum tipo de conversa com os familiares: mesmo as falas mais voltadas aos “discursos sobre sexo”, que nem sempre implicam a possibilidade de um diálogo direto, denotam um esforço das mães em lidar com essa situação “nova” e desafiadora. Stengel (2003, p.142) explica que o

medo de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS, abrem um espaço para conversar. A abertura, no entanto, não é necessariamente ampla e abrangente a qualquer tema, mas se refere ao uso do preservativo. (STENGEL, 2003, p.142)

Cada mãe lança mão das estratégias disponíveis; contudo, estas geralmente se limitam a prescrições referentes à conduta sexual, de modo que são ínfimas as tentativas de ouvir e tentar entender os desejos e sentimentos das garotas. Concluimos, desse modo, que existem diálogos, em muitas famílias, ao contrário do que se costuma afirmar. O que se deve procurar entender, porém, é qual seria o conteúdo dessas conversas, em que avançam e quais são os seus limites e recuos, os ditos e os não-ditos, o que está nas entrelinhas. Um grande “vazio” que detectamos nas conversas e orientações que as jovens recebem foi o referente aos sentimentos, sonhos e idealizações afetivas, por um lado, e, por outro, a “vergonha” que permanece, ao se falar em desejo e prazer sexual.

Verificamos, dessa forma, que as garotas que afirmam não conversar com os familiares acabam direcionando tais diálogos para o grupo de pares, que possui, em seu interior, suas próprias normas de comportamento. Todavia, isso não significa que as demais jovens, que têm a possibilidade de diálogo com os familiares, não recorram às amigas para conversar sobre seus relacionamentos afetivos.

Nesse contexto, quatro jovens confirmaram que costumam conversar sobre relacionamentos afetivos e sexuais com as amigas, mas a opinião do grupo de pares tem influência direta sobre todas as garotas, não apenas sobre aquelas que declaram estabelecer esse diálogo entre os pares. Pamela revela que a insistência da prima foi primordial para que ela ficasse com um garoto, na mesma ocasião em que namorava com outro rapaz:

Teve um dia que eu fui no shopping sem ele, com a minha prima, aí tinha um menino que queria ficar comigo e ela ficava falando: ‘Fica com ele, fica com ele!’, e eu: ‘Não! Tem o [meu namorado]’, ele não vai ficar sabendo, aí eu fiquei, mas fiquei com a consciência pesada (risos)... (PAMELA).

A opinião do grupo de pares exerce influência direta sobre o comportamento e a escolha de parceiros afetivos das jovens. Nessa fase da vida, o valor atribuído ao grupo é altamente significativo e, muitas vezes, tem poder de se sobrepor ao sentimento das garotas. Assim, a opinião das amigas de Nicole foi primordial para que ela namorasse um rapaz que não “amava”, o mesmo com quem, mais tarde, ela decidiu ter sua primeira relação sexual:

Eu gostava dele, não era amor, aquela paixão, sabe... porque todo mundo falava: “Ah, ele é lindo” [...] então por isso que eu chorava por ele, porque ele

era muito ignorante assim comigo, sabe, então eu tava mais com ele por causa dos outros, eu queria fazer bonito pros outros, pras minhas amigas. (NICOLE).

Como o depoimento demonstra, essa influência das amigas, por vezes, é reconhecida, mas pouco questionada pelas garotas, que acabam cedendo aos apelos do grupo de pares, Pamela exhibe o mesmo, em seu depoimento: “O menino chegava, eu ficava com um pouco de vergonha, né, mas também pelas amigas que ficavam: “fica, fica”, a gente vai lá e fica”.

Por conseguinte, enquanto as conversas entre mães e filhas revelam um tom de prescrição e dificilmente levam em conta os sentimentos das jovens, os diálogos entre pares, muito embora de forma sutil e velada, são mais impositivos, quando observamos a influência que eles exercem sobre a conduta afetiva das garotas: o “ficar” só para agradar as colegas, ter a primeira relação sexual porque as amigas incentivaram e aprovaram o namorado são exemplos significativos que comprovam esse tipo de prática entre as jovens, que pouco questionam o poder e a influência do grupo. Nas respostas dadas pelas jovens, foram feitas mínimas referências às conversas entre as amigas que tratassem dos sentimentos românticos nos relacionamentos. Aparece muito fortemente a ênfase para as experiências eróticas e a valorização de padrões estéticos de beleza, no incentivo a essas relações. O “aproveitar o momento” ou o “tirar proveito” das oportunidades de experiências eróticas parecem ganhar relevância, nas atitudes valorizadas pelo grupo de pares.

Pode ser que as mães dessas jovens, ao notar o quanto avançam as possibilidades de liberdade sexual entre os jovens e ao perceber a influência que pode ter o grupo de amigas sobre a conduta de suas filhas, procurem afastá-las de sua companhia, na primeira oportunidade que tiverem. Pamela conta que, depois que começou a namorar, se afastou das colegas, pois concorda com sua própria mãe, que a aconselhou a deixar as amigas de lado, quando se está namorando: “Minha mãe fala: ‘Se você quer namorar tem que esquecer dos amigos, amigo tem que ser só de oi e tchau’”.

Ainda sobre as conversas com as amigas, existem casos em que as garotas declaram quase não conversar sobre os respectivos relacionamentos afetivos com as colegas. Laura diz que não existe confiança entre elas, de maneira que evita falar sobre seus relacionamentos e ainda, segundo ela, a maioria de suas amigas é lésbica, não tendo como contribuir ou dar conselhos sobre suas experiências. A falta de conhecimento e de reflexão mais

balizada em critérios éticos para a vivência da sexualidade, assim como a dificuldade em elaborar críticas aos preconceitos em relação às diferenças e múltiplas formas de viver a sexualidade, parecem que ainda passam muito longe da formação dessas jovens, em um mundo em que se torna cada vez mais difícil equacionar os sentidos da liberdade, da justiça e da felicidade humanas.

3.5 – Sobre o casamento: “Meu marido se quiser pescar, pesque, mas que me leve junto [...]”

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.
Adélia Prado

As trajetórias afetivas das jovens, além de marcadas pela influência do grupo de pares, como também dos familiares, é sempre atravessada pelos tipos de compromissos idealizados e vividos.

O casamento é o modelo de relação afetiva em que se encontram três das seis jovens pesquisadas: Talita, Nicole e Letícia. Talita casou-se aos 20 anos, Nicole aos 16 e Letícia aos 15. Ressalto, ainda que, das três jovens casadas, apenas uma estava estudando: Letícia, garota que se casou com menor idade, cursava o último ano do Ensino Médio, enquanto Talita e Nicole haviam abandonado a escola, a primeira no segundo ano e a segunda no primeiro ano do Ensino

Médio.

Embora as demais garotas (Júlia, Pamela e Laura) não tenham vivenciado a experiência da conjugalidade, o tema do casamento comparece em suas falas, ora quando falam de seus projetos de vida futuros, ora quando se remetem aos requisitos que julgam essenciais, para estabelecer o relacionamento conjugal, como veremos adiante.

Assim, das três jovens casadas, duas são mães (Talita e Nicole) e uma não (Letícia). Observamos que a gravidez foi motivo de união, nos dois casos, embora tenham ocorrido de formas diferentes: Nicole foi morar com o pai de seus dois filhos, quando estava com seis meses de gravidez do primeiro, ao passo que, no caso de Talita, a primeira gravidez não implicou o casamento, mas a segunda sim, já que ela se casou com o pai de seu segundo filho⁵⁴, sendo que deixou o primeiro para seus pais cuidarem.

Quando nos referimos ao casamento, é preciso salientar que esse tipo de relacionamento também foi afetado pelas transformações ocorridas na esfera social mais ampla, analisada por Bauman (2004, p.112), a partir de uma “inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade” dos laços sociais. Nesse sentido, “parcerias frouxas e eminentemente revogáveis substituíram o modelo de união pessoal ‘até que a morte nos separe’, que ainda se mantinha”.

Ariès (1986, p.160) explica que o Ocidente construiu, aos poucos, um ideal do casamento que impõe aos esposos que se amem, ou que façam de conta que se amam. Assim, a idéia do amor romântico, por muito tempo, uniu o amor “eterno” ao casamento.

Porém, o enfraquecimento de algumas normas referentes a esse tipo de união acarretou a reorganização e reestruturação de regras e práticas que dizem respeito ao funcionamento do casamento, como a possibilidade de rompimento da relação (BAUMAN, 2004). Isto é, o vínculo entre casamento e durabilidade foi rompido, contrariando a idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre.

Para Trigo (1989, p.88), essa transição de valores e comportamentos atingiu de forma significativa a ordem familiar e as condutas pessoais:

Essa mudança de perspectiva e visão de mundo atingem instituições como família e casamento que procuram amoldar suas estruturas aos novos valores sem, contudo, desfazer-se dos velhos costumes. Ao indivíduo cabe harmonizar papéis, muitas vezes antagônicos e conflitantes, em suas vivências e representações.

⁵⁴ Na ocasião da última entrevista, Talita estava grávida do segundo filho.

Esse conflito entre o real e o ideal é evidente, nas falas das jovens, que carregam muitas das concepções tradicionais concernentes ao casamento e à escolha do parceiro ideal, à medida que também questionam e rompem com outros valores relacionados à esfera afetiva e relacional.

A vontade de se casar virgem ou “guardar” a virgindade para ser rompida em um “momento” mágico e/ou especial são concepções que ainda se fazem presentes, nas falas das jovens, como já discutimos anteriormente. Além disso, outra representação, ainda muito forte, e que comparece na maioria dos depoimentos, está ligada ao ritual religioso do casamento. Apesar de Vaitsman (1994) indicar que o ritual do casamento civil e religioso já tenha se enfraquecido, tal idéia não se aplica aos resultados encontrados na presente pesquisa, sendo que a maioria das jovens revela o desejo de se casarem na igreja, vestidas de branco, véu e grinalda:

Eu achava que [ia] namorar, noivar e depois casar numa igreja, vestida de noiva... muita gente... ah... uma festa num salãozão bonito, assim, mas não foi nada disso, fazer o quê!?! (LETÍCIA).

Eu pensei na igreja entrando, assim, de branco, aí eu acho tão bonito (risos), minha mãe fala que quando eu casar ela quer que seja um coral, cantando aquela música *Ave Maria*, sabe? Também vai ter que cantar *Aleluia* (risos), ai ai!!! (PAMELA).

Meu sonho era casar de véu e grinalda na igreja, virgem, né, antigamente, hoje, assim, hoje eu não penso mais nisso [...] mas eu sonho assim, casar, mas não na igreja, no cartório tá bom. (NICOLE).

Apesar de o ritual católico do casamento ser alvo de muitas fantasias e idealizações, entre as jovens casadas, a realização desse tipo de cerimônia e comemoração foi um sonho que não se realizou. No caso de Nicole e Letícia, a situação conjugal não foi oficializada por conta de vários motivos, como a falta de condições financeiras e a situação repentina em que ocorreu a união: no caso da primeira, a coabitação com o namorado aconteceu por causa da gravidez, posto que a garota não quisesse permanecer na casa da mãe, na situação em que se encontrava: grávida; Letícia, por outro lado, foi morar na casa da sogra, com o namorado, na ocasião em que sua mãe descobriu que a jovem não era mais virgem e, além disso, “desconfiava” estar grávida, suspeita que depois não foi confirmada.

Apenas Talita se casou no cartório, depois que já estava morando com o namorado. A jovem explica que a gravidez não foi o motivo do casamento, mas, sim, a coabitação. Embora tenha oficializado legalmente sua situação conjugal, a garota também afirma que deseja se casar segundo os moldes do ritual católico, entretanto, ressalta que prefere fazê-lo no “salão” e não na “igreja”, visto que o padre, com quem conversou, se recusa a casar mulheres que já tenham filhos. Assim, apesar de demonstrar sua insatisfação, questionando a posição e os argumentos do padre, Talita idealiza o evento segundo os moldes do ritual católico, isto é, deseja se casar vestida de branco, com a entrega de alianças, presença de padrinhos etc.

Na concepção das jovens, a oficialização da relação afetiva é extremamente valorizada, principalmente no meio sociocultural em que vivem, no qual as pessoas atribuem o “amigar” – isto é, coabitar com o parceiro – como um tipo de relacionamento de pouco prestígio; já o casamento “registrado”, isto é, oficializado, no âmbito civil ou religioso, passa a idéia de algo mais sério e de maior garantia de respeitabilidade perante a sociedade, como Talita demonstra: “Na minha cabeça, casar [no cartório] é uma coisa mais forte e séria, é um compromisso”. Letícia, por sua vez, questiona o valor social atribuído ao registro do casamento, embora não abra mão de oficializar sua relação:

Todo mundo chega na gente [e pergunta]: “Ah, você é casada?”, [ela responde]: “Sou”, “Ah, mas você é casada no papel?”, “Não!”, “Ah, então você não é casada, você é amasiada!”, isso que dá raiva. Eu acho que isso não é legal, mas também no papel num... tipo assim, os outros falam que um papel vale mais que um casamento, eu já não acho isso não. Vale mais o casamento é como você tá vivendo dentro de casa, não é um papel que vai mudar isso. (LETÍCIA).

A garota revela que o termo “amasiada”, forma popular com que é conhecida a mulher que não se casa oficialmente, não lhe agrada, configurando-se como um dos motivos para oficializar a relação. Nicole relata, do mesmo modo, que, apesar de não ter realizado o desejo de se casar na igreja, pretende oficializar a relação, no âmbito civil: “Mas eu sonho assim, casar, mas não na igreja, no cartório tá bom”.

Todas as jovens que vivem em situação de conjugalidade mencionam como sentimentos impulsionadores do casamento o amor, o “encanto” e a paixão. Letícia, por exemplo, assim se expressa: “É, eu acho que eu era encantada, assim, com ele, eu gostava muito, cheguei a amar, aí me encantou isso...” Contudo, esse sentimento parece fazer jus apenas ao início da relação, pois, com o tempo, as jovens fazem alusão ao desgaste desse sentimento, como também do próprio casamento. Tal “desgaste” pode estar relacionado aos preceitos atribuídos por Bauman

(2004) ao “amor líquido”, caracterizado pela transitoriedade dos desejos e, conseqüentemente, das relações humanas, pautadas no “consumo imediato”, já que enaltece a novidade e a satisfação instantânea, desvalorizando a permanência das relações sociais e afetivas.

Assim sendo, Nicole diz que sua relação com o marido foi mais “fogo de palha”, expressão que pode ser traduzida pela empolgação inicial com o parceiro; porém, mais à frente, ela explica que se apaixonou loucamente, porque ele a conquistou: foi o primeiro a dizer que a amava e a tratava com carinho e atenção. Entretanto, a situação atual se revela diferente do começo do relacionamento, visto que uma das queixas da jovem é o fato de o marido sempre sair e a deixar em casa, sozinha com os filhos, além de não auxiliá-la nos cuidados com as crianças. Em certos momentos, a jovem verbaliza descontentamento com o casamento e mágoa de seu marido, que não a ajudaria em nada e até espera para ser servido, nas refeições: “Não é porque eu dependo dele que tenho que agüentar desaforo” [...] “na casa de minha mãe, eu tinha ao menos liberdade” .

Letícia também diz se arrepender de ter casado, pois conta que não viveu as “coisas boas da vida”, como a liberdade de poder sair e se divertir. Seu pesar está ligado também ao desencanto do relacionamento e às atitudes possessivas do marido, que sente muito ciúme. Como podemos constatar, a falta de liberdade é uma das principais queixas das jovens casadas, porque, provavelmente, imaginavam que a saída da casa dos pais lhes proporcionaria mais autonomia e facilidade, para poder decidir e agir segundo suas próprias determinações e desejos. Tal liberdade é reivindicada pelas garotas, tanto em seu aspecto mais restrito – poder sair, passear, por exemplo – como mais amplo: conquistar autonomia e independência pessoal e financeira. Nos depoimentos, Nicole reflete sobre suas restrições em sair de casa e Letícia sobre o sonho anterior ao casamento, no qual pensava que teria mais liberdade para se divertir: “Não saio de casa, só pra levar minha filha na escolinha e volto” (NICOLE); “Ah, eu imaginava [o casamento]... (silêncio) que nós ia... sair bastante, é... curtir a vida, mas não é nada disso” (LETÍCIA).

Esses exemplos nos remetem às mudanças que atingem o ideal de amor romântico, produzidas entre os setores médios e de elite, o qual predominou fortemente nas sociedades ocidentais, em grande parte do século XX. Esse ideal estava ainda associado à idéia de que o “reinado” da mulher seria no interior do lar e que dele fariam parte estritamente as obrigações domésticas e os cuidados dos filhos e do marido, cujos desejos deveriam ser atendidos

e não contrariados. Aos homens eram destinados o espaço público de trabalho e a rua, como também o compromisso com o sustento da casa. Tais papéis e suas idealizações ainda permanecem, em algumas situações, embora sejam motivos de lutas e questionamentos, por parte das garotas, que hoje tendem a reivindicar mais liberdade sobre suas próprias vidas.

Talita, por outro lado, diz que está muito feliz com o casamento, mas uma ressalva importante é que, na época da entrevista, ela estava casada há quatro meses, sendo que sua avaliação se restringe à fase inicial de seu relacionamento. Conforme os depoimentos de Nicole e Letícia, que demonstram a insatisfação em relação aos rumos que o casamento tomou, após cerca de três anos, elas pouco falam em separação, embora admitam essa possibilidade. Tal situação explica o modo como a união pode ter sido vista, pelas jovens: como uma “estratégia” de autonomização pessoal (HEILBORN et al., 2006, p.282) frente à família de origem; em outras palavras, o casamento pode ter sido uma oportunidade de sair da casa dos pais, dada a situação precária dos relacionamentos estabelecidos nesse ambiente, o que justifica a “constituição de uma nova unidade doméstica”.

Alguns motivos esclarecem essa hipótese: Letícia conta que a mãe geralmente a trancava em casa, juntamente com o irmão mais novo, e saía para passear, além de a jovem haver relatado episódios em que mãe a agredira fisicamente. No caso de Nicole, os motivos parecem mais associados à convivência com o padrasto, tendo em vista que a garota, quando fala sobre seus projetos de vida anteriores ao casamento, revela a vontade de comprar uma casa para morar apenas com a mãe, sem o padrasto.

Apesar de a saída da casa dos pais ser vista pelas jovens como uma possibilidade para conquistar a autonomia, em relação à família de origem, esse “desejo de liberdade e independência” parece não se concretizar, de fato, uma vez que as garotas apenas passam de um tipo de dependência a outro: deixam de se sujeitarem à família de origem, para se subordinarem ao marido. Isso ocorre tanto no espaço afetivo e relacional como no âmbito material, de maneira que apenas Talita estava inserida no mercado de trabalho, quando foi morar com o namorado, enquanto Letícia e Nicole não trabalhavam; assim, Letícia expressa seu desejo de conseguir um emprego, para que possa conquistar sua independência financeira e “ser muito mais feliz”:

Se eu arrumar um serviço eu vou ser mais, mais, mais muito feliz, porque praticamente eu sou dependente [do marido] a tudo, a roupa, essas coisas, tudo, aí vai enchendo o saco, porque eu peço isso [para o marido], [ele responde]: “Ah, não tenho”, peço aquilo, “Ah, não tenho”, aí eu sei que se eu tiver trabalhando aí eu posso [comprar], aí eu vou ser mais independente, né?

Contudo, apesar de desejarem conquistar a independência material e a autonomia pessoal, as concepções tradicionais de gênero que postulam a responsabilidade do homem, enquanto “provedor” do lar, marcam tanto as falas como os comportamentos das jovens, pois compreendem que a obrigação de sustentá-las cabe ao marido. Nessa perspectiva, há de se levantar a hipótese de que, embora insatisfeitas com o relacionamento, pouco mencionam a separação, porque percebem poucas perspectivas de alcançarem uma situação melhor, nas palavras de Letícia:

Dessa última vez que nós brigamos eu ia pra casa da minha amiga, só que daí eu pensei, né? “Ah, não tenho serviço”, praticamente não tenho experiência em nada, vou embora pra lá, se já tá difícil de arrumar serviço casada, não tem experiência em nada, imagina lá também, que tipo assim, eu sou casada, meu marido a obrigação dele é me sustentar, lá não, eles não têm obrigação comigo, [ela imaginou]: separei e fui morar com eles porque eu quis, aí eu pensei nisso, aí eu peguei num... fiz as pazes de novo. (LETÍCIA).

Quando nos remetemos às demais jovens que não passaram pela experiência do casamento (Júlia, Pamela e Laura), verificamos que elas se referem ao relacionamento como um evento essencial na vida da mulher, mas que precisa ser negociado e planejado com antecedência. Nesse grupo, Júlia é a única garota que é mãe e cuja gravidez não resultou no casamento, visto que a jovem se recusou a ir morar na casa da sogra, exigindo, para que a união ocorresse, a constituição de uma nova unidade familiar. Como o namorado não atendeu às suas solicitações, Júlia preferiu permanecer em sua própria casa, junto com seus familiares. Vale ressaltar que a jovem também é a única desse grupo que não estudava, tendo abandonado a escola no último ano do Ensino Médio, para poder trabalhar e proporcionar melhores condições materiais para a filha.

Entre essas garotas, todas fazem alusão às condições materiais necessárias para que a união aconteça, isto é, para concluir os estudos a fim de, conseqüentemente, ter um bom emprego. Suas falas também se reportam à interiorização de regras ou “etapas” que necessitam ser seguidas para chegar até o casamento, muito embora, no plano real, elas não se concretizem. Essas etapas se constituem, de modo geral, em terminar os estudos, conquistar a estabilidade financeira por meio de um emprego, namorar, noivar, casar e, por último, ter filhos:

[A gente] planejava terminar os estudos, fazer faculdade, arrumar um emprego, noivar, casar e depois ter filhos. (JÚLIA).

Eu tenho vontade de casar com ele [namorado], eu já falei pra ele,

que ele só quer casar quando ele tiver um emprego, tiver a casa com carro na garagem, ele fala: “Agora a gente vai casar” e eu penso assim também, mas esse negócio de ter filho, assim eu quero só... mais pra frente. (PAMELA).

É que a gente [jovem] é muito ao contrário, em vez de namorar, noivar e casar, não, já engravida, namora, noiva e casa, tá sendo tudo ao contrário. (LAURA).

Os apontamentos de Laura a respeito de seus planos de passar por essas diversas fases são importantes indicativos de que, na prática, essas regras não são seguidas pelas jovens; em vez disso, constituem-se como um ideal pouco realizável para maioria, de sorte que muitas vezes elas “pulam” algumas ou quase todas essas etapas que previam. Porém, observa-se que não seguir tais planos gera certo desconforto entre as garotas, como demonstra Letícia, jovem que se casou aos 15 anos:

Eu achava que ia ser tudo na linha, que eu ia conhecer [o rapaz], depois dar uma paqueradinha, depois namorar, noivar e depois casar numa igreja [...] mas não foi nada disso, fazer o quê!?!

Heilborn et al. (2006, p.303) também ressaltam, a esse respeito, que

os diferentes eventos e situações pelas quais passam os jovens – tais como namoro, união, gravidez – não se desenvolvem de forma linear e cumulativa (em etapas), como é muitas vezes preconizado como ideal, mas, ao contrário, simultaneamente.

Para algumas jovens participantes da pesquisa⁵⁵, como Talita, Júlia e Pamela, o casamento não fazia parte de seus projetos de vida futuros. Entretanto, uma constatação interessante é que tais projetos de vida geralmente são construídos e pensados com base nas experiências mais recentes das garotas e comportam uma certa flexibilidade, podendo mudar conforme a ocasião ou experimentação de um acontecimento diferente. Isso foi verificado por intermédio dos depoimentos de muitas jovens, que afirmaram “mudar” seus planos, a partir do

⁵⁵Considerando tanto aquelas que são casadas como as demais, que não viveram tal experiência.

momento em que começaram a se relacionar afetivamente com os garotos.

Como já mencionamos, algumas admitem que, antes de namorar, o casamento não estava em seus planos, como Pamela e Júlia, as quais, ao contrário, ressaltam que queriam apenas estudar e morar sozinhas ou com as amigas, ou como Talita, que relaciona a não intencionalidade de casar com a experiência de seus pais, que sempre tiveram um relacionamento muito complicado, com separações e desentendimentos. Em contrapartida, quando se percebem envolvidas em um namoro, direcionam seus projetos de vida para rumos diferentes, o casamento:

Quando eu não namorava, eu não pensava em casar, nem namorar, eu nunca quis namorar, casar, ter filhos, que nem ter filhos, nunca pensava, pensava em me formar, morar com as amigas e só (risos)... (PAMELA).

Nunca tinha pensado nisso [casar], via o casamento dos meus pais, que não era legal e não queria isso pra mim, só quis casar quando conheci ele [marido], sabia que era uma coisa diferente. (TALITA).

Portanto, os projetos de vida das jovens comportam, além de idealizações no tocante ao casamento e à escolarização, também preocupações no âmbito da vida profissional e financeira, como veremos mais especificamente, adiante. Tais projetos são formados, segundo Nascimento (2002), em seu estudo sobre representações e projeto de vida de jovens, por um conjunto de representações construídas entre dois saberes: aqueles que organizam a cultura e os demais produzidos em outros segmentos sociais, isto é, eles são objeto de representação social, porque se constroem a partir dos conhecimentos partilhados socialmente, visando à felicidade e ao bem-estar do sujeito.

Nesse sentido, Chartier (1990) considera que a compreensão dos processos de construção das representações sociais deve ser realizada a partir de suas associações com o estudo da diversidade das vivências sociais e culturais mais particulares e cotidianas dos sujeitos: “é no nível da cotidianidade que as práticas e representações são constantemente criadas, recriadas e improvisadas”. Assim, interessa-nos entender como esse jogo de representações e práticas referentes aos projetos de vida das jovens ocorre no campo social e, conseqüentemente, no âmbito individual, pois, mesmo pressupondo a força das idealizações coletivas, também se

presume que as representações sociais de cada sujeito ou grupo social devem ser remetidas e analisadas segundo as suas experiências particulares.

Ainda que três garotas afirmem não desejar casar até o momento em que conhecem seus respectivos namorados/maridos, as demais se reportam à questão do casamento enquanto um plano futuro, independente da situação que se encontram no momento:

Eu pensava muito em sair, eu era que falava que queria casar só com 28 anos, sabe, não queria ter filho cedo, queria me divertir, sabe, queria curtir minha adolescência, minha vida, muito, sabe, queria dançar bastante, beijar muito na boca, mas não queria nada sério com ninguém [...] (NICOLE).

Eu pretendo fazer faculdade, fazer um bom curso pra ser psicóloga, e tipo assim, se possível, acabar o meu namoro, noivar e casar, entendeu, não pretendo assim, [ter] logo filho, mas ver o meu casamento, ver assim além dele, né, [...] se tá legal e ter filho. (LAURA).

Os depoimentos acima estão de acordo com a pesquisa de Nascimento (2002), para a qual o casamento aparece como uma representação social importante do projeto de vida, entre as jovens mulheres. O desejo da oficialização da sexualidade pelo casamento é mais representativo, no caso das mulheres, o que também foi constatado pelos dados da investigação.

Observamos que as jovens que não são casadas fazem pouca referência aos sentimentos como exigência básica para que a união ocorra; porém, tal constatação não significa que elas não se preocupem com a questão afetiva, pois, ao contrário, percebemos que, quando elas se referem à possibilidade de casamento, estão sempre enfatizando a situação com o atual namorado, com quem dizem manter uma relação baseada no amor e no respeito, requisitos essenciais tanto para o namoro como para o casamento.

Todavia, uma variedade de outros requisitos é mencionada como essencial, no dia-a-dia de um casal, Pamela aponta, em primeiro lugar, a importância do diálogo no casamento: “No casamento [o mais importante] eu acho que é... sei lá... a conversa, eu gosto bastante de conversar, tudo pra mim tem que conversar”. Em acréscimo, ainda que a jovem saliente não desejar ter filhos, no início do relacionamento conjugal, pois isso a impediria de “curtir”, de certo modo, o casamento, ela afirma que um filho contribui para a união do casal:

[Um filho] deixa o casamento mais forte, assim, sabendo que você tem um filho pra criar, um depende do outro [...] Acho que daí fica mais forte o relacionamento, que daí fala: “A gente tem uma criança, né, é o nosso... nenezinho!” (risos). (PAMELA).

Essa união implica também o companheirismo entre os parceiros, uma vez que, como já discutimos, as mulheres passam a questionar cada vez mais o lugar relegado a elas, o interior do lar, enquanto o homem desfruta de maior liberdade para sair e, muitas vezes, se divertir com os amigos. Pamela explica, sob o pretexto do ciúme, que o marido terá de levá-la a todos os lugares, até mesmo quando for jogar futebol. Porém, esse exemplo de ordem prática pode ser expressivo do caráter das representações de mais igualdade e liberdade, que tais jovens têm conseguido construir, no âmbito das relações de gênero que constituem a vida conjugal:

Ele falou assim que vai chegar do serviço e não sei que dia vai jogar bola... se for jogar bola, vai ter que levar eu, é... eu sou bastante ciumenta, se for chegar do serviço e ir jogar bola, tem que levar a mulher. (PAMELA).

Se as suas aspirações de estudar, de sair de casa para trabalhar e de passear com amigo(a)s não se mostram facilmente alcançáveis, as suas inconformações podem se traduzir em disputas e brigas, por conta de experiências do dia-a-dia em que julguem estar, mais uma vez, em condição de desprivilégio e privação, pelo fato de serem mulheres.

O que se pode observar é que, entre os valores e aspirações que organizam os desejos e representações da relação conjugal, para além do direito de liberdade requerido, continua presente a valorização da fidelidade, no casamento. Para Júlia, “a fidelidade tem que estar em primeiro lugar num relacionamento”. Pamela também destaca a importância da fidelidade, além de outros atributos que o marido deve ter: “[O marido] tem que ser fiel, carinhoso, é...legal, que conversa, que brinca, não um marido careta, assim, que não quer saber de nada, só de assistir televisão e dormir”. Porém, o que foi considerado mais notável, entre garotas tão jovens – e que não fazia parte das hipóteses iniciais deste trabalho – foram as suas reiteradas referências aos anseios de que houvesse diálogo e companheirismo entre o casal.

Laura aborda tanto a questão da liberdade, como do companheirismo, destacando ainda a importância da renovação do casamento a cada dia. Isso não significa, porém, que o ideal romântico de amor esteja ausente de suas aspirações. Ela não deixa de lembrar que acredita na idéia de que apenas um clima de romance e inovação constantes pode fortalecer a vida a dois:

Não aquele romance que seja só o que aconteceu no namoro, no momento que ele te conheceu, lá, mas que sempre vem renovando, entendeu? [...] Se a gente tá junto, não que a gente tá doido e vai esquecer os maus momentos, vamos recordar, sair, fazer uma coisa diferente, entendeu? Que ele sempre me entenda no momento que eu precisar sair, que ou a gente [saia] junto, pensar uma coisa nova, assim... (LAURA).

Em tempos de individualismo, de liberdade sem compromisso, de relações fugazes, de descarte e busca de prazer sempre insatisfeita, surgem, nas experiências dessas jovens, as contradições da convivência entre os ideais dessa cultura e valores considerados “tradicionais”, mas que aparecem como possibilidade de busca de recriação de sentido para as relações humanas. Mesmo que a idéia de liberdade ocorra de forma confusa e seus projetos de felicidade não encontrem sustentação, nas difíceis condições sociais e econômicas que vivenciam, elas trazem mantida a crença em um ideal de felicidade baseado na existência de alguém para compartilhar a vida e que possa ouvi-las, com quem possam conversar, de sorte que valorizam o companheirismo e o apoio mútuo.

Entretanto, Rougemont (apud MOREIRA, 1999, p.119-120) afirma que o casamento moderno se encontraria em uma crise permanente diante de seu antagonismo inevitável com o ideal romântico e da paixão, que lhe serve de fundamento. Também sustenta que a felicidade conjugal não pode ser garantida através de qualquer que seja “o preparo” ou os fundamentos para se proceder à escolha do cônjuge. Trata-se, antes disso, de uma decisão, do casal, de partilhar uma vida comum, com seus revezes e alegrias, assim como as mudanças nas relações sentimentais e nas formas se sentir afeto, desejo e prazer. Para o autor, as expectativas de “duração”, ajustamento e adaptação, idealizadas para o casamento, só podem trazer desilusões e frustrações, caso sejam assentadas no ideal de amor-romance-paixão. Isso porque esse ideal romântico se fundamenta justamente nas interdições, naquilo que é novidade e inalcançável; portanto, naquilo que é contrário à rotina, à previsibilidade e à harmonia que também estão previstas para um “casamento feliz”. Segundo o autor:

A felicidade é uma Eurídice, perdêmo-la; mal pretendemos agarrá-la. Ela só pode existir na “aceitação” e morre na reivindicação. Porque ela depende do ser e não do ter: os moralistas de todos os tempos o repetiram e o nosso tempo não traz nada que nos deva fazer mudar de opinião [...] o amante realizado vai continuar a amar esta Isolda uma vez desposada? Esta nostalgia acalentada será ainda desejável uma vez satisfeita? Porque Isolda é sempre a estrangeira, a própria estranheza da mulher, tudo o que há de eternamente fugidio, evanescente e quase hostil num ser, isso que convida à perseguição e desperta

a avidez da posse, a mais deliciosa das posses para o coração do homem presa do mito. Ela é a mulher-de-que-estamos-separados: perdêmo-la ao possuí-la. [...] É preciso recriar os obstáculos para se poder de novo desejar e para elevar este desejo à proporção de uma paixão consciente, intensa, infinitamente interessante... Mas só a dor torna consciente a paixão, e é por isso que gostamos de sofrer e fazer sofrer. (ROUGEMONT apud MOREIRA, 1999, p. 119-120).

Em suma, podemos relacionar muitas das concepções das jovens sobre as associações entre romance, diálogo, companheirismo na idealização da vida conjugal, com a aguda percepção no versar de Adélia Prado, que retrata a imagem de um estado de felicidade entre o casal, no vivenciar cotidiano da situação mais corriqueira possível, acontecendo entre as paredes de uma casa. Certamente, não se está afirmando que as jovens partilhem de percepções de mundo e valores idênticos aos da poetiza: apenas propomos refletir que também atribuem importância à aliança entre sentimento, conversa e compartilhamento na construção de uma vida conjugal que se almeja. Há que se destacar, na fala de Laura, que ela possa ter construído também o significado de que “somos noiva e noivo”, quando continuamos juntos, recordamos e recriamos a cumplicidade, a cada dia. Contudo, há de se destacar que, se esse poema fosse escrito por essas garotas, muito provavelmente o começo seria assim: “[...] Meu marido, se quiser pescar, pesque, mas que me leve junto [...]”.

3.6 – Gravidez e Maternidade

MATERNIDADE

Seu desejo não era desejo
Corporal.
Era desejo de ter filho,
De sentir, de saber que tinha filho, um só filho que fosse, mas um filho.

Procurou, procurou pai para seu filho.
Ninguém se interessava por ser pai.
O filho desejado, concebido
Longo tempo na mente, e era tão lindo,
Nasceu do acaso, o pai era o acaso.
O acaso nem é pai, isso que importa?

O filho, obra materna,
é sua criação, de mais ninguém.
Mas lhe falta um detalhe, o detalhe do pai.

Carlos Drummond de Andrade

No campo relacional e da aprendizagem da sexualidade com parceiro, o tema da gravidez se torna presente, seja de forma direta, sob o ponto de vista das jovens que passaram pela experiência da maternidade – Talita, Júlia e Nicole –, seja de forma indireta, a partir da ótica das garotas que se relacionam afetivamente com parceiro – Pamela, Letícia e Laura –, mas que não viveram a experiência da maternidade, porém tiveram a oportunidade de presenciar tais casos entre colegas próximas.

Notamos que todas as experiências de gravidez relatadas, entre as jovens participantes da pesquisa, ocasionaram no nascimento do filho, com exceção da primeira gestação de Talita, que resultou em um aborto espontâneo. A jovem revela ter passado por problemas de saúde, tendo-se submetido, após esse episódio, a tratamentos médicos para que pudesse engravidar novamente, o que indica a importância atribuída à maternidade por essa jovem.

Embora, no universo das jovens mães, todas estivessem freqüentando a escola, na ocasião da primeira gravidez – Talita e Nicole estavam no primeiro ano do Ensino Médio, enquanto Júlia, no segundo – nenhuma concluiu os estudos, já que verificamos o posterior abandono escolar, em todos os casos. A partir dessa constatação, observamos que a gravidez foi um dos fatores que contribuiu para o abandono, mesmo tendo conhecimento de que a trajetória de Nicole e Talita expusesse situações de repetências e interrupções de estudo, anteriores a esse período.

Talita lembra as dificuldades encontradas em seu processo de escolarização:

Tem quatro anos que eu estou no primeiro colegial, eu nunca consigo terminar [os estudos], porque antes de eu ter ela [filha] vivia bêbada dentro da classe, eu nunca ficava [na escola] por causa das minhas amigadas. (TALITA).

Em uma conversa informal, quando do nascimento de sua primeira filha, a

jovem contou que ia à escola quando podia, já que muitas vezes preferia ficar cuidando da criança.

Nicole, por sua vez, parou de estudar por conta da vergonha de freqüentar a escola grávida; disse que compareceu às aulas até o quarto mês de sua primeira gestação, tendo retornado após o nascimento da filha e interrompido novamente os estudos, quando se descobriu grávida pela segunda vez, de modo que se encontra até hoje fora da instituição; contudo, declara que pretende voltar a estudar. Destacamos, também em seu relato, a pouca assiduidade da garota, antes de sua primeira gravidez, que deixava de freqüentar a escola para encontrar-se com o namorado:

Ele [pai de sua filha] me buscava na escola, igual, acho que se eu não tivesse parado também eu acho que tinha repetido, porque eu faltava muito na aula pra namorar com ele. (NICOLE).

Pode-se inferir, nesses casos, que a descontinuidade da trajetória escolar, ainda que marcada pela ocorrência da gravidez/nascimento do filho, é um processo iniciado antes desse episódio.

O caso de Júlia foi diferente, pois, em sua vida escolar, não há relatos de repetências ou interrupções – apenas por ocasião da gravidez, na qual retornou à escola logo após o nascimento da filha. Entretanto, Júlia diz que apenas continuou estudando em virtude da exigência da mãe, pois sua vontade era mesmo de abandonar a escola, nesse primeiro momento. Todavia, essa insistência não foi suficiente para que a garota permanecesse por muito tempo na instituição, porque, quando cursava o terceiro ano do Ensino Médio, surgiu uma oportunidade de trabalho, que provocou no abandono escolar. Júlia, por outro lado, faz planos de retomar os estudos e concluir o Ensino Médio.

Apesar de não ser a problemática central deste trabalho, tais indicações nos levam a pensar sobre as relações existentes entre gravidez e abandono da escola, por parte das garotas. Essa relação de causalidade é desconstruída por estudiosos como Catharino e Giffin (2002, apud ABRAMOVAY et al., 2004), os quais alertam para a importância do conhecimento das condições de vida dessa população, visto que muitas vezes o abandono antecede a gravidez, ou mesmo é fruto de uma vida escolar marcada por insucessos, como demonstram Talita e Nicole, em seus relatos. No entanto, verificamos, neste estudo, que, após o nascimento do filho,

as condições de retorno à escola se tornam cada vez mais difíceis, pois essas jovens mães dispõem de pouco auxílio no cuidado com as crianças, assim como insuficientes recursos materiais, o que pode levar à sua inserção, no mercado de trabalho, em detrimento dos estudos, como foi o caso de Júlia.

Por outro lado, destacamos a heterogeneidade de contextos em que aconteceu o abandono escolar, pois, embora tenhamos constatado a interrupção por parte de todas as jovens, essa evasão ocorreu em razão da aglutinação de diversos fatores relacionados à gravidez – como a necessidade de trabalhar, a vergonha, a “preferência” de cuidar do filho – inclusive a gestação/maternidade.

Outra constatação intrigante está ligada ao fato de Nicole ter abandonado os estudos por sentir vergonha de frequentar a escola grávida e Júlia declarar a mesma vontade. Tais situações revelam o modo como a gravidez é percebida pelos atores escolares, como também indica a pesquisa de Abramovay et al. (2004) com respeito à recepção de garotas que são, além de mães, solteiras, no interior do espaço educativo. As autoras consideram preocupante a proporção de alunos e pais que afirmaram que “não gostariam de ter como colegas de classe mães solteiras”, uma vez que, apesar do percentual aparentemente baixo, o número absoluto de respostas é bastante elevado, de sorte que Abramovay et al. (2004) advertem que essa atitude se configura como um preconceito em relação a essas garotas.

Desse modo, fatores implícitos tendem a causar maior constrangimento. O fato de tornar-se mãe, no período da juventude, parece envolver uma forte discriminação social, caso em que se acaba colocando em jogo a reputação e o valor social das jovens. O depoimento de Pamela, garota que não passou pela experiência da gravidez, retrata os comentários depreciativos que circularam pela escola sobre sua amiga, engravidada aos 15 anos:

Você viu, ó, a fulana de tal [amiga] tá grávida, olha só, nossa! Olha como que ela é! Quem via pensava que era santinha, que não sei o que, sabe... esses tipos de comentários, e os outros: “e a mãe dela, a mãe devia dar uma surra, que não sei quê”.
(PAMELA).

Em contrapartida, as demais participantes que não passaram pela experiência da gravidez e/ou maternidade estavam estudando e suas trajetórias escolares não apresentavam casos de abandonos ou fracasso escolar, sendo que Pamela cursava o primeiro ano do Ensino Médio, Laura, o segundo, e Letícia, o terceiro.

Retornando às experiências vividas pelas jovens mães, com o acontecimento da gravidez, em todos os casos esta ocorreu na situação de namoro, mas a duração – tempo – desse tipo de envolvimento varia conforme cada experiência. A gravidez ocorreu, segundo as garotas, tanto no primeiro mês de namoro – caso de Talita – como depois de seis meses – Júlia – a um ano de relacionamento – Nicole.

Tanto Nicole como Júlia afirmaram que não planejaram a gravidez, enquanto Talita revela que a planejou, porém sem o conhecimento de seu namorado⁵⁶: “Ela [a jovem aponta para a filha] foi mais planejada por mim mesmo, não pelo pai dela, o pai dela não sabia disso! [risos]”. Complementando essa declaração, a garota conta que sempre teve o sonho de ser mãe: desde os 14 anos, ajudou a cuidar do filho de sua irmã, que deixou a criança aos cuidados dos avós. Talita declara que tal experiência reforçou seu desejo de ter um filho, todavia, observamos, ao longo da investigação, que essa vontade não está relacionada apenas a esse fato, podendo ser pensada também a partir do que afirma o pai da jovem⁵⁷. Segundo seu depoimento, a jovem sempre desejou ser mãe, por conviver e presenciar experiências de gravidez e maternidade entre suas amigas, muito embora eles, pai e mãe, advertissem sobre as dificuldades que ela enfrentaria, caso tivesse um filho tão cedo. Complementarmente, em outro momento, a própria garota justificou o fato de muitas jovens engravidarem, nos dias atuais, por conta da “moda” de ter filhos, isto é, muitas viam suas amigas engravidando e não queriam ser diferentes delas, por isso engravidavam também. Essas falas apontam para outro elemento que pode ter alimentado esse desejo maternal, por parte de Talita: a influência direta – ou indireta – que grupo de pares exerce sobre o comportamento dos jovens, como já foi discutido anteriormente.

Enquanto o desejo de ser mãe é claramente verbalizado por Talita, Nicole diz que, apesar de não planejar a gravidez, não usou nenhum método anticoncepcional, mesmo tendo conhecimento das possíveis conseqüências desse ato: “A gente sabia que tava correndo risco, mas não queria evitar, né, igual eu falava pra ele [namorado] ‘Ah! Não quero ter filho agora, eu não quero engravidar’, mas aconteceu!”. Nessa fala, pode-se inferir que o não planejamento da gravidez se choca com a falta da prática contraceptiva. Observam-se, através desse depoimento, as contradições na fala da jovem, uma vez que ela admite não *querer* ter filhos, mas, ao mesmo tempo, não *querer* evitar.

⁵⁶ Nesses casos, estamos nos referindo à primeira gravidez.

⁵⁷ A conversa com o pai da jovem ocorreu no momento de uma visita domiciliar, no intuito de tentar localizar Talita novamente; entretanto, a garota não estava mais residindo com os pais e sim com o atual marido.

Nota-se também que a mesma garota, no desenrolar da conversa, atribui sua gravidez à “vontade de Deus”: “Acho que foi a hora que Deus falou assim: ‘Não! Agora vai ter que acontecer, né!’”. Essa noção de “inevitabilidade” relaciona a ocorrência da gravidez com aspectos religiosos, forma como a garota construiu o sentido e explicou sua experiência. Isto é, os motivos da gravidez são igualmente inscritos e explicados, nesse caso, por intermédio do sistema simbólico religioso.

No mesmo depoimento, surgem resquícios de um “pensamento mágico”, já foi realçado por Quintana (2004), o qual afirma que ele “corresponde à idéia preconcebida de que nada de ruim poderá acontecer com ele [jovem], independente das ações praticadas. Na realidade é uma exposição ao risco”. Em consonância com essa idéia, a jovem imagina que ela ou o namorado sejam estéreis e, conjugado a isso, o fato de terem relações sexuais desprotegidas durante um ano alimenta sua fantasia de que nunca engravidaria: “‘Ah, não vai acontecer’, eu pensava assim : ‘Ah, eu sou estéril ou ele é’, sei lá, então eu falei: ‘Ah, não vou engravidar com ele’”. Esse “pensamento mágico”, que aparece duas vezes no depoimento da garota, pode ser percebido tanto no momento em que ela atribui a gravidez à vontade de Deus, como na fantasia de ser estéril.

Nicole conta que começou a ter relações sexuais com o namorado, em sua própria casa, quando a mãe saía para trabalhar, oportunidades em que o casal não usava nenhum método contraceptivo. Nesse período, surgem conversas sobre a questão da prevenção: ela declara que não toma pílula anticoncepcional e ele diz que não gosta de usar camisinha. Ambos aceitam a situação e continuam a ter relações sexuais desprotegidas; depois de um ano, ocorre a gravidez. No caso, o não uso de métodos contraceptivos foi uma decisão pouco negociada e tacitamente assumida pelo casal, envolvendo uma gama de fatores, que vão desde a qualidade do vínculo estabelecido até a representação simbólica que essa decisão pode comportar. Salem (2004) constata, em seus estudos, a aversão dos homens de classes populares no que tange ao uso do preservativo, principalmente quando se trata das relações sexuais com parceiras fixas, já que o *condom* está mais associado a relações esporádicas.

Júlia, por sua vez, discorre sobre a história de sua gravidez, a partir de seu relacionamento com o namorado, revelando que o casal conversava bastante e fazia muitos planos para o futuro – como terminar os estudos, noivar, casar e ter filhos. Diz também que eles sempre usavam camisinha e a jovem não fez uso de outro tipo de método anticoncepcional, como

a pílula, por exemplo, por medo de sua mãe descobrir; porém, a única vez em que não usaram o preservativo, por não o terem, no momento, ocorreu a gravidez, evento que deixou a jovem muito confusa e triste, de modo que sua vontade, a princípio, era fazer um aborto.

Como podemos observar, entre as três entrevistadas, apenas Júlia evidenciou mais claramente que não idealizava ter filhos, naquela etapa da vida, embora também não tenha utilizado nenhum método anticoncepcional, em uma de suas relações sexuais. Vale ressaltar que a garota foi a única que declarou a vontade de interromper a gravidez, enquanto Nicole, logo quando descobriu que seria mãe, disse ao namorado que jamais faria um aborto, considerando essa idéia como inconcebível. Talita, por seu lado, faz menção ao assunto apenas no momento em que revela ter sofrido um aborto natural, sendo que o ato intencional de interromper a gravidez não comparece em sua fala.

Entre as demais jovens, nenhuma fez referência a essa prática como uma possibilidade frente à maternidade, mesmo no contexto em que a gestação era vista como não desejada. Tal comportamento pode ser explicado, em grande parte, por meio dos aspectos morais, éticos e religiosos que envolvem o tema (HEILBORN et al., 2006, p.347), nos quais a prática do aborto é condenada socialmente, como Laura salienta: “Tem gente que engravida e aborta, eu acho um absurdo isso, né, então se for pra você ter uma criança, pensa, não faça o pior que é um aborto, então, porque não pensou na consequência de engravidar?”.

Vale dizer que a adoção de um método contraceptivo é percebida, tanto pelas garotas como por seus parceiros, como uma tarefa exclusivamente feminina, conforme já apontado em outros estudos (STENGEL, 2003; HEILBORN et al., 2006). Essa concepção de gênero ligada ao uso dos métodos anticoncepcionais aparece ao longo de muitos depoimentos, como os de Laura e Nicole, por exemplo: “O cuidado com a prevenção deve ser da mulher, os homens não querem saber de nada, acham que vão transar com a garota e nunca mais ver.” (NICOLE); “O cara olha e fala: ‘Você engravidou, problema seu, você abriu as pernas pra mim, eu comi mesmo’, agora fala: ‘Fica com um filho aí’” (LAURA).

Assim, a dificuldade de uso de um anticoncepcional se faz presente em todos os depoimentos, tanto das jovens mães como das demais. Embora o preservativo seja o método mais conhecido e mencionado pelas garotas, quando conversamos sobre seu uso, verificamos diversas falhas, já que ele pode ser suspenso a qualquer momento, dependendo da qualidade do

compromisso e da relação estabelecida entre os parceiros. Júlia afirma que, depois do nascimento da filha, o casal suspendeu o uso do preservativo, pois ela passou a usar outro método anticoncepcional (injeção) e os dois mantinham uma relação pautada na confiança de que não teriam relações sexuais com outras pessoas. Apesar de a injeção ser um método para evitar a gravidez, ela não é capaz de proteger a mulher de doenças sexualmente transmissíveis, de maneira que a atitude tomada para garantir a saúde física de Júlia é a crença na exclusividade sexual, ou seja, a fidelidade, que, como já observamos anteriormente, não é uma prática comum.

No caso das demais jovens, Pamela foi a única que afirmou fazer uso do preservativo, ainda que não goste de utilizá-lo, pois diz que a incomoda, enquanto Letícia e Laura garantem não fazer uso de nenhum método contraceptivo, uma vez que a última ainda não se iniciou sexualmente, enquanto Letícia, mesmo sendo casada e declarando não desejar ter filhos no momento, não se previne.

Portanto, o sentimento amoroso atravessa a lógica da contracepção e, não raramente, o não uso do preservativo é percebido como uma prova de amor e confiança entre os parceiros (PAIVA, 1999). Outro elemento importante, destacado por Paiva (1999, p.224), é que “a escolha do método e a possibilidade de realizar essa escolha é limitadíssima, na prática, para quem tem menos recursos educacionais ou financeiros”, como é o caso das participantes da pesquisa.

Não obstante, destacamos que as jovens pesquisadas geralmente recebem informações sobre contracepção em três espaços distintos: na família, no grupo de pares e na escola. Como já discutimos, nem a família nem o grupo de pares é suficiente para sanar as dúvidas e anseios referentes às expectativas de diálogo dessas jovens; em contrapartida, observamos também a fragilidade do trabalho realizado pela escola, quando realça apenas a discussão dos aspectos biológicos e o uso de métodos anticoncepcionais. Dessa forma, não se levam em conta os aspectos afetivos e emocionais que os envolvem, tais como os sentimentos e o ideal amoroso, que estão diretamente relacionados à confiança no parceiro e à suspensão do uso do preservativo. Do mesmo modo, existe o sentimento de vergonha, que está ligado, no caso das garotas, à assunção, perante a família, da atividade sexual, o que dificulta ainda mais o acesso às informações sobre métodos contraceptivos.

Embora muitos estudos enfatizem o amplo acesso dos jovens às informações sobre sexualidade e contracepção⁵⁸, o que notamos, neste estudo, é que a informação de fato existe, porém ela é limitada e parcial, além de que não “convence” as jovens quanto a sua importância ou necessidade. Júlia revela não ter conhecimento, antes da gravidez, da injeção anticoncepcional mensal, conforme suas palavras: “Aprendi na escola que anticoncepcional era a pílula, nem imaginava esse ‘negócio’ de injeção”. Nicole, quando questionada sobre o conhecimento da ‘pílula do dia seguinte’, explica que ficou sabendo do remédio há pouco tempo, por intermédio de um amigo que considera muito “pra frente”, isto é, bem informado, mas crê que poucos jovens têm acesso e ciência desse tipo de medicamento.

Outro evento que chama a atenção, nesta pesquisa, é a ocorrência da segunda gravidez, nos casos de Talita e Nicole, sendo que ambas afirmam não haverem planejado o segundo filho. Nicole engravidou novamente, no período em que amamentava a primeira filha, e atribui o acontecimento à informação duvidosa, passada pela médica, sobre a pouca probabilidade de a mulher engravidar, no período de amamentação. Por outro lado, a segunda gravidez fez com que a garota adotasse o uso de um método contraceptivo, no caso, a injeção anticoncepcional.

Talita, por sua vez, conta que desconfiou ter engravidado enquanto utilizava um anticoncepcional (injeção mensal), por isso suspendeu o uso e logo em seguida confirmou sua suspeita. Nesse sentido, disse não ter intencionado ficar grávida novamente, porém, o fato de, no mesmo período, ter iniciado o relacionamento com quem seria seu “futuro marido” levanta indícios de que a gravidez pode ter sido desejada pela garota, tanto que ela revelou, em seu depoimento, a alegria e felicidade que estava sentindo, por causa da chegada do segundo filho.

Heilborn et al. (2006) constatam que, embora exista um padrão de maior adoção de um método contraceptivo entre as mulheres que tiveram seu primeiro filho, chama a atenção o fato de 6,4 % de elas engravidaram novamente, após o período de um ano, como foi o caso de Nicole. Podemos inferir que, nos casos examinados, a segunda gravidez pode estar relacionada tanto à falta de informação acerca do funcionamento do próprio corpo, como do uso correto de métodos contraceptivos, como o desejo de ter outro filho, que pode ser impulsionado pela ocorrência de uma nova união conjugal.

⁵⁸ Sobre o assunto, cf. Schor et al. (1998) e Paiva (1999).

Assim, o desejo de ter filhos, apesar de nem sempre ser diretamente verbalizado pelas jovens, muitas vezes comparece de forma implícita, em suas falas e atitudes, como é o caso de Letícia. A garota não usa nenhum método anticoncepcional, por outro lado diz que não quer ter filhos no momento, pretendendo primeiro completar 20 anos e ter sua casa, para depois engravidar. Contudo, o maior desejo de seu marido é ter um filho, ele acha que uma criança irá completar a vida e o dia-a-dia do casal, sendo que ele se submeteu a exames para verificar sua fertilidade. Ainda que Letícia tenha revelado essa informação, ela enfatiza que não deseja engravidar, no momento, porém não encontra nenhum empecilho em realizar a vontade do marido:

Porque se tivesse um filho ia ter que acordar cedo, porque ia ter mais serviço, o filho não ia deixar dormir até dez horas, ia ter alguma coisa [...] ele fala assim: “Ah, eu quero levar no parquinho, quero fazer isso, quero fazer aquilo outro”, ele fala, mas não vem também... se vim não tem problema. (LETÍCIA).

Desse modo, o desejo de ter filhos se configura como uma representação extremamente forte entre as jovens investigadas e está diretamente relacionado à conquista da felicidade pessoal e conjugal. Percebe-se que a maternidade, de maneira geral, é valorizada socialmente e, em consequência, desejada pelas mulheres. Como Badinter (1985) aponta, os valores sociais são muitas vezes tão imperiosos que exercem um peso incalculável sobre os desejos, sendo a maternidade um desses desejos complexos, “difícil de precisar e de isolar de toda uma rede de fatores psicológicos e sociais” (BADINTER, 1985, p.16). Todavia, outros estudos indicam para a violência simbólica dessa obrigação das mulheres de terem filhos, principalmente em sociedades muito fecundas, nas quais a reprodução se torna um fardo, correspondendo ao fato de as mulheres não poderem deixar de querer ter filhos (BOZON, 2004).

Ainda que o meio cultural, no qual as garotas estão inseridas, opere segundo um sistema de valores e representações positivas, referentes à experiência da maternidade, no plano das particularidades, essas concepções são recriadas e construídas conforme cada experiência individual (CHARTIER, 1990). No caso de Laura, a idéia da maternidade recebe menos receptividade, já que em sua fala há uma certa resistência e dúvida em relação ao tema. Embora a jovem afirme desejar ter filhos, no futuro, seu depoimento indica que a idéia da maternidade não lhe agrada muito:

Tem umas mulheres que, que nem, eu conheço mulher que não suporta criança, não importa... num... não gosta, né, já é diferente, não que eu não goste. Pretendo ter filho? Posso... mas eu tiro pelos outros. Muita gente não pretende ter filho? Não pretende, é

gostoso uma família sem criança? É.[...] Ah, também quero ter filho, não sei, mas tem umas que não têm esse dom, de ter filhos, né, e é complicado tem uns que quer, tem uns que não quer, tem uns que pode, uns que não pode, assim... (LAURA).

Nesse sentido, a própria fala da jovem aparece confusa e reticente, carregada de perguntas a si mesma, de sorte que, mesmo na incerteza de suas concepções, Laura realça as vantagens de uma família sem filhos e relaciona a maternidade a um dom, ou seja, uma qualidade que nem todas as mulheres possuem.

Contudo, as demais garotas se referem à maternidade como um momento único e especial na vida de qualquer mulher, sendo que a maioria emitiu opinião favorável sobre a obrigatoriedade de todas viverem a experiência materna, como afirma Júlia: “[...] toda mulher deve ter filhos, é uma felicidade muito grande”.

Conforme os depoimentos, a maternidade está relacionada à realização pessoal: as garotas, de modo geral, associam a maternidade à idéia de sonho, felicidade e orgulho, ter um filho é se sentir capaz de gerar e cuidar de outro ser, amar e ser amada incondicionalmente, como as jovens destacam:

É uma experiência maravilhosa saber que uma criança tá sendo gerada dentro de você, que você amamenta e fortalece aquele ser, depois pode ver ele crescendo, não tem nada igual no mundo. (NICOLE).

É uma felicidade muito grande você poder acordar e ver uma criança do seu lado, sabendo que é seu filho, você amadurece. (JÚLIA).

Um motivo pautado na idéia da maternidade como forma de conquista da felicidade conjugal refere-se à manutenção e ao fortalecimento do relacionamento afetivo entre pai e mãe, como ressalta Pamela:

Eu acho que [um filho] deixa o casamento mais forte, assim, sabendo que você tem um filho pra criar, um depende do outro. Acho que daí fica mais forte o relacionamento. (PAMELA).

No imaginário das jovens pesquisadas, a presença de um filho fortalece a união do casal e o vínculo afetivo, Talita salienta: “Um filho deixa o casal mais forte e unido [...] com a gravidez, ele [marido] mudou, fica mais em casa, me dá mais atenção”.

As conseqüências da maternidade também foram citadas pelas garotas, especialmente pelas jovens mães, que aludem ao “amadurecimento pessoal” proporcionado pela

gravidez. Interessante notar que as demais conseqüências da maternidade estão vinculadas a questões diversificadas, algumas de ordem prática, como explica Letícia: “[...] segurar a mãe em casa”, isto é, ter um filho seria uma forma da mulher “aquietar-se”, deixar de sair de casa e se dedicar mais ao lar. Esse motivo está vinculado ao que Giddens (1993) ressalta como uma das influências ligadas à idéia do “amor romântico”: a criação do lar, idéia que comparece também na obra de Rousseau (apud BLOOM, 1996)⁵⁹, na qual a mãe passa a ser vista como a principal responsável pelos cuidados domésticos, devendo, assim, abandonar o mundo de “fora” da casa e voltar suas atenções a um motivo nobre, que é a família e a educação das crianças.

E, por fim, foi citada uma razão ligada à religiosidade, que revela como a maternidade é vista como um destino inevitável, traçado na vida da mulher, segundo Nicole: “Ser mãe é um dom de Deus”, é algo que, na concepção da garota, parece estar dado e está acima da vontade das mulheres, diferentemente da idéia apresentada por Laura, que se refere ao “dom” da maternidade enquanto uma qualidade que não é dada a todas as mulheres.

Contudo, algumas ressaltaram que só não devem ter filhos aquelas que os abandonam em situação de extremo risco; muito provavelmente, as jovens se referiam às notícias dos meios de comunicação que apresentavam bebês deixados em lixos ou lagos de grandes cidades, fatos relacionados a atitudes consideradas de extrema violência para com a criança.

Entretanto, os depoimentos das jovens que não são mães, embora igualmente carregados desse ideal de maternidade, parecem ser mais racionalizados, pois se vinculam a condições reais para a concretização da experiência. Assim, a maternidade está relacionada a um projeto afetivo futuro, que deve ocorrer somente após algum tempo de casamento, para que o casal tenha tempo de se conhecer melhor e “aproveitar” a vida a dois, conforme salientam Laura e Pamela:

Esse negócio de ter filho, assim eu quero só... mais pra frente, porque no começo do casamento eu falei pra ele, eu não quero ser um casal... chato [...], não, chegou carnaval pega nosso carro, vai não sei pra onde, vai pra praia com os amigos e aproveita, mas se tem filho... a gente pensa em casar, conversa bastante, mas não sei, filho também, mas já é um segundo plano, primeiro é o casamento, o filho fica mais pra frente. (PAMELA).

[Pretendo] acabar o meu namoro, noivar e casar, entendeu, não pretendo assim, logo filho, mas ver o meu casamento, ver assim além dele, né, [...] se tá legal e [depois] ter filho. (LAURA).

⁵⁹ Cf. *Emílio ou da Educação* (1992).

As condições materiais e financeiras ligadas à idéia de maternidade surgem nas falas não somente de garotas que são mães (Júlia), mas também daquelas que não são (Pamela e Letícia), ou seja, para criar um filho é preciso ter mínimos recursos materiais, ou mesmo ter um parceiro que os proporcione:

Eu quero ter [filhos] pelo menos com vinte anos, ou então quando eu tiver a minha casa, pelo menos assim, o que adianta eu ter um filho e tá pagando aluguel? Eu... não vou poder dar do bom e do melhor pra ele, é isso aí. (LETÍCIA).

Tem que ser um pai responsável, que tem um emprego, porque como eu vou fazer? Eu não trabalho, como que eu vou sustentar meu filho, como que eu vou comprar as coisas, as roupas, tudo, tudo, como que eu vou ficar? (PAMELA).

As considerações sobre os projetos de vida das jovens são importantes indicativos de como pensam e organizam suas idéias sobre o futuro. Nesse sentido, no plano ideal, os projetos afetivos estão sempre subordinados aos profissionais, tendo em vista que as jovens verbalizam o desejo de, primeiramente, conquistar a independência financeira através de uma formação universitária, para depois concretizarem os projetos afetivos, como noivar, casar e ter filhos. Podemos inferir que a formação, por intermédio do ensino superior, é vista como uma condição necessária para a posterior inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, para a conquista da autonomia financeira:

Eu pretendo fazer faculdade e tipo assim, [...] se possível, acabar o meu namoro, noivar e casar. (LAURA).

Eu penso em acabar os estudos, entrar na faculdade, estudar bastante [...] depois aproveitar, quando tiver um emprego eu penso em trabalhar e aproveitar o salário [risos] [...] com meu namorado, então quem sabe já casada, né? (PAMELA).

Considerando as jovens já casadas e/ou com filhos, tais projetos de formação profissional tendem a se relativizar, porém sem serem abandonados. Vale dizer que as preocupações com o futuro escolar, expressas pelas garotas são, em sua maioria, pouco ambiciosas, já que estão voltados apenas para a conclusão do Ensino Médio. Por outro lado, no plano afetivo, elas destacam a oficialização da situação conjugal, seja no âmbito civil, seja no religioso.

Os motivos para não se ter filhos constituíram igualmente um tema abordado nas entrevistas. As respostas mais recorrentes correspondem à responsabilidade que a maternidade delega à mãe, isto é, ter filhos exige disponibilidade integral da mulher e cuidados especiais com

a criança, de maneira que os motivos para não tê-los passam por questões concernentes à maternagem, exigindo paciência e disponibilidade de tempo. Um filho requer um trabalho incessante, visto como incompatível com a fase em que, muitas vezes, ele pode ser gerado: a juventude. Tais opiniões expressam, assim como Badinter (1985, p.353), que a maternidade, ainda que impregnada de ideal, é “mais difícil de viver do que em geral se crê”.

A gravidez/maternidade também foi relacionada, pela maioria das garotas, a uma idéia de perda, em vários sentidos. Um fator entendido como negativo é ter que abrir mão da própria vida, quer dizer, do divertimento e dos planos futuros, para se dedicar a outro ser humano, como explica Júlia:

Eu ia abrir mão de tudo, sair com minhas colegas, sair até com ele [namorado], às vezes a gente saía, tive que abrir mão dessas coisas, né? Igual, eu quase entrei em depressão por causa disso [...] o motivo pra não ter [filhos] é abrir mão da sua vida pra cuidar de uma outra vida. (JÚLIA).

Bauman (2004, p.60) analisa o “ter filhos” como uma forma de dependência, que implica a atitude de diminuir as ambições pessoais, em prol de um compromisso amplo e irrevogável, que é a maternidade/paternidade. Por conseguinte, esse tipo de compromisso traduz a própria contradição com a “política de vida do mundo líquido moderno”, porque as “alegrias da paternidade e da maternidade vêm, por assim dizer, num pacote que inclui as dores do auto-sacrifício e os temores de perigos inexplorados” (BAUMAN, 2004, p.61).

Além do auto-sacrifício, foi mencionada ainda a perda da confiança dos pais (já que transar ou engravidar fere um acordo referente à conduta sexual da mulher jovem), perda da liberdade – também relacionada à dedicação em relação ao bebê – como também à perda do próprio filho, que não raro fica aos cuidados de terceiros, como dos avós, uma vez que a mãe pode não ter condições ou mesmo vontade de criar e se responsabilizar por seu filho. Esse último motivo, em especial, foi citado por Talita, a qual deixou a filha aos cuidados de seus pais. Ainda que essa seja uma atitude muito criticada por ela mesma, ao longo de sua entrevista, a todo o momento a jovem revela a vontade de criar a própria filha, já que isso faz parte de seus planos futuros.

A juventude também é concebida, pelas garotas, como uma fase não recomendável para o exercício da maternidade: em complementaridade com os motivos anteriores, a maternidade, nesse período da vida, é vista como um fardo, já que se configura enquanto uma responsabilidade muito grande para as jovens:

Eu pensei [sobre a amiga que ficou grávida]: estragou a vida, já era, ela gostava tanto de sair, assim, sabe, já era, falei, perdeu tudo, perdeu... agora que ele tava começando a sair, igual eu também, eu penso assim, agora que minha mãe tá deixando eu sair, engravidar nem pensar, aí depois ela não vai deixar mais eu sair e outra, não vai ter como eu sair, tem responsabilidade [...] (PAMELA).

Portanto, enquanto a literatura sobre o tema, muitas vezes, justifica que a falta de oportunidades das garotas de classes populares, no que tange à escolarização e à vida profissional, lhes impõe como único projeto de vida a maternidade, acaba por desconsiderar que essa “maternidade” carrega, em seu bojo, um ideal não raro tão intenso e imperioso, que, “nesse desejo de ter filho” pode ser colocada, de forma consciente ou não, a esperança e a promessa de uma fonte segura de felicidade (BADINTER, 1985).

Em outras palavras, quando nos remetemos ao tema “gravidez na juventude”, é preciso ter em mente as possibilidades de que, na vida dessas jovens mulheres, estejam presentes ideais e projetos de felicidade ainda bastante vinculados ao ideal de maternidade. Tal idealização se traduz não apenas em uma forte experiência de gênero, mas também tem seus recortes próprios em termos de classe e de geração, não podendo ser vista como simples “despreparo” ou “imaturidade”. É mais pertinente pensar na noção de alteridade para discutir aspectos geracionais e de fases de vida, na busca de compreensão dos modos de pensar, sentir e agir dessas jovens, do que simplesmente negar legitimidade ao que fazem, seja identificando-as, sempre, como “imaturas” e “despreparadas”, seja relacionando o resultado de suas experiências a “problemas”. Problemas de saúde pública existem, de dificuldades para conduzir a vida social, tanto familiar, como profissional, também. Mas isso não é uma situação exclusiva da vida dessas jovens, pois também atinge as demais gerações e, de modo especial, aquelas oriundas de condições sociais menos privilegiadas e de mais baixa renda. Naturalmente, na fase de vida em que se encontram, estão mais propensas a acreditar em sonhos e nas possibilidades de uma vida futura feliz, com liberdade para viver os “prazeres” e supostas alegrias, os quais nossa sociedade faz desejar, e com poucos problemas. Suas representações acerca do relacionamento a dois, da realização amorosa, do casamento e da maternidade revelam que são tais ideais que ainda organizam e conduzem muitas de suas práticas, no campo da sexualidade e nas formas de lidar com a prevenção da gravidez. E é exatamente isso que não costuma ser enfrentado, nas iniciativas de formação dessas jovens, para a vivência de uma sexualidade mais responsável. A desconstrução e a crítica aos significados da maternidade, como sendo um dos pilares da realização pessoal da mulher,

tanto quanto dos ideais de amor romântico, de casamento e de vida conjugal, precisam fazer parte do diálogo entre gerações e dos conteúdos, em projetos formativos e educativos, que pretendam contribuir para a reflexão dos jovens acerca da forma como organizam a sua existência, bem como das potencialidades e inúmeras possibilidades de pensar e viver a sua sexualidade.

C onsiderações finais

No percurso traçado por este estudo, foi possível notar que a sexualidade das jovens configura-se enquanto um processo de aprendizagem das relações afetivas e relacionais entre parceiros, as quais dispõem de regras e lógicas de funcionamento próprias. Nesse sentido, na abordagem dos problemas levantados nesta investigação, foi possível lançar um olhar para a vida dessas jovens, tanto em função de seus cenários culturais, referidos à sociedade mais ampla da qual fazem parte, como em função de seus roteiros interpessoais e intrapsíquicos, que denotam as particularidades das trajetórias analisadas (GAGNON, 2006).

Observamos, dessa forma, que namorar é uma modalidade de parceria relacional e afetiva que rompe com várias regras anteriormente existentes, mas que, ao mesmo tempo, conserva e mantém outras tantas formas de acordos e contratos mais tradicionais.

O *ficar*, por outro lado, está mais ligado ao contexto atual, sendo esse tipo de relacionamento identificado como o primeiro contexto de familiarização das participantes da pesquisa com a vida amorosa. Em síntese, o *ficar*, assim como o primeiro beijo, constituem-se como uma “porta de entrada” para o desenvolvimento das relações afetivas e sexuais das jovens pesquisadas.

A escolha do parceiro está sempre em consonância com as emoções envolvidas, de modo que as primeiras relações sexuais se constituem como um marco bastante enfatizado pelas garotas, porque envolve grande expectativa e está cercado de ideais e imaginação. Em todos os casos estudados, tal experimentação ocorreu no contexto do namoro, ou seja, acompanhada de compromisso e vínculo afetivo.

Reitera-se, dessa maneira, a compreensão de que o ideal amoroso e romântico são sentimentos que permanecem interferindo na decisão das jovens de ter a primeira relação sexual. Entretanto, também se faz notar, nos depoimentos, a existência de outros sentimentos que estão envolvidos com tal acontecimento, os quais são concernentes à vergonha e ao medo. Também se percebe a influência dos sentimentos de vergonha e de insegurança, provocados pelo medo do ridículo de não corresponder às expectativas referentes às pressões do grupo de pares, assim como o “mal estar” diante dos escrúpulos em ceder às insistências do parceiro.

Foi muito interessante verificar o quanto, para essas garotas, a virgindade ainda é considerada como um bem ou qualidade que se deve preservar. Ao mesmo tempo, porém, também reconheceram que é difícil preservá-la até o casamento, justificando-se que, no intercuro da vida afetiva, a presença da paixão e do desejo podem ser decisivos para essa tomada de decisão. Aliada a essa, outra representação, ainda muito forte e que comparece na maioria dos depoimentos, está ligada à oficialização da relação afetiva, que é extremamente valorizada, tanto quanto a ênfase no momento do ritual religioso do casamento.

A família e o grupo de pares são os principais interlocutores, quando se trata de transmissão de valores, representações e comportamentos, no tocante às identificações de gênero e de sexualidade. Como podemos observar, metade das jovens estabelece algum tipo de conversa com os familiares, sendo que a mãe é apontada como figura central para dialogar.

Todavia, constata-se que as manifestações das mães, nesse diálogo, são conduzidas pela preocupação e pelo tom de prescrição de regras, de sorte que, em nenhum momento, são criadas as condições para que as jovens possam se sentir à vontade, para falar de seus sentimentos, dúvidas e desejos. Igualmente no grupo de pares, pouco se observou em relação à construção de diálogos sobre os significados dos sentimentos e dos desejos sexuais.

No que tange à relação de conjugalidade, em que se encontram três das seis jovens pesquisadas, observamos que a gravidez foi motivo de união em dois casos. Porém, as relações se mostram tensas ou enfraquecidas, notando-se desde conflitos acarretados pelas restrições dadas às suas aspirações sentimentais, como em função das dificuldades dadas pelas suas condições de vida sócio-econômica e familiar. Essa contradição entre o que é idealizado e o que é vivido é fonte de contínuas desavenças entre o casal, embora não se manifeste o desejo de romper a relação.

Todas as jovens que vivem em situação de conjugalidade mencionam, como sentimentos impulsionadores do casamento, o amor, o “encanto” e a paixão. Contudo, a falta de liberdade é uma das principais queixas das jovens casadas, porque, provavelmente, imaginavam que a saída da casa dos pais lhes proporcionaria mais autonomia e liberdade.

Para além do direito de liberdade requerido, continua presente a valorização da fidelidade, do diálogo, do companheirismo e da cumplicidade, entre os critérios ideais de escolha do par amoroso. Ainda que se aspire a um “casamento para sempre”, aceita-se que isso pode não acontecer.

Tais elementos permitem verificar, na vida das jovens, a permanência de valores considerados tradicionais, em relação à nossa cultura contemporânea, a qual tem sido analisada em seu caráter individualista e de liberdade sem compromisso. Portanto, nas experiências dessas jovens, ressaltam-se as reinvenções e apropriações particulares que são feitas da cultura dominante, conforme já pressupúnhamos pelas leituras de Chartier.

Suas falas também se reportam à interiorização de regras ou “etapas” que precisariam ser seguidas, para chegar até o casamento, muito embora, no plano real, elas não se concretizem. Essas etapas se constituem, de modo geral, em terminar os estudos, conquistar a estabilidade financeira por meio de um emprego, namorar, noivar, casar e, por último, ter filhos.

Na prática, essas regras não são seguidas pelas jovens. Ao contrário, elas constituem-se em um ideal pouco realizável para maioria, de sorte que, muitas vezes, são “puladas” algumas ou quase

todas essas etapas que previam. Porém, observa-se que não seguir tais planos gera certo desconforto entre as garotas, haja vista que, no plano ideal, revelam não apenas projetos no tocante ao casamento e à escolarização, como também para o âmbito da vida profissional e financeira. Tal situação traduz uma específica experiência de gênero, também relacionada aos recortes próprios em termos de vivências de classe e de geração.

Mesmo que, no universo das jovens mães, todas estivessem freqüentando a escola, na ocasião da primeira gravidez, nenhuma concluiu os estudos, sendo que a gravidez foi um dos fatores que contribuiu para esse abandono. Porém, é preciso frisar que, na trajetória de duas delas, as situações de repetência e de interrupções de estudo são anteriores ao momento da gravidez, de sorte que atribuem tais fatos ao interesse em faltar à escola para ficar mais tempo com os namorados.

Vale dizer que a adoção de um método contraceptivo é percebida, tanto pelas garotas como por seus parceiros, como uma tarefa exclusivamente feminina. Assim, a dificuldade de uso de um anticoncepcional perpassa todos os depoimentos – das jovens mães e das demais jovens. Além disso, o ideal do sentimento amoroso atravessa a lógica da contracepção e, muitas vezes, o não uso do preservativo é entendido como uma prova de amor e confiança entre os parceiros, segundo também já indicaram outros estudos (PAIVA, 1999, p.224).

Conforme os depoimentos, a maternidade está relacionada à realização pessoal e se vincula a um projeto afetivo futuro, assim como o casamento. Nesse sentido, o desejo de ter filhos se configura como uma representação extremamente forte entre as jovens investigadas e está diretamente relacionado à conquista da felicidade pessoal e conjugal.

Apesar de fazerem referências à idéia e ao sentimento de perda da liberdade e dos sacrifícios que acarreta a chegada dos filhos, percebe-se que a maternidade, de modo geral, é valorizada socialmente e, em consequência, desejada por estas jovens. Apenas uma delas se referiu ao fato de ter filhos como algo que traz muito mais problemas do que alegrias. Não obstante, afirmou que quer ser mãe, “um dia...”

Portanto, ainda que os ideais da modernidade, como igualdade e liberdade, estejam contribuindo para modificar as formas referentes aos privilégios e hierarquias que se estabelecem, nas relações afetivas entre jovens, muitos aspectos culturais ainda se mostram

personificados, por intermédio de práticas e representações ancoradas numa visão tradicional das relações de gênero e classe.

Podemos inferir que as representações concernentes ao relacionamento a dois, pautado no ideal romântico, no casamento e na maternidade, são substanciais na forma como as jovens organizam e conduzem muitas de suas práticas, no campo da sexualidade. A desconstrução e a crítica de tais ideais, quando vistos enquanto possibilidades seguras para se alcançar a felicidade, deveriam fazer parte do diálogo entre gerações, seja nas famílias, seja em projetos educativos, escolares ou não. Com isso, pode-se buscar contribuir para a reflexão da(o)s jovens, quanto ao modo como organizam a sua existência, bem como quanto às suas potencialidades e múltiplas possibilidades de pensar e viver a sua sexualidade.

Por outro lado, é preciso estabelecer um questionamento constante das propostas educativas referidas à sexualidade. Há que sempre se indagar quanto à presença de mecanismos, quase sempre implícitos, de controle e cerceamento da subjetividade dos indivíduos. Isso implica dizer que, ao mesmo tempo em que se busca reconhecer quais são as suas fantasias, desejos, sonhos e emoções, tais saberes podem ser postos a serviço do traçado de novas estratégias que garantam a manutenção de formas de subordinação e de controle do desejo e do direito ao prazer.

A fantasia e o desejo têm sido objeto de várias instituições disciplinares, seja a escola, seja a medicina, seja a psiquiatria, seja ainda a igreja ou outras. Desvelar e controlar o poder da imaginação e da fantasia e de suas implicações, na produção de determinadas práticas e condutas sociais, é uma das formas bastante eficazes do exercício do poder. Portanto, quero concluir destacando uma dimensão mais ampla para pensar nos sentidos do desejo, das emoções e do prazer, na vida humana. Lembra Moreira (1999), que, para Guattari & Rolnick,

o desejo pode ser definido como “todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outro sistema de valores”. Nesse sentido, entende-se que o desejo faz parte e permeia todas as dimensões da vida social, tanto em “práticas imediatas, quanto em projetos muito ambiciosos”. Segundo Guattari & Rolnick, no pensamento dominante, além da presença da concepção de que a vida é muito difícil, cheia de contradições e exige muitos sacrifícios, existe um axioma de base que é o de que “o desejo só poderia estar radicalmente cortado da realidade e de que haveria sempre uma escolha inevitável, entre um princípio de prazer, um princípio de desejo, de um lado, e de outro, um princípio de realidade, um princípio de eficiência do real”. (GUATTARI; ROLNICK,⁶⁰ apud MOREIRA , 1999, p. 426-427).

⁶⁰GUATTARI, Félix; ROLNICK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 216-217.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H.M. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____; Branco, P.P.M. (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília P. (Orgs.) *Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n.5/6, p.25-36, 1997.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L.B. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ANDRADE, C.D. *O corpo: novos poemas*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ARIÈS, P., BÉJIN, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a História e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia A. Watanabe e Thereza C. F. Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ÁVILA, M. B., GOUVEIA, T. Notas sobre direitos reprodutivos e direitos sexuais. In: PARKER, R., BARBOSA, R. (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

AZERÊDO, S.; STOLCKE, V. (Coord.) *Direitos Reprodutivos*. São Paulo: FCC/DPE, 1991.

AZEVEDO, Solange. Sexo na cabeça. *Revista Época*, São Paulo, n.303, p. 46-51, mar., 2004.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3 ed. Trad. Miguel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBIERI, T. Sobre la categoría género. Una introducción teórico-metodológica. In: AZERÊDO, S.; STOLCKE, V. *Direitos Reprodutivos*. São Paulo: FCC/DPE, 1991.

BARROS, D. L. P. de . Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: [s.n.], 1997.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

_____. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERQUÓ, E. O crescimento da população da América Latina. In: AZERÊDO, S.; STOLCKE, V. (Coord.) *Direitos Reprodutivos*. São Paulo: FCC/DPE, 1991.

BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BLOOM, A. Rousseau e o projeto romântico. In: *Amor & Amizade*. São Paulo: Mandarim, 1996.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. M.J.Alvarez, S.B.dos Santos e T.M.Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOZON, M. *Sociologia da Sexualidade*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRANDÃO, E.R. Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico. In: Heilborn, M.L. et al. (org.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

_____. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M.L. (org.) *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BURKE, Maria Lúcia G. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: Unesp, 2000.

CABRAL, C.S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, 2003.

CALAZANS, G. *O discurso acadêmico sobre gravidez na adolescência: uma produção ideológica?* São Paulo: Faculdade de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2000. (Tese de Mestrado)

_____. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, H.W.;BRANCO, P.P.M. (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

CESAR, Maria Rita de Assis. Por uma genealogia da adolescência. In: BIROLI, F.; ALVAREZ, M. C. (org.) Michel Foucault: histórias e destinos de um pensamento. Marília: Unesp Marília Publicações. *Cadernos da F.F.C.*, v.9, n.1, 2000, p.140.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.13, v.7, p. 97-113, 1994.

COLLUCI, C. Parto lidera ranking de internações juvenis. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24, jun., 2003. Cotidiano, p.1.

CONSTANTINO, L. Jovem inicia vida sexual aos 14 anos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9, mar., 2004. Cotidiano, p.1.

COSTA, J. F. Amor. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31, dez., 2000. Mais!, p.4-5.

_____. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUNHA, M.T.S. *Armadilhas da sedução – os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n.115, mar., 2002.

ECOS – Comunicação em Sexualidade. *Dossiê Gravidez de adolescentes entre 10 e 14 anos e vulnerabilidade social*. São Paulo, 2004. Disponível em:<<http://www.ecos.org.br/docs>> Acesso em: 20 abr. 2004.

ESCOFFIER, J. *American Homo: community and perversity*. Berkeley: University of California Press, 1998.

FANELLI, C.M.T; FERMAN, E.; PEREIRA, J.L.; PEREIRA, R.C.R.; RIOS, S.P.S. *A gravidez e a evasão escolar: uma questão de consciência cidadã*. [s.l.:s.n.]. Disponível em:<<http://www.prac.ufpb.br/anais/anais/educacao/gravidezeevasao.pdf>> Acesso em: 30 set. 2005.

FERREIRA, R.H.P.C. *Diálogo escola-comunidade e formação de professores*. Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2005. (Tese de Mestrado)

FLANDRIN, J.L. *O sexo e o ocidente*. Trad. Jean Progin. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FONSECA, C. Quando cada caso é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, v.10, 59-78, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GAGNON, J.H.; SIMON, W. *Sexual Conduct: the social sources of human sexuality*. Aldine: Chicago, 1973.

GAGNON, J.H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Trad. Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GALLAND, O. L'entrée dans l'âge adulte em France. *Sociologie et Sociétés*, v.28, 1996.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GIDDENS, A. *A Transformação da intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo:UNESP, 1993.

GOIS, A. Gravidez na adolescência cai 10,5% no país. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19, jun., 2005. Cotidiano, p.4.

GOMES, N.L. Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: *Educação e Pesquisa*, v.29, n.1, jan./jun., 2003.

GUATTARI, F.; ROLNICK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEILBORN, M.L. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 8, n.17, p.13-45, jun. 2002.

_____. (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (org.) *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. et al. (org.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

KOLLER, S.H. *Fatores de risco e Proteção de Jovens em Recife, São Paulo e Porto Alegre*. Projeto de Pesquisa em andamento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J.G. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEVI, G. SCHMITT, J.C. (Orgs.). *História dos Jovens*. Trad. Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, v.1, 1996.

LIBÓRIO, R.M.C. *Desvendando vozes silenciadas: adolescentes em situação de exploração sexual*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2003. (Tese de Doutorado).

LYRA, J. e MEDRADO, B. *Paternidade na adolescência: para além da prevenção*. [s.n], 2002. Disponível em <<http://www.adolesc.br/bvs/adolesc/homepage.htm>> Acesso em: 20 mai. 2003.

_____; NASCIMENTO, P.; GALINDO, D.; MORAES, M.; PEDROSA, C. “A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete”. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. In: *Caderno CEDES*, v.22, n.57, agosto, 2002.

LOURO, G. L. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Gênero, sexualidade e educação : uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGNANI, J. G. C. *O (velho e bom) caderno de campo*. São Paulo, 1996. Disponível em: <[http://www.n-a-u.org/O%20\(velho%20e%20bom\)caderno.doc](http://www.n-a-u.org/O%20(velho%20e%20bom)caderno.doc) > Acesso em: 31 jan. 2007.

MAGNANI, M. R. M.. *Os Sentidos da Alfabetização*. A “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo - 1876-1994). Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP, 1997. (Tese de Livre - Docência).

_____. *Em Sobressaltos: formação de professora*. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

MARTINS, H. H. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*. São Paulo:USP, v. 30, n.2, maio/ago, 2004.

MARTINS, R.F. *A construção da identidade da menina negra: usando contos infantis*. 2005. Relatório de qualificação – Mestrado em Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP – Presidente Prudente/SP.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: SPOSITO, M. P. e PERALVA, A. (org.) – *Revista Brasileira de Educação*. Número especial: juventude e contemporaneidade. São Paulo: ANPED, n. 5/6, p. 37-52, mai.-dez, 1997.

MENGA, L. e ANDRÊ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, M.F.S. *Fronteiras do desejo – Amor e laço conjugal nas décadas iniciais do século XX*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1999. (Tese de Doutorado).

MOREIRA, M.I.C. Laços familiares e laços geracionais: uma reflexão sobre a gravidez entre mulheres adolescentes. In: SOUSA, S.M.G. (Org.) *Infância e adolescência: múltiplos olhares*. Goiânia: UCG. Série Didática, 2002.

NASCIMENTO, I. P. As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial. In: *Psicologia da Educação/PUC*. São Paulo: EDUC, n.1, dez., 1995.

ORLANDINE, T. Cai 18% gravidez na adolescência em PP. *O Imparcial*, 28, jun., 2005. Local, p.2.

PAIS, J.M. A geração yô-yô. In: *Dinâmicas multiculturais – novas faces, outros olhares*. Actas das sessões temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Lisboa, 1994.

PAIVA, V. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero, e o sujeito sexual. In: PARKER, R. e BARBOSA, R. M. (Org.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará (ABIA), UERJ, 1996.

PANTOJA, A . L. N. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. In: *Cadernos de Saúde Pública*, v.9, Rio de Janeiro, 2003.

PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões – a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In: SPOSITO, M. P. e PERALVA, A. (org.) – *Revista Brasileira de Educação*. Número especial: juventude e contemporaneidade. São Paulo: ANPED, n. 5/6, p. 37-52, mai.-dez, 1997.

PESAVENTO, S. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Materiales de seminários, n.4, 2004. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document229.html> Acesso em: 29 out. 2005.

PIROTTA, K. C. M. *Não há guarda-chuva contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2002. (Tese de Doutorado).

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMON, O.M.V (org.) *Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil*. São Paulo: Vértice, 1998.

QUINTANA, E. *Gravidez na adolescência e sua relação com a escola pública: visibilidade ou exclusão?* Rio de Janeiro: Centro de Educação e Humanidades da UERJ, 2004. (Tese de Mestrado).

ROUGEMONT, Denis. *O Amor e o Ocidente*. Trad. Anna Hatherly. Lisboa: Vega, s/d.

SALEM, T. “Homem já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, M. L.(org.) *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SANTOS, S.E. *A criança e sua infância: combates nos saberes em educação*. Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2006. (Tese de Mestrado).

SCHINDLER, N. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, G.;SCHMITT, J.C. (Orgs.) *História dos Jovens*. Trad. Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das letras, v.1,1996, p.265-324.

SCHOR, N.; SIQUEIRA, A.A.F.; ALVARENGA, A.T.; FRANÇA, A.P.; PIROTTA, K.C.M.. Adolescência: vida sexual e anticoncepção. In: *Anais do XI Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)*, vol.1, Caxambu, 1998. p.225.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. In: SPOSITO, M. P. e PERALVA, A. (org.) – *Revista Brasileira de Educação*. Número especial: juventude e contemporaneidade. São Paulo: ANPED, n. 5/6, p. 37-52, mai.-dez, 1997.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.W.;BRANCO, P.P.M. (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. (Coord.) *Estado do Conhecimento: Juventude e Escolarização*. São Paulo: Ação Educativa, 2000. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br>> Acesso em: 18 out. 2005.

STENGEL, M. *Obsceno é falar de amor? As relações afetivas dos adolescentes*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

STOLCKE, V. Derechos Reproductivos. In: AZERÊDO, S.; STOLCKE, V. *Direitos Reproductivos*. São Paulo: FCC/DPE, 1991.

TEIXEIRA, E.T.N. *Adiamento da maternidade: do sonho à maternagem*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública da FGV, 1999. (Tese de Mestrado).

TELLES, E.O. *O verso e o reverso das relações escolares: um olhar de gênero sobre o uso do tempo em uma escola municipal da cidade de São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2005. (Tese de Mestrado).

THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1982.

TRIGO, M.H.B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, M.A. (org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

UZIEL, A.P. Homossexualidade e parentalidade: ecos de uma conjugação. In: HEILBORN, M.L. (org.) *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VAITSMAN, J. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZELDIN, T. Os franceses e o amor. In: *Amor e sexualidade no Ocidente*. Trad. Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1991.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; MEZA, E.B.D. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Revista Psicologia - Reflexão e Crítica*, v.10, Porto Alegre, 1997.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WEIL, Pierre e TOMPAKOW, Roland. *O Corpo Fala – A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não-Verbal*. 39.ed. Petrópolis: Vozes. 1996.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, L.. *A polêmica sobre adolescência e sexualidade*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2001.

BARROSO, C. Bruschini. *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COTES, P.; ARANHA, C.; BARBI, D. Mães antes da hora. *Revista Época*, São Paulo, n.303, p. 46-51, mar. 2004.

D'INCAO. M. A. (org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

FREUD, S. *Mal estar na civilização*. Trad. José Otávio Aguiar, vol. 22, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

OLIVEIRA, M. V. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. In: *Caderno CEDES*, Campinas, n.45, julho, 1998.

PLATÃO. O Banquete. Coleção *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1972.

RENA, L. C. C. B. *Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1989.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. *Adolescentes e Paternidade – um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto, SP: Holos, 1999.

VAINFAS, R. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n.23, p. 5-15, maio-agosto, 2003.

VITELLO, N. Antecedentes sexuais de puérperas adolescentes. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, p.247-250, 1983.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: **Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio: implicações dos sentidos de amor e maternidade**

Pesquisadora: **Taluana Laiz Martins Torres**

Instituição: **UNESP – Universidade Estadual Paulista**

1- Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade investigar valores e concepções de jovens sobre projetos de vida e gravidez.

2- Participantes da pesquisa: Aproximadamente 15 jovens que estejam grávidas, que já sejam mães ou que não são mães, nem estejam grávidas, do município de Presidente Prudente/SP.

3- Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você deverá permitir que a pesquisadora te entreviste. As entrevistas podem ser realizadas na sua escola, em outra instituição ou mesmo em sua casa, desde que o local seja previamente determinado e que possua uma sala reservada. São previstos aproximadamente quatro encontros com cada participante, que devem durar cerca de uma hora. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração em responder as perguntas da entrevista a ser realizada, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a pesquisadora Taluana Laiz Martins Torres através do telefone: (18) 3262-6078.

4- Sobre as entrevistas: As entrevistas serão marcadas com antecedência. Será pedido que você forneça algumas informações básicas, e que responda oralmente a algumas perguntas referentes a aspectos da sua vida.

5- Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6- Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. As gravações e os relatos de pesquisa serão identificados com um código e um nome fictício, que não o nome verdadeiro da participante. Apenas a pesquisadora e a orientadora da pesquisa terão conhecimento dos dados.

7- Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as questões relativas à vivência da gravidez no período da juventude. No futuro, estas informações poderão ser usadas em benefício de outras jovens.

8- Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Nome da participante da pesquisa

Nome do responsável (menores de 18 anos)

Assinatura da participante

Assinatura do responsável

Local e Data

APÊNDICE B

Pesquisa de Mestrado em Educação
Pesquisadora: Taluana Laiz Martins Torres
Instituição: UNESP – Universidade Estadual Paulista

Escola: _____

Série: _____

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Cidade que nasceu: _____

Endereço: _____ Bairro: _____

Telefone: _____ Profissão: _____ Religião: _____

Cor ou raça: _____ Estado civil: () solteira () casada () outro. Qual? _____

Mora com os pais? () Sim () Não Se não, com quem mora? _____

Profissão da mãe: _____ Profissão do pai: _____

Quantas pessoas vivem em sua casa? _____ Quem é o responsável pela família? _____

Qual a renda mensal () nenhuma () 1 salário () 2 a 3 salários () mais de 3
da sua família? mínimo mínimos salários

Você tem filho (s)? () Sim () Não Se sim, com quantos anos ficou grávida? _____

INFORMAÇÕES GERAIS

Possui rádio? () Sim () Não	Automóvel? () Sim () Não
Computador? () Sim () Não	Televisor? () Sim () Não
Vídeo ou DVD? () Sim () Não	Que tipo de filme mais gosta de assistir?
	() Aventura () Ficção Científica
	() Romance () Policial
	() Guerra () Comédia
	() Drama () Comédia Romântica

Qual o canal de TV mais assistido na sua casa? _____

E você, qual programa mais gosta? _____ Em que canal? _____

Que tipo de música gosta de ouvir? _____ Cite uma música: _____

Quem canta? _____

Costuma ir ao cinema? () Sim () Não () Raramente

Costuma ler? () Sim () Não

O que mais gosta de ler? () Jornais () Revistas () Livros () Outros

Quais? _____ O que costuma fazer nos momentos de lazer? _____

Você costuma ou costumava ter algum material de anotações (agenda ou diário)? () Sim () Não

Você poderia participar como sujeito da minha pesquisa (entrevistas, relatos)? () Sim () Não

Obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Você já namorou ou ficou com alguém?
 - 1.2) Poderia me contar a história de quando você começou a namorar, ficar, que idade você tinha quando deu seu primeiro beijo, como foi desde o primeiro namorado até hoje?
 - 1.3) Você já teve relações sexuais? Poderia me contar como foi sua primeira vez?
- 2) O que você pensa sobre a fidelidade no relacionamento amoroso?
- 3) Você já amou alguém ou viveu uma história de amor? Poderia me contar? (Se não, você já ouviu ou viu uma história de amor? Conte-me.)
- 4) O que você acha do casamento? Você pensa em se casar?
- 5) Como tem que ser o marido/homem ideal para você? Você poderia me descrever?
- 6) Você acha importante que as mulheres tenham filhos? Por quê? Quais os motivos para ter filhos e quais os motivos para não ter?
- 7) Você conversava/conversa sobre seus relacionamentos afetivos e sexuais com sua família? Com quem, especificamente? Como eram/são essas conversas?
- 8) Tem outras pessoas que você costuma conversar sobre isso? Quem e como são as conversas?
- 9) Qual seu sonho de futuro? Você já pensou como quer que seja sua vida profissional e afetiva? O que tem vontade de fazer futuramente? Tem alguma coisa que você acredita que não poderá fazer? Por quê?
- 10) Você gostaria de falar mais alguma coisa?

ROTEIRO COMPLEMENTAR PARA AS JOVENS MÃES

- 1) Como descobriu que estava grávida?
- 2) E como foi a recepção dos seus colegas de escola e professores quando ficaram sabendo da sua gravidez? O que suas amigas disseram?
- 3) Você e seu namorado planejaram a gravidez? O que você pensava em relação a ter filhos?
- 4) Você poderia me contar a história da sua gravidez, detalhadamente, desde o início, quando conheceu o pai de seu filho, o relacionamento amoroso até os dias de hoje?

- 5) Você acha importante que as mulheres tenham filhos? Por quê? Quais os motivos para ter filhos e quais os motivos para não ter?
- 6) Qual foi a reação da sua família e da família do seu namorado diante da notícia da gravidez?

APÊNDICE D
SÍNTESE - CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

NOME	Idade	Estuda	Escolaridade / Ensino médio	Profissão	Situação conjugal	Filho	Idade/ gravidez	Situação conjugal dos pais	Profissão / Mãe	Profissão / Pai
Talita	18 anos	Não	2º ano	Atendente	Casada	Sim	17 anos	Separados	Doméstica	Segurança
Nicole	18 anos	Não	1º ano	Não trabalha	Casada	Sim	16 anos	Separados	Cabeleireira	Funileiro
Júlia	17 anos	Não	3º ano	Recepcionista	Solteira	Sim	15 anos	Separados	Dona de casa	Operador de máquinas
Pamela	15 anos	Sim	1º ano	Não trabalha	Solteira	Não	----	Separados	Secretária	Caminhoneiro
Letícia	18 anos	Sim	3º ano	Não trabalha	Casada	Não	----	Separados	Doméstica	Pedreiro
Laura	16 anos	Sim	2º ano	Não trabalha	Solteira	Não	----	Separados	Cozinheira	Caminhoneiro